

MAU TEMPO PROVOCA DESTRUIÇÕES NO LITORAL

Inundada no Porto a zona ribeirinha

Bairro invadido pelas águas na Costa Nova • Uma das maiores cheias dos últimos anos no Ribatejo • "Rabo de tufão" na Caparica • Um operário morto em Sines

(Pág. 10)

PORTO, 27 — O temporal que se fez sentir no último fim-de-semana causou elevados danos materiais no Norte do País. As águas das chuvas provocaram inundações em diversos locais e engrossaram o caudal do rio Douro, que na tarde de ontem, após nove anos de intervalo (a última cheia ocorrera em 1969), galgou a barreira do cais e inundou a Ribeira, Miragaia, Afurada e outras zonas ribeirinhas. Como sempre acontece nestas alturas, as casas e estabelecimentos comerciais da zona ribeirinha foram tomadas «de assalto» pelas águas, tendo os seus locatários de refugiar-se nos andares superiores. Muitas foram as famílias que tiveram de ser desalojadas, levando os seus poucos haveres para as zonas secas.

Entretanto, na madrugada de hoje, cerca das 5 horas, o nível das águas do Douro, na Régua, baixava de 12,50 para 12,40 e às 9 horas tinha já descido para 11,92, com tendência a baixar ainda mais.

Contudo, a situação dos moradores da zona ribeirinha continuava a ser a mesma, já que as águas permaneciam dentro das casas e dos estabelecimentos. O rio Douro apresenta ainda um caudal volumoso devido ao facto de barragens se verem obrigadas a abrir as comportas, para avenidas do Brasil e de Montevideu e a Esplanada do Rio de Janeiro, na Foz do Douro, causando estragos consideráveis, já que transformaram a faixa de rodagem numa autêntica pedreira de paralelepípedos.

Também a via férrea foi atin-

gida pelas águas das chuvas perto da estação de Areito, onde a circulação foi interrompida cerca das 20 horas de ontem, situação que se mantinha ainda esta manhã.

Em Avintes (Gaia) as águas das chuvas inundaram o primeiro piso da secção de acabamentos de uma fábrica de capacitores per-

tencente ao sr. Arnaldo Matos Fernandes, causando prejuízos avaliados em cerca de 1000 contos. Também na praia do Areinho as águas inundaram várias habitações e o restaurante local, que tiveram de ser várias embarcações fundeadas no Douro tiveram de reforçar as amarras e encontraram-se impedidas de sair a barra.

As maiores cheias do Douro ocorreram em 1909, 1962 e 1969.

Em 1909 as águas atingiram, na Régua, 21 metros, em 1962 a altura das águas chegou a 22 metros e em 1969 a sua altura foi aos 13,90 metros. Ontem, na Régua, as águas atingiram os 12,50 metros de altura.

O TEMPORAL EM ESPINHO

Em Espinho o mar invadiu toda a zona litoral, obrigando os moradores a abandonar as suas casas. A força das águas arrancou «paralelos» das ruas e causou danos consideráveis. A via que vai da Rua até à Praia da Seca, onde se investiram alguns milhares de contos, ficou esventrada em vários pontos.

A Rua 2, situada na parte ocidental da cidade, foi a vítima maior do ataque do mar que destruiu candeeiros da iluminação pública e provocou danos em diversas moradias. Foi grande o trabalho dos bombeiros, que se desdobraram em esforços para limpar as sarjetas a fim de darem bom escoamento às águas.

Também as praias a Norte e a Sul de Espinho foram flageladas pelas vagas alterosas. Na água os pescadores viram-se obrigados a retirar os caixes dos seus ancoradouros, levando-os para local seguro. Valeu a esta zona piscatória o paredão acabado de construir há pouco tempo que travou a investida das águas e evitou uma grande desastosação.



Rescaldo do «rabo de tufão» na martirizada Costa da Caparica: moradores «catam» tábuas das casas no areal

Criada a Confederação Nacional da Agricultura

O sector da Agricultura agitou-se durante o último fim-de-semana. Milhares de assalariados rurais, pequenos e médios agricultores e seareiros participaram em três reuniões das quais saíram conclusões importantes, integradas numa estratégia de luta pela defesa da Reforma Agrária e pela «salvação» de uma lavoura assente em métodos arcaicos, onde os camponeses continuam ainda a trabalhar ao sa-

ber do acaso e sem regalias sociais. Por isso se exigem, tanto num caso como noutra, apoio técnico e planificação.

Em Évora os representantes das UCP's e Cooperativas Agrícolas da zona de intervenção da Reforma Agrária propõem-se levar para a frente uma boa campanha de culturas de Primavera, tendo, no entanto, exigido do Governo a colaboração que este até agora se negou a dar (pág. 20). Por ou-

tro lado em Santarém cerca de 600 pequenos agricultores e seareiros exigiram a satisfação das reivindicações que há muito vêm a reclamar (igualmente pág. 20).

O mais significativo, porém, foi sem dúvida, o Encontro das Organizações da Lavoura, que decorreu em Coimbra. Nele intervieram 728 delegados, representantes de 233 organizações, e foi aprovada a «Carta Nacional da Lavoura», docu-

mento que contém as reivindicações daqueles que trabalham directamente a terra quer em propriedade sua quer em terra de renda. Dele nasceu a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), organização que pretende quebrar o isolamento dos agricultores e ao mesmo tempo ser um interlocutor válido e representativo da Lavoura no diálogo com o Governo.

(Pág. 7)

Um poeta militante

Num país de Acácios e de bachareis, o caso de José Gomes Ferreira assumiria sempre, com a força da sua personalidade inconformista, independente e criadora, a craveira das grandes excepções. Mas acontece que Gomes Ferreira é também um dos maiores poetas portugueses vivos, cuja juventude desponta através da sua cabeleira branca e cuja originalidade inesgotável atravessa os cânones de várias gerações de poetas.

Mas, para além de tudo isto, José Gomes Ferreira não dirige os seus voos para longe dos homens seus irmãos. Ele é o «Poeta Militante» do nosso mundo. Assim o analisa, estuda e compreende Mário Dionísio num ensaio que constitui um destacável que o «DL» hoje pu-



blica, associando-se assim às homenagens que um pouco por toda a parte têm vindo a ser feitas ao lírico por acasão do lançamento da sua obra completa — três volumes até à data.

Eanes com Colombo

O Presidente da República recebeu ao fim da manhã em Belém o presidente do Parlamento Europeu, Emilio Colombo, que desde ontem se encontra de visita oficial a Lisboa.

Esta tarde, Colombo avistar-se-á com Mário Soares, sendo depois recebido na Assembleia da República, onde discursará.

O dirigente italiano da CEE chegou ontem a Lisboa, depois de uma atribulada viagem que o levou a Faro, até que o aeroporto da Portela pôde ser aberto ao tráfego aéreo, com a melhoria das condições climáticas.

Ontem mesmo, Colombo teve «um jantar íntimo» com o ministro dos Negócios Estrangeiros, Sá Machado. Ainda hoje, o presidente do Parlamento Europeu almoçou a convite de Vasco da Gama Fernandes no Castelo de S. Jorge, estando previstos para a parte da tarde reuniões de trabalho com os representantes de todos os grupos parlamentares.

Emilio Colombo, que foi primeiro-ministro italiano entre 1970 e 1972, esteve na base dos esforços que conduziram primeiro à formação e depois ao alargamento da CEE, defendendo hoje a participação de Portugal, Espanha e Grécia naquela organização supranacional.

Ao mesmo tempo, tem defendido novos progressos no campo da coordenação das políticas económicas, nomeadamente no que se refere ao desenvolvimento de recursos financeiros comuns visando soluções para os problemas estruturais.

Amanhã, antes de partir de Portugal Emilio Colombo dará uma conferência de Imprensa no Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Novos membros do Governo

A hora a que o «DL» começa a circular está a realizar-se, no Palácio Nacional de Belém a cerimónia de posse dos últimos membros do II Governo Constitucional.

O Presidente da República empossará o novo ministro da Administração Interna, Jaime Gama e os secretários de Estado da Administração Regional, Miranda Calha, da Função Pública, António Esteves, da População e Emprego, José Amaral e da Administração Pública, José Manuel de Meneses.

Este último será secretário de Estado do ministro da Reforma Administrativa, o CDS Rui Pena, até agora desempenhando funções na Presidência do Conselho, como secretário-geral.

É também membro do Partido Socialista.

Será ainda empossado esta tarde o subsecretário de Estado do Tesouro, cargo que se encontrava vago desde a demissão de Consiglieri Pedrosa. O novo titular será José de Oliveira Marques, considerado nos meios político-financeiros como um dos «homens de Vitor Constâncio». O novo subsecretário nasceu em Lourenço Marques, em 1944 e é licenciado em Finanças pelo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras. Exerceu a maior parte da sua actividade em Moçambique, onde foi secretário provincial da Economia, tendo estado ligado ao Banco Nacional Ultramarino. Depois do 25 de Abril, participou nas delegações portuguesas que negociaram a independência daquela ex-colónia. Ultimamente desempenhava as funções de presidente do CA da Sociedade Central de Cervejas, não lhe sendo conhecida nenhuma filiação partidária.

Forte representação portuguesa nos dois anos da RASD

Uma forte representação portuguesa, composta por dirigentes partidários, jornalistas e activistas de organizações de cooperação e solidariedade, participa, hoje, nas comemorações do segundo aniversário da proclamação da independência da República Árabe Saaraui Democrática que estão a decorrer-se num dos campos de refugiados do Sara Ocidental.

A independência foi proclamada pela Frente Polisário a 27 de Fevereiro de 1976, para preencher o vazio político formado com a retirada do exército espanhol e como disposição da Frente Polisário tem multide combater, de imediato, os novos ocupantes, marroquino e mauritano, a quem o território da antiga colónia espanhola foi entregue pelos Acordos de Madrid, assinados ainda em vida do ditador Francisco Franco.

A Frente Polisário tem multiplicado os seus contactos com partidos e forças políticas portuguesas. Este ano dirigiu convites ao PS e ao PCP, à UDP, ao MES e à UEDS, para se fazerem representar nas comemorações.

O Partido Comunista Português, que até agora nunca tomou publicamente posição sobre o conflito e que no ano passado não se fez representar nas comemorações do primeiro aniversário, decidiu enviar este ano um membro do seu Comité Central. No dia 4 deste mês estivera em Roma, numa conferência de solidariedade, um elemento da UJC.

Por seu turno o PS não aceitou o convite, não obstante a Juventude Socialista também ter participado em Roma, recentemente, na conferência de solidariedade com a Frente Polisário.

Contactado pela Anop, um responsável do PS escusou-se a comentar esta decisão do seu partido, que alguns observadores atribuem a um desejo de não prejudicar os acordos de pesca com a Mauritânia e o Marrocos, uma vez que o PS, como partido no Governo, está numa situação diferente da que tem o PS francês ou o PSOE, que são partidos na oposição.

A UDP, por seu turno, enviou uma representação a Amã, do Norte, um dos principais dirigentes da organização. Pelo MES encontra-se no Sara, Joaquim Banha. Estão ainda representados nas comemorações o CIDAC, por Carolina Quina e o Comité português de Apoio à Frente Polisário, por inter-

medio de Baptista da Silva. É bastante numeroso também o grupo de jornalistas portugueses destacados para cobrir as cerimónias do segundo aniversário.

O interesse que a Frente Polisário tem manifestado pela situação portuguesa resulta do «movimento dos capitães» e do processo de descolonização a que deu origem.

Em contacto informal com jornalistas portugueses, dirigentes da Polisário admitiram ter esperança de que a sua luta no Sara possa, mais tarde ou mais cedo, desencadear um Marrocos e na Mauritânia um «25 de Abril», quando os militares desses países chegarem à conclusão de que travam uma guerra injusta e sem perspectivas de vitória.

A Frente Polisário, que iniciou a 20 de Maio de 1973 a luta armada contra as forças coloniais espanholas, que então controlavam o território do Sara Ocidental, luta actualmente contra as forças marroquinas e mauritanas, que ocupam os centros populacionais e as minas de fosfatos da antiga colónia espanhola, na sequência do acordo tripartido assinado a 14 de Novembro de 1975 entre a Espanha, o Marrocos e a Mauritânia.

A República Sariana foi já reconhecida por doze países árabes e africanos, entre os quais Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Muitos outros reconhecem a Frente Polisário como o único representante legítimo do Povo Sauri.

A RASD reivindica como seu território nacional o território do antigo Sara Espanhol, uma área de 284.000 quilómetros quadrados com fronteira a Norte, com o Marrocos, a leste, com a Argélia e a sul, com a Mauritânia.

A região norte (Saguia El Hamra) actualmente em poder do Marrocos, é a mais rica em fosfatos, situando-se aí as minas de Bou Craa, além de outras cujas reservas são estimadas em dez mil milhões de toneladas e têm a vantagem de poderem ser exploradas a céu aberto, ficando apenas a uma centena de quilómetros do porto de escoamento.

A zona sul do território (Rio de Oro), foi entregue à Mauritânia pelo acordo tripartido de Madrid e a sua costa é particularmente rica em peixe, calculando-se em um milhão e quinhentas mil toneladas o pescado ali capturado anualmente, sobretudo por barcos sul-africanos, japoneses e espanhóis.

Festa de solidariedade no Teatro Aberto

O segundo aniversário da proclamação da independência da RASD é assinalado, hoje, em Lisboa numa festa de solidariedade com o povo do Sara, marcada para as 21 e 30 horas no Teatro Aberto, à Praça de Espanha.

Participam cantores e grupos de teatro; serão recitados poemas anticoloniais e vai ser exposta a situação actual do conflito nas frentes militar e diplomática.

Do programa constam intervenções políticas por um

membro do Comité Português de Apoio, canções por Adriano Correia de Oliveira, Zeca Afonso, Zé Mário Branco, Vitorino, Fausto e Tino Flores, entre outros cantores progressistas, participações do Grupo de Acção Cultural e da Comuna, para cantar as músicas da peça «Mãe» e poemas lidos por Mário Viegas, Fernando Assis Pacheco e José Fanha.

Parte da sessão será ocupada com um diaporama com imagens sonoras e visuais do Sara.

Lopo do Nascimento destaca papel de Eanes nas relações com Angola

«As iniciativas do Presidente Eanes constituem um factor positivo com vista à normalização plena das relações entre Portugal e a República Popular de Angola», afirmou à ANOP, em Bissau, o primeiro-ministro, Lopo do Nascimento ao concluir a sua visita oficial à Guiné-Bissau.

Lopo do Nascimento recordou a propósito que ainda há dias o presidente Agostinho Neto havia elogiado a acção do general Ramalho Eanes no processo de aproximação dos dois países. Sendo-lhe colocada a questão de eventuais atrições resultantes da nacionalização de empresas com interesses portugueses na RPA, Lopo do Nascimento considerou essas nacionalizações como coisa normal, «em função da sociedade que decidimos criar».

A visita do Primeiro-Ministro angolano a Bissau ficou assinalada politicamente como novo esforço para retomar a solidariedade organizativa existente entre as antigas colónias portuguesas no período da luta contra a ocupação portuguesa. Nesses anos de luta, a CONCP agrupou os movimentos de libertação, coordenando-lhes a actividade política e até militar e facilitando os avanços que se foram solidificando no terreno.

Após a independência das antigas colónias portuguesas a CONCP foi perdendo razão de ser. Simplesmente os movimentos de libertação que hoje estão no poder em Angola, na Guiné e Cabo Verde, em Moçambique e em S. Tomé e Príncipe não conseguiram criar um organismo que a substituisse.

Ao regressar a Luanda, Lopo do Nascimento, que entretanto visitara S. Tomé e Príncipe, Cabo Verde e Guiné-Bissau admitindo, «a possibilidade de ainda este ano se efectuar uma cimeira dos chefes de Estado ou de Governo dos países afri-

canos de expressão portuguesa».

Durante um jantar que lhe foi oferecido pelo seu homólogo guineense, o Primeiro-Ministro da RPA congratulou-se com os resultados obtidos nesta deslocação aos três jovens



Ramalho Eanes

países destacando «os passos importantes dados em direcção a um efectivo reforço da nossa cooperação económica».

Lopo do Nascimento anunciou para os próximos meses mais algumas iniciativas no domínio da cooperação económica entre as ex-colónias portuguesas de África pomenorizando que o encontro de alto nível que terá lugar até ao fim deste ano servirá para se fazer um balanço deste novo tipo de relações entre os cinco países.

RENASCE O ESPÍRITO DA CONCP

O comunicado final da visita do chefe do Governo angolano a Bissau distribuído na manhã de ontem, prevê para Abril a realização, em Cabo Verde, de

um encontro dos ministros dos Transportes e Comunicações dos países africanos de expressão portuguesa.

Estas informações garantem-nos que esta «tourné» de Lopo do Nascimento dá novas expectativas para a cooperação,



Lopo do Nascimento

a todos os níveis, entre os países progressistas nascidos da luta contra o colonialismo português, cooperação essa tanto mais necessária quando se assiste a novas escaladas imperialistas em África, não raro servindo-se da acção dos regimes mais conservadores do próprio continente africano.

Há cerca de um ano, quando a reunião de ministros das antigas colónias portuguesas, efectuada em S. Tomé e Príncipe, assinava a sentença de morte da CONCP, sem ter substituído as suas estruturas por algo mais que umas não cumpridas promessas de cooperação, país a país, estava-se longe das esperanças que as declarações de Lopo do Nascimento fazem renascer. Não se trata, aliás, só de declarações

pois ainda no início deste mês o presidente Luís Cabral, da Guiné-Bissau enviou dois homens da sua confiança pessoal a Maputo (Alexandre Nunes Correia) e a Luanda (José Araújo) com mensagens pessoais a Samora Machel e a Agostinho Neto exactamente no sentido de reforçarem a solidariedade antiga na perspectiva de acontecimentos importantes que estão a verificar-se em África. Nomeadamente a egidização dos conflitos no Sara Ocidental e no Corno da África e as ameaças de rodear S. Tomé e Príncipe. O próprio Presidente são-tomense esteve recentemente em Luanda com idêntico objectivo.

Observadores notam, também, que da parte de Moçambique há de momento uma maior abertura em relação a este esforço de solidariedade no espírito da CONCP. Até aqui tem sido exactamente Moçambique a apor maiores dificuldades para que a Conferência renasça, agora que todos os seus antigos integrantes são independentes. Veja-se que, ainda, em meados do corrente, na Reunião de Ministros de Educação que se efectuou em Bissau, sob a égide do PAIGC foi da República Popular de Moçambique que chegou para a reunião o funcionário menos qualificado.

Relativamente à visita de Lopo do Nascimento a Bissau o documento final destaca a existência de uma «unidade de pontos de vista» dos dois países em relação a uma série de problemas internacionais, nomeadamente no apoio a FRETILIN.

Quanto a S. Tomé e Príncipe as delegações dos dois países reafirmam a disposição comum de conceder àquela ex-colónia «toda a ajuda necessária para garantir a defesa da sua soberania e integridade».

LEI DE CARMONA É PRETEXTO Três de Beja continuam suspensos dos empregos

Luís Ganhão, um dos catorze antifascistas absolvidos, no início de Janeiro deste ano, pelo Tribunal da Comarca de Beja, continua afastado das suas actividades de funcionário da Direcção de Finanças, com o ordenado suspenso. O mesmo acontece com dois arguidos do processo, os irmãos e professores de Educação Física, António Palmilha e Ambrósio Palmilha.

Relativamente a Luís Ganhão, o seu pedido de reintegração foi há dias indeferido por um despacho do secretário de Estado do Orçamento, sob a alegação de que o mesmo só poderá ser posto à apreciação da Administração Fiscal após o trânsito em julgado da sentença em causa.

Este indeferimento, segundo refere um comunicado assinado em conjunto pelos catorze antifascistas de Beja constitui uma afronta aos mais elementares princípios jurídicos, já que: «1 — O recurso sobre uma sentença não tem carácter suspensivo; 2 — O despacho foi dado na base de um Estatuto Disciplinar Fascista (datado do tempo de Carmona), mau grado a Constituição Portuguesa apontar para uma Sociedade Socialista; 3 — Segundo ainda a Constituição, todo o

cidadão é considerado inocente até ao trânsito em julgado da sua condenação. Ora, no que nos toca, ao privarem-nos do salário-pão, estão-nos a considerar, na prática, condenados, quando nem sequer fomos julgados, dando que os delitos de que seríamos presumíveis autores, foram considerados de natureza política e, por consequente, amnistiados pelo Natal de 1976».

Enquanto tudo isto acontece, frisa o comunicado, «o director do Centro Regional da Reforma Agrária de Beja, Romana Martins, agora nomeado, por parte do Estado, para a administração da Herdade dos Machados, tem-se sempre mantido oficialmente ao serviço, apesar de se encontrar, desde há algum tempo, em liberdade sob uma caução de cem contos, por processo de burla».

«Que justiça é esta?», será a interrogação que, face a esta dualidade de critérios, necessariamente ocorre, mais pertinente ainda se acrescentarmos, entretanto, que outro dos «14 de Beja», Jorge Caneira, suspenso também na mesma base do mesmo Estatuto Disciplinar Fascista, seria reintegrado no dia seguinte ao do julgamento.

BOA COLOCAÇÃO COM BOM VENCIMENTO

Poderá obter se frequentar os cursos de:

- PROGRAMAÇÃO DE COMPUTADORES
- ELECTRÓNICA DIGITAL - SUA INTRODUÇÃO AOS COMPUTADORES
- PERFURAÇÃO E VERIFICAÇÃO IBM (sistema individual)
- DESENHADOR DE CONSTRUÇÃO CIVIL
- MEDIDOR ORÇAMENTISTA DA CONST. CIVIL
- TOPOGRAFIA
- GESTÃO E ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS
- CONTABILIDADE
- CONTABILIDADE INDUSTRIAL E GESTÃO ORÇAMENTAL
- RELAÇÕES PÚBLICAS ● PUBLICIDADE
- MARKETING ● TÉCNICA DE VENDAS
- SECRETARIADO ● HOSPEDEIRAS (hótesse)
- DECORAÇÃO DE INTERIORES

Os nossos alunos beneficiam de: PROFISSÃO-ACTUALIZAÇÃO-VALORIZAÇÃO-APOIO NO EMPREGO
As inscrições encerram 6.ª feira

INSTITUTO DE APERFEIÇOAMENTO TÉCNICO ACELERADO

EM LISBOA: Rua Nova da Almada, 81 - 3.º Tel. 325577 e 371032
NO PORTO: Rua de Santa Catarina, 310

ponto a ponto



O Partido Comunista põe reticências à abertura de conversações com o Governo, mas aceita e considera vantajosas quaisquer negociações bilaterais com o Partido Socialista. Este é o resumo de uma intervenção de Carlos Costa, do CC do PCP, sábado à tarde, na RTP. Como se sabe o PCP tem seguido uma linha de severa crítica ao actual Governo, denunciando os efeitos da presença do CDS na área do poder.

De Janeiro a Outubro do ano passado foram desembarcadas nos portos do continente e ilhas 206.027 toneladas de pescado, menos 227 toneladas do que em igual período de 1976. Este pescado representou no entanto um valor de 4.978.227 contos, mais 719.590 contos do que nos dez primeiros meses de 1976 — isto porque, no espaço de tempo decorrido entre o estabelecimento das duas estatísticas, se registaram consideráveis aumentos no preço do peixe os quais justificam a diferença.



O responsável pelo MEC, Sottomayor Cardia, participou ontem na abertura do III Encontro das Associações de Pais. Durante a reunião, que se realizou na Reitoria da Universidade de Lisboa, Cardia anunciou a próxima elaboração pelo seu ministério de um trabalho em que se apresentem as diversas alternativas em relação à reforma do ensino.

A bandeira da Região Autónoma dos Açores não será igual à do movimento separatista FLA, segundo, garantiram fontes oficiais. Segundo uma carta de alguns dos seus membros, publicada no diário terceirense «A União», a bandeira açoriana será azul e branca, tendo sobre a linha divisória o escudo dos Açores e a divisa «Antes morrer livres, que em paz sujeitos».



Em declarações ao vespertino «A Luta» o presidente do segundo partido governamental (o CDS), disse que a integração da IS no PS (que aliás se não efectivou) «pronuncia o regresso dos militares aos quartéis», considerando ainda a anunciada (mas posteriormente desmentida) integração como positiva para o PS.

Comemorou-se no passado sábado o 125.º aniversário do nascimento do fundador dos Púlpitos do Exército, General António Xavier Correia Barreto. As cerimónias promovidas por aquele estabelecimento de ensino constaram de um desfile em frente ao Mosteiro dos Jerónimos, seguido-se missa e de uma romagem à campa do general, no Cemitério dos Prazeres.



PERU VAI ÀS URNAS EM JUNHO

LIMA — (IPS) — Treze partidos e organizações políticas que se apresentam às eleições constituintes do próximo dia 4 de Junho apoiam-se em quase 900 mil assinaturas.

A convocatória para estas eleições foi o primeiro passo concreto no sentido da transferência do poder, actualmente exercido pelas Forças Armadas. A Assembleia Constituinte, que terá 100 membros, deverá elaborar uma nova Carta Política para este país, que institucionalize as reformas estruturais postas em prática nos dramáticos anos de regime revolucionário castrense.

Na nova Constituição há-de resolver-se como será a futura estrutura de Governo do Peru e naturalmente será estabelecida a forma como se procederá para elegê-lo. Os partidos que se apresentam à Constituinte têm, por conseguinte, a possibilidade de criar as

pautas dentro das quais competirão pelo poder em 1980, quando os militares deixarem definitivamente o poder.

A primeira etapa do processo revolucionário foi dedicada à demolição de estruturas sociais e económicas que caracterizavam este país. A reforma agrária, empresa, comércio, educação, etc., foram atacadas com energia e contundência.

A segunda fase, iniciada com a subida do general Morales Bermúdez à presidência, tende a rectificar a actividade exercida, para suprimir alguns aspectos considerados como «desvios radicais» por aqueles que têm neste momento o leme em suas mãos.

Os grupos políticos direitistas interpretaram a atitude rectificadora da segunda fase como uma oportunidade para desfazer o que estava feito até agora e adiantaram, com evidente imprudência, que na nova Constituição

se eliminariam algumas reformas.

Na sua última conferência de Imprensa o presidente Morales Bermúdez advertiu que as Forças Armadas dissolveriam a Assembleia Constituinte se esta pretendesse ignorar as reformas estruturais na nova Constituição e recordou que a convocatória para as eleições tinha determinado claramente qual era o papel da Assembleia.

Os treze partidos inscritos até ao momento têm que mover-se dentro deste parâmetro, mas por outro lado alguns deles, especialmente os grupos direitistas, tratam de criar condições políticas novas, aproveitando a beligerância aberta da Imprensa opositora. A reforma agrária, o controlo estatal do comércio externo, os instrumentos de autogestão, etc., são vituperados e apresentados como causa da crise económica que o país vi-

ABRAHAM LAMA

ve e que, por conseguinte, na que destruir ou desviar mediante a Assembleia Constituinte.

Por conseguinte o futuro da revolução peruana, ou das transformações que no seu conjunto são denominadas com esta expressão, está sob a influência dos resultados aritméticos de uma eleição em que intervêm seis partidos direitistas e sete de esquerda.

O número de assinaturas recolhidas pelos dois sectores, esquerda e direita, é quase equivalente. Os seis partidos conservadores obtiveram cerca de 466 mil assinaturas de apoio. Os sete de esquerda pouco mais de 403 mil.

Estes primeiros números serviram para a especulação e vaticínio em que de imediato se lançaram os «analistas de café». Assinala-se, a

política



AUSTERIDADE-1

A quatro prestigiosos diários europeus concedeu uma entrevista o nosso Primeiro-Ministro. Por intermédio de «Le Monde», «Die Welt», «La Stampa» e «The Times», a Europa ficou informada da nossa política e das nossas dificuldades e os Portugueses ficaram prevenidos de que uma «política de austeridade» vai ter pesados custos sociais. Não haverá outro remédio. Pagar a factura. Mas, ao menos, que a expressão «custos sociais» corresponda a uma repartição equitativa dos sacrifícios e que estes não sejam exigidos, com particular rigor, aos que trabalham e produzem.

Não se censura a austeridade. Mas censura-se a unilateralidade da austeridade e a superficialidade das decisões que pretendem impor uma austeridade só para alguns. É não se admitir que o Governo se exclua da austeridade ou que os militares beneficiem de vantagens especiais. Não nos referimos só ao preço da gasolina. De resto não se entende — e somos amigos dos «Capitães de Abril» — mas mais amigos da verdade e da justiça — que exista um preço especial de gasolina para militares e que não exista um preço especial de gasolina para médicos ou para professores.

Os privilégios de classe, ou de casta, não são compatíveis com a sociedade democrática. Os preços e as condições de abastecimento terão que ser as mesmas para civis e para militares, para funcionários públicos, para trabalhadores dos serviços, para trabalhadores industriais. Em época de austeridade, e quando se anunciam sacrifícios, esta reivindicação de igualdade democrática em relação a situações concretas adquire mais força. Austeridade, sim. Mas para todos.

AUSTERIDADE-2

E deverão ser os representantes e os órgãos do próprio Estado, o Presidente da República, o Governo, a Assembleia da República, a darem o exemplo da austeridade. Ninguém o contestará. Não se propõe a miserabilidade que afecte a dignidade das funções e a qualidade e o decoro das representações, mas preconiza-se que se evitem certas despesas. Há casos que mal se compadecem com a austeridade, com pesados custos sociais, que o Primeiro-Ministro anunciou.

Um desses casos é o da «Reunião da Primavera da União Interparlamentar», que está previsto que terá lugar em Lisboa de 27 de Março a 1 de Abril. A Assembleia da República elaborou para custear essa reunião primaveril um orçamento que não está em harmonia com a política de austeridade nacional.

O custo da reunião da União Interparlamentar no nosso País está orçamentado em 11.000 contos. Esta verba compreende custos relativos a pessoal, serviços de segurança, horas extraordinárias, gratificações diversas, transportes, serviços de secretariado (120 contos), serviços dos delegados (600 contos), excursão (120 contos), carros ligeiros (200 con-

tos), diversos (45 contos), ajudas de custo (600 contos), adaptações na Fundação Calouste Gulbenkian (mil e quinhentos contos), mobiliário (500 contos), papel, letrados e «crachas» (duzentos e setenta e cinco contos), aluguer de instalação de tradução simultânea (duzentos e trinta contos), fotocopiadoras (cento e oitenta contos), comunicações (100 contos), Gabinete de Imprensa (quinhentos contos), recepção oferecida pelo presidente da Assembleia da República (trezentos contos), almoço em Seteais oferecido pela Delegação Portuguesa (trezentos contos), corrida de toiros (cento e cinquenta contos), manifestação cultural (cem contos), passagem de modelos (cinquenta contos), presentes (mil e quatrocentos contos), etc., etc.

São escusados comentários. A austeridade não chegou à Assembleia da República. E o mais grave é que, no próprio programa, não vislumbra diferenças de atitude e de critério em relação ao «antigamente». Nem falta o pitoresco de ser mais importante a verba atribuída à «corrida de toiros» do que verba atribuída a uma «manifestação cultural». Merece igualmente, referência o facto da verba para presentes se decompor em duas, numa verba de mil duzentos e sessenta contos destinada a custear os presentes para os delegados, outra de cento e quarenta contos para pagar os presentes dos acompanhantes.

O orçamento prevê dois mil e quinze contos para «imprevistos», despesas de instalações, programa da reunião dos secretários-gerais.

Uma mais exigente noção de austeridade, um mais rigoroso sentido da responsabilidade democrática de uma política de austeridade que acarretará para a população portuguesa custos sociais elevados, aconselharia que se tivesse assumido o compromisso da realização desta custosa e desnecessária iniciativa em Portugal.

A Europa a quem andamos a solicitar auxílios compreendia um adiamento por motivo de uma política de austeridade. Ao passo que o Povo Português não poderá compreender que queimem onze mil contos em futilidades retóricas e turísticas.

AUSTERIDADE-3

Não se contesta a tradicional hospitalidade portuguesa, nem o decoro e a dignidade das funções governativas e da representação interior e exterior do Estado. Mas a «Reunião da Primavera da União Interparlamentar» representa um encargo cuja utilidade se não vislumbra e que poderia ter sido evitado. O aspecto mais grave é o que esta iniciativa da responsabilidade da Assembleia da República tem de sintomático. Os deputados assumem uma grande responsabilidade perante a opinião pública e perdem autoridade para criticarem outras eventuais despesas e outros encargos permanentes que não são compatíveis com a política de austeridade e com as reais dificuldades da Nação.

Escasseiam as verbas para a investigação científica para as escolas, para a assistência à terceira idade, para a formação profissional dos jovens que procuram um primeiro emprego, e gastam-se onze mil contos sem qualquer utilidade para corresponder a um compromisso tomado sem fazer contas, sem ter em conta que o País precisa de mobilizar todos os seus recursos para dar pão, trabalho e casa aos Portugueses que regressam dos territórios africanos que hoje são Nações independentes. Retornados e desempregados, diminuídos físicos e os reformados, não poderão aceitar que se dissipe o que lhes faz falta.

Uma política de austeridade é uma política de rigor e de exigência. Terá de ser o Governo a dar o exemplo. Porque só do exemplo lhe virá autoridade para pedir aos Portugueses sacrifícios, aos desfavorecidos novas privações, aos trabalhadores mais trabalho.

Pub

CCT COMÉRCIO RETALHISTA (LISBOA)

— PELA DEFESA
DA SEMANA INGLESA

— PELA GARANTIA
DE SALÁRIOS JUSTOS

— PELA SAÍDA URGENTE DO CCT

GRANDE PLENÁRIO GERAL DISTRITAL

28 Fevereiro - 3.^a feira
21 H

VOZ DO OPERÁRIO

ORDEN DE TRABALHOS:

1. Ponto da situação das negociações do CCT;
2. Medidas a tomar.

EM FRENTE
COM O CCT RETALHISTA!

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1978

A COMISSÃO SINDICAL NEGOCIADORA

Pub



Em obediência ao artigo 34.º e de harmonia com os estatutos, é convocada a Assembleia Geral ordinária, para exercer obrigatoriamente as atribuições previstas nas alíneas b) e c) do art.º 31.º, para o dia 12 de Março de 1978, pelas 10 horas, no Monte da Torre de Palma-Valemonte.

Ordem de trabalhos:

- 1.º - Aprovação do Relatório e Contas
- 2.º - Aprovação do Orçamento para o ano de 1978
- 3.º - Adesão do Sindicato à Federação dos Sindicatos Agrícolas da Zona Sul.

Portalegre, 22 de Fevereiro de 1978

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral
António Maria Pascoal

CDS criou "Gabinete-sombra"

Eleitos novos dirigentes

«O CDS mantém-se fiel a uma linha de apoio exigente relativamente ao Governo e respeitará cabalmente os termos do acordo político celebrado com o PS», afirma-se na moção aprovada no decorrer da reunião do Conselho Nacional dos centristas, que teve lugar no passado fim-de-semana em Lisboa.

Considerando que «a maioria governamental encontrada é confortável e tem condições de estabilidade», a citada moção do Conselho Nacional do CDS sublinha ainda a congratulação deste Partido «pelo modo, como internamente se desenvolveu, no respeito pelas regras democráticas, o debate relativo à formação do Governo», e acentuando o que considera «saudável clima de unidade e livre debate de opiniões existente no Partido».

O Conselho Nacional do CDS, diz ainda o documento, «não abdica, nem abdicará, do seu próprio objecto político democrata-cristão» e apela às organizações do partido para um «novo grande esforço» para os objectivos definidos no 2.º Congresso do partido.

Problemas dos deslocados e a recomendação à Comissão

Política para que sob proposta do Secretariado, examine e aprove «um documento orientador da acção dos trabalhadores democratas-cristãos na empresa e no meio sindical», constam ainda da referida moção.

CRiado GABINETE-SOMBRA

Outra decisão, que já vinha sendo enunciada na imprensa sob a designação de «gabinete-sombra», tomada pelo Conselho Nacional do CDS diz respeito à colocação de porta-vozes centristas para todos os Ministérios e Secretarias de Estado do actual Governo.

Os porta-vozes do CDS serão designados pelo presidente da sua Comissão Política, Freitas do Amaral, depois de ouvido o Secretariado da mesma Comissão, e «por período indeterminado e livremente revogável a todo o tempo».

As suas missões fundamentais foram assim escaladas: propor, no âmbito do partido, o desenvolvimento das políticas sectoriais defendidas pelo CDS em relação às diferentes



Pedro Vasconcelos, novo secretário-geral

áreas governativas, defender publicamente e divulgar as posições do partido nas matérias das suas atribuições e manter contacto regular com os membros do Governo, nas áreas respectivas, tendo em vista a execução do disposto num dos pontos do acordo PS/CDS.

Num documento saído da reunião desta tarde salienta-se que o conjunto dos porta-vozes «não constitui, de per si, um novo órgão colegial deliberativo do partido, nem afecta as competências próprias dos

órgãos nacionais estatutariamente previstos».

O CDS deliberou também tornar pública a lista dos seus porta-vozes, que devem ser designados no decorrer da próxima semana.

NOVOS DIRIGENTES

Atendendo à deslocação de dirigentes centristas para a área do Governo, provocada pela coligação PS/CDS, foram eleitos pelo Conselho Nacional novos líderes.

Francisco Oliveira Dias, Leal Loureiro e Leitão Paulo passam a exercer as funções de presidente e vice-presidente do Conselho Nacional.

Pedro de Vasconcelos substitui Basílio Horta como secretário-geral do partido e Ribeiro e Castro e Korth Brandão serão os novos secretários-gerais adjuntos, cargos agora criados. Rui Pena e Korth Brandão passam ainda a pertencer ao Secretariado da Comissão Política do CDS, onde figuram ainda membros do Governo como Basílio Horta, João Porto e Sá Machado, além de Rui Pena, como se disse.

A PROPÓSITO DOS AÇORES

Para Manuel Alegre os separatistas são os fascistas de ontem

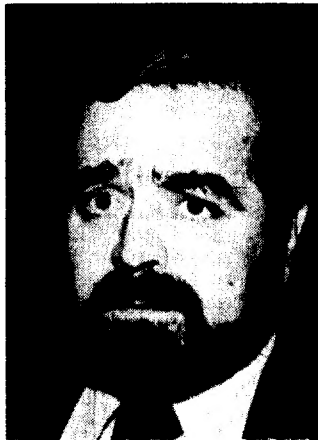
Decorreu este fim-de-semana em Angra do Heroísmo, nos Açores, o Congresso da Federação do PS das ilhas Graciosa, S. Jorge e Terceira. Na sessão de encerramento, realizada ontem no Teatro Angrense, Manuel Alegre e Eduardo Pereira produziram violentos ataques ao separatismo. Manuel Alegre pronunciou-se ainda sobre a não inclusão do PSD na coligação governamental, deixando transparecer novas críticas aos sociais-democratas.

No decurso dos trabalhos foram debatidos temas de política geral e de organização, bem como de política de trabalho e de sindicalismo, sendo ainda tratados assuntos relacionados com as autarquias locais, a acção cultural, a política social, e a economia regional.

Estiveram presentes cerca de seis dezenas de congressistas, em representação da Federação que representa aproximadamente 12 mil eleitores.

O PSD E O GOVERNO

«O Partido Socialista não chegou a nenhuma conclusão sobre a eventual entrada do Partido Social Democrata no



Manuel Alegre

segundo Governo constitucional, porque não sabia ao certo quem era o PSD e quem mandava no PSD».

A declaração foi feita por Manuel Alegre, no encerramento do Congresso da Federação do PS.

«Não se sabia se os dirigentes do PSD eram os sociais-democratas de Lisboa ou os chamados ruralistas do Norte, fiéis a Sá Carneiro», acrescentou aquele dirigente socialista, que

com o antigo ministro Eduardo Pereira se deslocou a Angra para os trabalhos do Congresso local.

ATAQUES AO SEPARATISMO

Por outro lado, Manuel Alegre — muito aplaudido por quem se encontrava no Teatro Angrense — verberou a existência de uma corrente separatista nos Açores, recordando que em 1962 esteve em serviço militar na ilha de São Miguel e não encontrou qualquer separatismo.

«Havia era fascistas e anti-fascistas e acontece que os fascistas de ontem são os separatistas de hoje», disse o antigo secretário de Estado da Comunicação Social, para o qual o separatismo é um fenómeno político artificial, que surgiu por oposição ao 25 de Abril.

«O separatismo», acrescentou, «identifica-se com os interesses de classe daqueles senhores que perderam o Poder, que perderam os privilégios e queriam fazer das ilhas uma base de agressão e de obstrução à Revolução do 25 de

Abril e à democracia portuguesa».

«A luta contra o separatismo», concluiu, «é inseparável da luta pela defesa da nossa democracia».

Por seu turno, Eduardo Pereira, também falou, essencialmente, do problema separatista, dizendo a dada altura que nenhum português, nenhum socialista, está interessado em políticas que sejam guiadas por qualquer ideia de separatismo.

ENCONTRO SOBRE ORGANIZAÇÃO

No sábado decorreu, entretanto, em Lisboa, o VII Encontro Nacional de Organização do PS, a que presidiu pela última vez Jaime Gama que, ao ser esta tarde empossado no cargo de ministro da Administração Interna abandona as funções que vinha desempenhando no âmbito do Secretariado Nacional do seu partido.

No Encontro foi feito um balanço das actividades partilhadas no mês de Fevereiro e preparada a actividade e coordenação do partido para o próximo mês, em todo o País.

SOUSA GOMES NO NORTE

Anunciados mais 500 fogos para este ano

Prevê-se que ao longo de 1978 estejam em construção cerca de 500 fogos, em todo o distrito do Porto — foi afirmado durante uma reunião, no Governo Civil do Porto, em que estiveram presentes, além do ministro das Obras Públicas, Sousa Gomes, o governador civil, Mário Cal Brandão, o vice-governador, Manuel Ramos e representantes das 17 Câmaras Municipais do distrito.

Na mesma ocasião, o ministro anunciou a intenção de promover este ano, 220 obras de equipamento rural e urbano e de saneamento básico que envolverão um investimento da

ordem do meio milhão de contos. As câmaras Municipais, terão fundos postos à disposição pelo Ministério da Habitação e Obras Públicas para aquisição de 332 hectares de terreno destinado a programas de habitação.

«Os investimentos propostos para o ano em curso, no distrito do Porto, ultrapassam os 800 mil contos, cabendo às construções escolares e à Junta Autónoma das Estradas, as verbas mais significativas» informou ainda o ministro das Obras Públicas na sua intervenção. Em seguida, os representantes

das autarquias expuseram os problemas com que se debatem e sugeriram soluções.

TEMPORAL IMPEDE VISITAS

O forte temporal de sábado à tarde no Porto, levou o ministro da Habitação e Obras Públicas a cancelar a visita às obras de recuperação da zona degradada do Barredo e Fonte Taurina.

Na Câmara Municipal do Porto, o ministro e secretários

de Estado haviam-se reunido com representantes das Juntas de Freguesia da cidade, que lhe expuseram as carências e dificuldades das suas autarquias.

O problema da habitação foi o mais afluído, tendo sido apresentados casos de degradação de casas onde com este tempo invernal vivem famílias em verdadeiro pânico.

O ministro aceitou algumas sugestões apresentadas para a resolução imediata de casos pontuais, e mais prementes. Acentuou porém, que o problema pelo seu volume não pode ter resolução a curto prazo.

**Banco da Agricultura****Banco de Angola****Banco Pinto de Magalhães****agora...**

UNIÃO DE BANCOS **PORTUGUESES**

Continuamos uma tradição de eficiência e dinamismo.

A solução dos problemas do futuro depende das realizações que empreendermos desde já.

O nosso amanhã começa hoje.

A acertada aplicação dos depósitos dos nossos Clientes, trabalhando no País ou no Estrangeiro, garante o nosso tradicional apoio às actividades produtivas de Portugal.

As nossas equipas técnicas estão diariamente empenhadas nesta empolgante tarefa.

Agora, com a integração dos três Bancos, somos uma nova dimensão no sistema bancário português.

A nossa actuação vai ser multiplicada, ainda mais eficiente e ao alcance de um maior número de Clientes.

Com mais de 100 balcões, uma dinâmica reforçada e um serviço personalizado.

UNIÃO DE BANCOS
PORTUGUESES

CONTE CONNOSCO

COFRE DE PREVIDÊNCIA DO MINISTÉRIO DAS FINANÇAS ASSEMBLEIA GERAL (SESSÃO ORDINÁRIA)

Vai reunir, pelas 21 horas do dia 31 de Março p.F., no anfiteatro do LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL, na Av. do Brasil, Lisboa, a Assembleia Geral, com a seguinte ordem de trabalhos:

- 1 — Informações.
- 2 — Apreciação e votação do relatório e contas da gerência finda em 31 de Dezembro de 1977, bem como o parecer do Conselho Fiscal.
- 3 — Apreciação e votação da proposta da Direcção, para fixação do limite máximo do subsídio até 250 contos, a que se refere o artigo 18.º dos Estatutos.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL
Dr. Carlos Alberto Andrade Neves

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DO COMÉRCIO DO DISTRITO DE LISBOA RAMO AUTOMÓVEL MOÇÃO

(aprovada em Plenário de sector a 22-2-78)

— Considerando que já decorreram mais de seis meses sobre a data de apresentação da proposta de revisão do C.C.T., sem que se tenham iniciado ainda as negociações;

— Considerando que esta situação se deve única e exclusivamente às posições que vêm sendo assumidas pela ACAP, que mais não pretende que reduzir o âmbito do CCT em vigor e, por essa forma, dividir os trabalhadores;

— Considerando que esta manobra se insere num plano mais vasto do patronato em boicotar a generalidade dos contratos colectivos, protelando indefinidamente o respectivo processo negociado;

— Considerando que os trabalhadores mais não pretendem do que manter o âmbito do CCT em vigor e a aplicação integral da lei da contratação colectiva;

Os trabalhadores do comércio automóvel do Distrito de Lisboa, reunidos em 22/2/78, decidem:

1. Repudiar vivamente a atitude de boicote e intransigência da ACAP em negociar a revisão do CCT;
2. Manter o apoio e confiança à CSN, com vista a continuar a lutar pela manutenção do âmbito do actual CCT e pela sua justa revisão;
3. Mostrar-se dispostos a encetar, em conjunto com todos os trabalhadores do ramo de todo o país, as formas de luta mais adequadas a uma solução rápida do presente impasse;
4. Mandatar o Sindicato do Comércio de Lisboa para, no plenário de Sindicatos outorgantes a realizar no dia 24/2/78 e tendo em conta a decisão de diversos plenários distritais, tomar a posição que melhor se ajuste à satisfação dos nossos interesses.

Lisboa, 24 de Fevereiro de 1978

ALMEIDA SANTOS NA GUARDA

"Este ano vai ser duro: é de apertar o cinto"

Desiludindo os membros da Assembleia Municipal da Guarda, a que preside, o ministro Adjunto do Primeiro-Ministro, avisou que este ano não era de esperar obras espectaculares já que «o ano vai duro», segundo disse.

«O Orçamento Geral do Estado não será aumentado em relação ao do ano transacto», disse Almeida Santos. «O povo português vai ter que fazer muitos sacrifícios, vai ter que apertar o cinto».

Face às críticas que os vogais da Assembleia iam fazendo ao Governo, o ministro, que acumula funções com as de Presidente da Assembleia Municipal, garantiu que a cidade da Guarda iria ter uma escola de Ensino Superior Curto e que, no âmbito do Serviço Na-

cional de Saúde, será ali criada a Escola de Enfermagem.

O ministro Adjunto do Primeiro-Ministro garantiu, por outro lado, que, embora não esteja ainda definido o traçado definitivo da auto-estrada Vilar Formoso-Aveiro, esta rodovia internacional não irá isolar a cidade da Guarda antes irá contribuir para o seu desenvolvimento.

Respondendo a outras críticas, nomeadamente ao facto exposto por um vogal, que acusou o Governo de negar à Guarda, que tem um aumento registado de 12.000 bovinos, subsídios para a pecuária e concedê-los, por exemplo, aos distritos de Viseu e de Castelo Branco que têm somente 2.000 e 2.500 bovinos, respectivamente, Almeida Santos disse

que, em sua opinião, o Governo pretendeu, certamente, com essa medida, estimular a criação de ovinos e a produção «desse espantoso queijo da serra, cujo tipo é único no mundo».

A terminar as suas considerações propôs à Assembleia que mandasse a mesa para esta entregar ao Governo uma exposição das reivindicações ali apresentadas, proposta que foi aprovada, tendo ficado encarregado o dr. Almeida Santos, de ser «o advogado da causa da Guarda», na expressão da própria Assembleia.

Interviu, também, nos trabalhos o presidente do Município da Guarda, que fez uma exposição sobre as actividades municipais em 1977, detendo-se, especialmente, nos auxílios

concedidos a muitas aldeias do concelho, particularmente no respeitante a abastecimento de água, reconstrução de edifícios escolares e arranjos de arruamentos e estradas municipais.

A Assembleia aprovou as várias propostas apresentadas pelo Município, mas numa delas, por sugestão do próprio presidente da Câmara, Abílio Curto, reduziu para um o número de vereadores que poderão colaborar em tempo inteiro com a Câmara.

Finalmente, conforme estipula a lei, criou o Conselho Municipal e elegeu o representante das Freguesias na futura Assembleia Distrital, escolha que recaiu em Deolindo Santos, presidente da Freguesia de Benesperra.

OCTÁVIO PATO NO LARANJEIRO

Ofensiva do capital vai aumentar

«As recentes afirmações atribuídas ao dr. Mário Soares, e reproduzidas por jornais estrangeiros, assim como as declarações de há poucos dias do ministro Vítor Constâncio, fazem prever que está para breve o início de medidas generalizadas no sentido de agravar ainda mais as já difíceis condições de vida dos trabalhadores e de outras camadas sociais. Tais declarações não se podem dissociar da recusa de alguns ministros a negociar ou na procura de soluções para as justas reivindicações de centenas de milhares de trabalhadores, incluindo os trabalhadores da Função Pública e professores».

Estas palavras foram pronunciadas por Octávio Pato, do CC do PCP, durante um comício realizado sábado no Laranjeiro, integrado na série de iniciativas promovidas este fim-de-semana pelos comunistas, um pouco por todo o País.

Octávio Pato apontou no seu discurso aquilo que classificou como «uma amostra» da prática do novo Governo, que acusou de estar virado para a recuperação do capital financeiro e dos monopólios.

«O patronato reacçãoário, com a ajuda ou conivência do Governo estão a recorrer a vários meios com o objectivo de intimidar e dividir os tra-



Octávio Pato

lhadores. Em certos casos, dão aumentos salariais só a técnicos, ou aumentos preferenciais, de forma a criar ambientes de divisão e hostilidade entre eles e os trabalhadores menos qualificados».

«Noutros casos recorre-se a despedimentos ou inquéritos aos trabalhadores mais combativos. Há estabelecimentos fabris dependentes do Estado onde se está a pôr em causa os direitos sindicais dos trabalhadores consagrados na Constituição ou a tentar impedir a existência de Comissões de Trabalhadores livremente eleitas. A administração de uma empresa ligada a uma multinacional a Le Petit

tave o deslante de prometer aumentos salariais, mas na condição dos trabalhadores se comprometerem a não fazer greve nos próximos dois anos. Segundo esses administradores, os Sindicatos e as Comissões de Trabalhadores estragam o ambiente, não são necessários e, na dita empresa, não devia haver política. Esta linguagem é bem a imagem do passado que alguns desejariam fazer reviver no país».

«Estes e outros exemplos, assim como algumas leis que se projectam discutir na Assembleia da República, visando restringir direitos conquistados pelos trabalhadores, designadamente sindicais, são já alguns dos resultados práticos da coligação do PS com o CDS, são uma amostra da capitulação do PS ante o CDS, o partido mais representativo do grande capital financeiro e dos monopólios».

Aplaudido por centenas de militantes e simpatizantes presentes, Octávio Pato referiu que perante este quadro há que reforçar a unidade dos trabalhadores das forças democráticas, não deixando, uma e outra, que a ofensiva capitalista as intimide.

«Os trabalhadores e as forças democráticas, não se deixarão intimidar e dividir, e

redobrarão, de esforços para ampliar a sua unidade, as suas lutas e as suas organizações de classe».

«Centenas de milhares de trabalhadores, milhares de pessoas de variadas profissões ou camadas sociais estão em luta em defesa das suas reivindicações. Os milhares de heróicos trabalhadores da Zona da Reforma Agrária, os ferroviários, os trabalhadores da indústria química, com destaque especial para os trabalhadores da Sociedade Nacional de Sabões, os trabalhadores do comércio, dos escritórios e da previdência, da metalurgia e da construção civil, os trabalhadores da Função Pública e os professores, milhares e milhares de trabalhadores de centenas de empresas mostram, através da sua firme luta, que estão dispostos a defender as conquistas democráticas saídas do 25 de Abril».

«A heróica luta dos trabalhadores de Luís Pedro Mendonça, que ontem assinalaram um ano de completa paralisação, por se recusarem a aceitar a devolução da empresa ao antigo patrão sabotador, é bem um índice do espírito de luta da classe operária e dos trabalhadores portugueses, da unidade e solidariedade proletária e democrática que importa reforçar e alargar».

VÍTOR CONSTÂNCIO E AS EXPORTAÇÕES PARA A CEE

Têxteis portugueses sem garantias

O ministro das Finanças e Plano, Vítor Constâncio, disse anteontem à sua chegada de Bruxelas, que a CEE quer forçar Portugal à «autolimitação» das suas exportações de têxteis.

O ministro português, que regressava de uma visita de 24 horas a Bruxelas para tratar de problemas relacionados com a eventual adesão de Portugal ao Mercado Comum, sublinhou nas suas declarações, que alguns países estão resolvidos a continuar a importar os têxteis portugueses.

Referindo que Portugal não aceita essas propostas de autolimitação à exportação dos têxteis para os países da CEE informou que o assunto se encontra «ainda em suspenso,

embora alguns países da Comunidade se preparem, aparentemente, para recomençar a aplicar unilateralmente e fora dos mecanismos previstos no acordo comercial» esse tipo de restrições.

Revelou, ainda, que o Governo português conta poder continuar a discutir o assunto durante o mês de Março, «por forma a chegar-se a uma conclusão satisfatória que respeite os termos do acordo comercial que temos com os países do Mercado Comum».

No decurso da sua estadia em Bruxelas o ministro teve encontros de trabalho com o vice-presidente da Comissão Encarregada das Questões do Alargamento da CEE, o deputa-

do italiano Natali, e com o Grupo de Trabalho, a que preside o sr. Kergolay, que trata da elaboração dos pareceres sobre os novos pedidos de adesão.

O ministro teve ainda uma reunião de trabalho com a missão portuguesa junto das Comunidades a qual é chefiada pelo embaixador Siqueira Freire.

No decorrer dos seus encontros com os altos funcionários da CEE, Vítor Constâncio informou sobre a situação actual da economia portuguesa e sobre a política económica do novo Governo e quanto aos planos de estabilização e a médio e longo prazo. O ministro referiu ainda a posição do seu Governo quanto às negociações com o Fundo Monetário Inter-

nacional (FMI), as quais deverão recomençar no próximo mês.

O ministro recolheu informação sobre o estado dos trabalhos relativos ao documento geral que a Comissão da CEE prepara sobre o alargamento e, em particular, sobre o estado do parecer sobre o pedido de adesão de Portugal.

Como já fora tornado público, a Comissão da CEE que estuda o caso português entregará o seu parecer ao Conselho de Ministros da CEE durante o próximo mês de Abril.

A resposta do Conselho deverá ser dada antes do Verão, devendo as negociações iniciar-se, então, no Outono do corrente ano.

COIMBRA: NASCEU A CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA AGRICULTURA

"As mãos que sabem acariciar a terra também são capazes de fazer justiça"

Reportagem de Lourdes Féria

Com a presença de uns milhares de agricultores decorreu durante o dia de ontem, no pavilhão Universitário de Coimbra, o Encontro das Organizações da Lavoura e dos Agricultores do Minho, Douro, Trás-os-Montes e Beiras, no qual os 728 delegados das 223 organizações que aderiram à iniciativa, aprovaram (por unanimidade) a «Carta da Lavoura Portuguesa». Este documento, resultante de uma viva discussão dos pontos contidos num texto que circulou em todos os plenários e reuniões de agricultores, efectuados por esse País fora, traduz as mais significativas preocupações daqueles que trabalham directamente a terra. Foi ainda decidido criar a Confederação Nacional da Agricultura (CNA), integrada pelas organizações que co-

dos... Quantia inferior ao subsídio de almoço de muitos trabalhadores... disse Luís Costa, membro da Casa do Povo de Espariz, a propósito da Previdência Rural um dos pontos incluídos no Documento submetido à discussão.

A assistência, homens e mulheres, de rosto marcado pelo rude trabalho do campo, sempre que as intervenções atingiam um certo calor, aplaudiam entusiasticamente o que mostra a receptividade aos problemas. Querem resolver e lutar (se for preciso).

Nenhum Governo ainda nos apoiou porque a vinda ao campo suja os sapatos. Também os técnicos, filhos dos ricos, não se dignam a sair do gabinete. Quanto ao seguro agro-pecuário até agora... nada. O ex-ministro António Bar-

roto que reuniu representantes de 45 cooperativas, de 56 Casas do Povo, de 57 baldios, de 36 Ligas e Uniões de 2 Mútuas de Gado, de 19 Comissões de Rendeiros, de 9 Organizações e 20 Reuniões de Agricultores.

Por causa da batata já se fizeram manifestações de rua, reuniões, comunicados e exposições dirigidas aos órgãos do poder...

Há cerca de um mês concentramo-nos em Bragança junto das instalações da Junta Nacional das Frutas. Esta prometeu que escoava a batata dentro de dois dias. Até hoje... Entretanto os grande intermediários andam a comprar batata a três escudos o quilo para depois, sob a capa de agricultores, a venderem à JNF a 5520. Por outro lado, a Junta



O Pavilhão Universitário, em Santa Clara, encheu-se de agricultores participantes

tema do Encontro. Disse Manuel da Eira, membro da Liga e da Comissão de Rendeiros de Vila Real, transmitindo o sentir de milhares de rendeiros de todo o País, que os artigos 17, 18 e 19 da nova Lei do Arrendamento Rural, conhecida pela «lei dos senhorios», deviam ser revogados.

VIVA A LEI DOS BALDIOS

Ao Povo o que é do Povo. Viva a Lei dos Baldios, com esta frase terminou Domingos Afonso, delegado de Boticas, o seu veemente discurso. Depois de afirmar que tinha ficado satisfeito por ver incluído no Documento do encontro, o problema dos baldios fez uma retrospectiva da luta que as povoações travaram contra os Serviços Florestais, no tempo do fascismo quando nos roubaram os baldios que por direito nos pertenciam.

Maria de Fátima Marinho, da Liga de Felgueiras, a única mulher que interveio no Encontro (ao nível da palavra), filha de rendeiros, debruçou-se também sobre o Arrendamento Rural tendo, porém, focado muitos outros problemas, nomeadamente a necessidade de uma cooperativa de consumo, apoio técnico, a questão do Crédito Agrícola concedido sob um critério justo e não pela cara dos associados do ex-Grémio da Lavoura da sua terra que continua a ser dirigido pelos mesmos senhores de antigamente.

A atitude do governador civil de Viseu que impediu a realização de uma reunião, na Escola de Cubos, no concelho de Mangualde, convocada para discutir o Documento do Encontro de Coimbra, foi contestada por Ramiro Rodrigues, membro do Conselho de Baldios daquela localidade.

ADEUS PORTUGAL

Nunca mais consentiremos que a lei dos Baldios seja derubada garantiu o delegado do Conselho de Baldios da freguesia do Penedo que reivindicou ainda adubos e pesticidas mais baratos. Fazendo uma análise da situação da lavoura comentou que se o Governo não der satisfação às reclamações exigidas pelos agricultores estes terão de emigrar para o Porto, Lisboa ou (até mesmo) para o estrangeiro. E então... Adeus Portugal. Sobre a desigualdade das pensões, entre homens e mulheres que considera «uma vergonha» o orador perguntou se as bocas dos homens e das mulheres são diferentes.

Discutiu-se ainda, pondo-se à aprovação dos presentes uma proposta relacionada com a idade estabelecida para a Reforma. Havia três alternativas: 62 anos para homens e 60 para mulheres; 60 para ambos os sexos; 60 para homens e 55 para mulheres. Depois de uma certa polémica, de protesto e assobios acabou por ser apro-

vada a segunda hipótese: sessenta anos para ambos os sexos.

Muito aplaudida seria a intervenção de Albino Teixeira membro da Liga de Fafe, pequeno agricultor, pai de quinze filhos, que costuma aparecer em todas as reuniões de agricultores. Das palavras constrói poesia com a maior das naturalidades. E quando quer também faz filosofia. Albino Teixeira é, na verdade, espectacular. Vocês que têm as mãos mais perfeitas do mundo e sabem acariciar a terra, também são capazes de com elas fazerem justiça... A propósito do nome do novo ministro da Agri-

cultura, dr. Luís Saias, o agricultor de Fafe fez um trocadilho que pôs toda a sala a rir. Assim, com verdade, sapiência e humor, Albino Teixeira diz as coisas mais duras...

As intervenções foram tantas e tão ricas que lamentamos não poder reproduzi-las todas.

O Encontro terminou com a aprovação do Documento no qual se introduziram algumas alterações, fruto de uma discussão democrática, participativa e participada. No final, apesar da chuva que fugitava a cidade de Coimbra, a Liga de Agricultores de Lavacinhos saiu para a rua com os seus bombos e dançarinos...

CAP reuniu em Aveiro para atacar Encontro de Coimbra

Cerca de mil e quinhentas pessoas participaram na reunião que a CAP organizou em Salreu, distrito de Aveiro, e onde a tónica dominante das intervenções foi o ataque à reunião de agricultores que à mesma hora decorria em Coimbra. Entre os presentes contava-se o Presidente da CAP, Tomás Correia.

Um dos oradores, Artur de Almeida, garantia que a falta de apoio do Governo à região de Aveiro tem impedido o Bai-

xo Vouga de se transformar num dos mais ricos «polders» da Europa e um enorme celeiro para o País.

Propriamente quanto à reunião de Coimbra em que foi criada a Confederação Nacional de Agricultores o referido orador considerou que os organizadores tinham conseguido «enganar jornais, partidos políticos democráticos e, mais espantoso, até alguns sectores da Igreja».

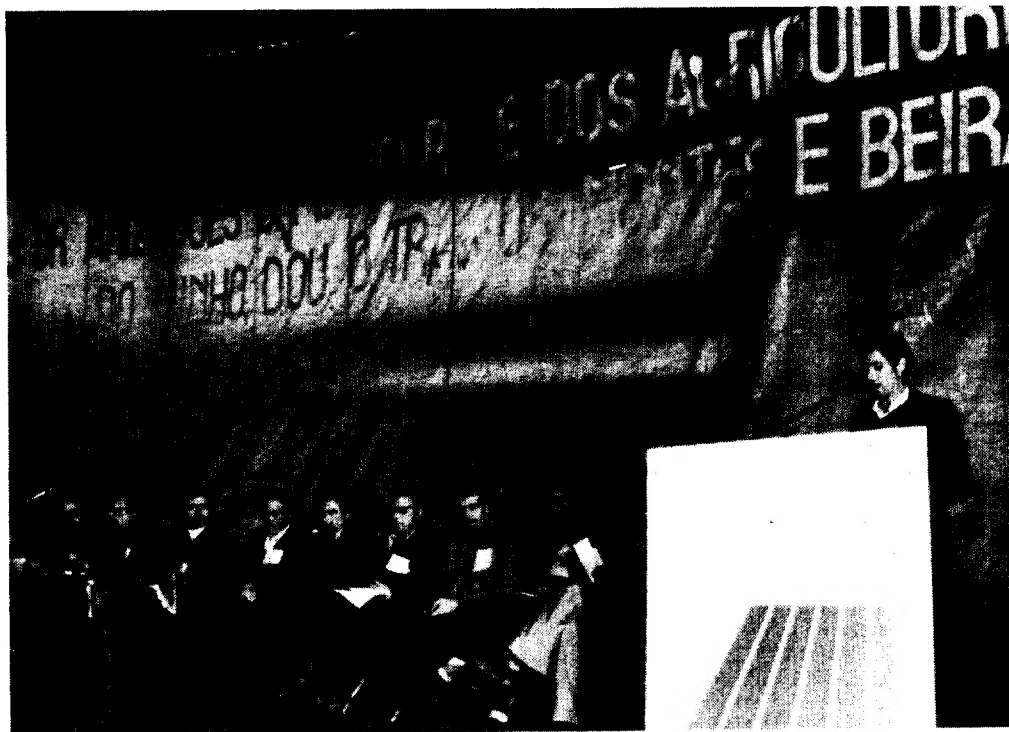
AINDA POR ORDEM DE BARRETO Devolvida ao proprietário a herdade da Guerreira

Por ordem de António Barreto, então ministro da Agricultura e Pescas, traduzida na Portaria n.º 119/78, com data de 4 de Janeiro, vai ser desocupada a herdade da Guerreira, situada no concelho de Arraioles, freguesia S. Gregório.

Tratar-se-ia segundo diz a portaria, de uma expropriação indevida pois a portaria que a expropriou, em 6 de Agosto de 1976, fê-lo como se o prédio pertencesse a Custódio José da Avó. Afinal, dizia António Barreto, em Janeiro para produzir agora efeitos, já que a

portaria vem publicada no Diário da República, de hoje, o prédio é propriedade de Parque Africano-Sociedade Jardim Zoológico Parque Africano, Lda.

Não se diz se o expropriado é o proprietário desse «Parque Africano», assim como não se lê na portaria se os trabalhadores ocupantes da herdade a passaram a cultivar melhor se criaram postos de trabalhos novos, e até, se precisam dos frutos da herdade da Guerreira para alimentar as suas famílias.



Um dos delegados usando da palavra durante o encontro. Est terminou com uma novidade: a formação da Confederação Nacional da Agricultura

laboraram no Encontro e cujos estatutos se definem pelo apertadismo político, apoliticismo religioso, independência perante o Governo, respeito absoluto pela autonomia e independência das organizações aderentes.

O Encontro saldou-se numa incontestável vitória para a Comissão Organizadora. Tendo por norma intervenções curtas (não acima de cinco minutos) e o respeito rigoroso pela ordem de trabalhos foi possível usarem da palavras umas dezenas de delegados. Depois de uma breve introdução feita pelo dr. Diamantino Matos, dirigente da Cooperativa da Cova da Beira, que agradeceu o apoio do governador civil do distrito, dr. Fernando Vale e ainda a mensagem enviada pelo bispo de Coimbra, sucederam-se as intervenções.

Repugna-me falar numa pensão concedida a uma mulher rural que trabalhou sessenta anos e que agora tem de viver os trinta dias do mês com a mísera quantia de 600 escu-

reto prometeu mas não cumpriu. Foi mais um barrete. Ele passou pelo Norte, segundo disseram os jornais, mas não contactou com os agricultores, eis as palavras de Manuel de Sousa, de Penafiel. Disse verdades como punhos tendo, no entanto, exagerado no respeito aos técnicos. Porque há técnicos e técnicos. Mais tarde, no decorrer do Encontro até surgiu uma saudação bastante significativa de um grupo de estudantes da Escola de Regentes Agrícolas de Coimbra que manifestaram o seu apoio incondicional ao Encontro. Somos pela saída dos gabinetes, queremos que o MAP deixe de funcionar como um Ministério das Finanças em segunda mão. Criticam ainda a situação dos técnicos que bem vestidos e com carro custeado pelo Estado se passeiam nas cidades.

A JUNTA DAS MOSCAS

O problema da batata também foi tema neste Grande En-

contro que reuniu representantes de 45 cooperativas, de 56 Casas do Povo, de 57 baldios, de 36 Ligas e Uniões de 2 Mútuas de Gado, de 19 Comissões de Rendeiros, de 9 Organizações e 20 Reuniões de Agricultores.

O escoamento da amêndoa, da castanha, do azeite — outra questão abordada. São igualmente os intermediários que lucram com a comercialização destes produtos ao venderem em Lisboa (por exemplo), a castanha, a 40 escudos depois de a terem comprado ao produtor a 12 escudos.

Arrendamento Rural: outro

Pub

ELEIÇÕES 1978

É com orgulho que mais uma vez figuramos entre as Firmas eleitas e que têm a preferência do público na compra, a preço mais barato, no mercado nacional de electrodomésticos. Quantidades limitadas de máquinas de lavar roupa portáteis, 2499\$90; esquentadores de 6 litros (hulha), 1499\$90; auto-rádios com altifalante, 1299\$90; maples, 1599\$90; máquinas de lavar roupa (5 kg.), máquinas de lavar loiça, frigoríficos, fogões, candeeiros, alcatifas, mobiliário, etc., a preços antigos.

Vendas com facilidades e a pronto pagamento
Radio Primavera — Rua Gomes Freire, 9-B
Telefones 549406 e 574042 — Lisboa

XI CURSO DE PNEUMOLOGIA PARA PÓS-GRADUADOS

Realiza-se de 15 a 18 de Março de 1978, na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, organizado pelo Serviço de Doenças Pulmonares do Hospital de Santa Maria.

As inscrições encontram-se abertas no Serviço de Doenças Pulmonares do Hospital de Santa Maria, Piso 8.

Os temas são:

- Prevenção das doenças pulmonares.
- Manifestações extra-pulmonares de doenças respiratórias.
- Diagnóstico diferencial em Pneumologia.
- Correlação anátomo-patológica de casos clínicos.
- Tabagismo e doenças pulmonares.
- Radiologia pulmonar clínica.
- Insuficiência respiratória.

Pub

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA MARINHA MERCANTE, AERONAVEGAÇÃO E PESCA

COMUNICADO

AOS ASSOCIADOS DO ALGARVE

Informam-se todos os trabalhadores da região do Algarve, sócios do Sindicato dos Trabalhadores da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca que se realizarão eleições para a Direcção Regional e Mesa da Assembleia Regional, no próximo dia 29 de Março de 1978, funcionando 8 urnas, nos seguintes locais e com os seguintes horários:

Mesas	Locais	Horários
N.º 1	Sindicato	9.00 às 21.00
N.º 2	Oitão	14.00 às 18.30
N.º 3	Portimão	16.30 às 20.00
N.º 4	Lagos	14.00 às 18.00
N.º 5	Tavira	14.00 às 18.00
N.º 6	Vila Real	10.00 às 12.00
N.º 7	Sagres	10.00 às 12.00
N.º 8	Fuzeta	16.30 às 18.00

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1978

O Presidente da Mesa
da Assembleia Geral

Revista de animação sócio-cultural
Apartado 21 064 - Lisboa 2

INTERVENÇÃO

Já está à venda
em todo o país o N.º 5/6

CAMPISMO EXPOSIÇÃO PERMANENTE TENDAS E ATRELADOS-TENDAS

PREÇOS ESPECIAIS ATÉ 31 DE MARÇO
ACEITAM-SE AGENTES DISTRITAIS

HENRIQUES & CASTRO, LDA.
Estrada de Benfica, 398-A/3 - Lisboa 4



Com tempo de chuva,
a possibilidade
de acidente é maior.
Verifique a pressão
e o estado dos pneus.

Cinturas Industriais debateram elaboração das leis de trabalho

Os plenários das Cinturas Industriais de Lisboa e Setúbal, reunidos, no sábado, respectivamente no refeitório da Carris em Lisboa, e no Inatel, em Setúbal, decidiram dar o seu apoio ao projecto de lei sobre a participação das organizações de trabalhadores na elaboração de legislação que lhe respeita apresentado à AR pelo grupo parlamentar do PCP.

Nos dois plenários participaram elementos de cerca de 20 Comissões de Trabalhadores dos dois distritos representando mais de 150 mil trabalhadores. Só na reunião da CIS participaram 47 CT's (58 mil trabalhadores).

Na reunião de Lisboa compareceram elementos de 73 CT's e dez Comissões Sindicais em representação de cerca de 99 mil trabalhadores de 83 empresas.

No que respeita ao projecto de lei do PCP que mereceu o apoio dos dois plenários, foi decidido fazer à Assembleia da República sugestões de acrescentamentos, alguns dos quais a partir do projecto apresentado pelo grupo parlamentar do PS.

As Comissões de Trabalhadores das duas Cinturas Industriais concluíram que no primeiro dos projectos estão incluídas todas as matérias que devem ser abrangidas pela lei, no que se refere à participação das organizações representativas dos trabalhadores na elaboração das leis que lhes respeitam.

Pelo contrário, entenderam que o projecto elaborado pelo grupo parlamentar do PS apenas contempla as relações de trabalho entre trabalhadores e patronato, sendo portanto restritivo.

O projecto do PCP prevê, que o prazo de um mês para

discussão das propostas e projectos de lei, ou de decretos-leis cuja ratificação seja pedida pela AR. Quanto ao PS, prevê um prazo entre 20 e 40 dias.

Um terceiro projecto, apresentado pelo deputado da UDP, não chegou a ser analisado nos plenários dado que só foi divulgado na quinta-feira.

A situação político-social do País também foi analisada, tendo sido aprovadas moções repudiando a participação do CDS no Governo e manifestando a preocupação pela política seguida.

Outra moção concede inteiro apoio dos plenários ao Secretariado da CGTP-IN e ao caderno reivindicativo imediato dos trabalhadores aprovado no Congresso de Todos os Sindicatos e actualizado quantificado no plenário nacional do dia 4.

ELEIÇÕES SINDICAIS

Lista unitária nos Químicos do Sul

A lista A, unitária, foi eleita para os corpos gerentes do Sindicato das Indústrias Químicas do Sul, em eleições realizadas no sábado, com a participação de cerca de 50 por cento dos associados com direito a voto (8545).

Os resultados apurados, até agora, são os seguintes: Lista A, 3684 votos; lista B, ligada ao MRPP, 200 votos; lista C, conotada com UDP, 307 votos. Os votos enviados por correspondência serão apurados, ainda hoje.

O Sindicato das Indústrias Químicas do Sul abrange os distritos de Setúbal, Portalegre, Évora, Beja e Faro.

Por outro lado, na secção regional do Norte do Sindicato

de Trabalhadores na Imprensa, verificou-se, também uma vitória, da lista unitária, que obteve 206 votos, contra os 73 da lista B.

A lista vencedora candidatou-se sob o lema: «Unir todos os trabalhadores por um sindicato forte». A lista derrotada defendia: «Por um sindicato democrático e independente pela unidade de todos os trabalhadores».

ELECTRICISTAS

E CONFERENTES

Entretanto, no Sindicato dos Electricistas do Centro saiu vencedora do acto eleitoral a lista B, conotada com a Fraternidade Operária e a UDP, que somou 876 dos 4124 votos possíveis.

ESCRITÓRIOS DE LISBOA

Lista B decidiu impugnar eleições

A lista «B», unitária, apresentou um requerimento de anulação das eleições dos corpos gerentes do Sindicato dos Trabalhadores de Escritório do Distrito de Lisboa, realizadas no dia 26 de Janeiro. O requerimento pede a repetição do acto eleitoral.

A decisão dos componentes da lista «B» foi tomada face à impossibilidade de a Comissão Fiscalizadora «exercer as funções que estatutariamente lhe são atribuídas», ou seja, garantir a lisura do acto eleitoral em causa.

Em reunião efectuada no dia 24, as listas «B» e «C» concluíram pela impossibilidade de a Comissão Fiscalizadora Eleitoral continuar os seus trabalhos.

A mesa da assembleia geral daquele Sindicato tinha decidido, no dia 17, assumir a condução do processo eleitoral, que se encontrava dependente do escrutínio de 2200 votos.

Para as listas «B» e «C» trata-se de uma tentativa de «finalizar de forma expedita o processo» eleitoral, dela resultando, na prática, «o total esvaziamento da Comissão Fiscalizadora Eleitoral».

«A classe fica, assim, a dispor de mais um elemento para julgar a intervenção das partes neste processo eleitoral e poderá concluir facilmente quem é que tem medo do pleno exercício pela CFE das suas funções estatutárias», acrescenta-se em comunicado distribuído a propósito.

Denúncia da repressão no «Pão de Açúcar»

«Só na loja 19, a Comissão de Trabalhadores já foi chamada, nos meses de Janeiro e Fevereiro, a dar parecer em mais de 15 processos disciplinares, estando em curso mais quatro ou cinco», afirma-se num comunicado das CT's e delegados sindicais das lojas 7, 19 e 14 dos supermercados «Pão de Açúcar» e subscrito pelo Sindicato dos Trabalhadores do Comércio do Distrito do

Porto, agora distribuído.

O mesmo comunicado afirma que «os donos das lojas» continuam a pressionar ostrabalhadores com processos disciplinares ao mesmo tempo que «impedem reuniões nos locais normais indicados pela gerência, transferindo-as para outros locais impróprios para reuniões», factos a que «o responsável pela coordenação no Norte fecha os olhos».

EM PLENÁRIO Ferroviários ratificaram "acordo de princípio"

Cerca de seis mil ferroviários, reunidos no sábado, em plenário efectuado no Coliseu, em Lisboa, ratificaram o «acordo de princípio» estabelecido entre a Comissão Sindical Negociadora e o Conselho de Gerência da CP. A decisão teve a abstenção de 14 trabalhadores, e não registou votos contra.

No entanto, foi aprovada uma proposta de apoio à Comissão Sindical Negociadora mandando-a para prosseguir as negociações e encetar as formas de luta necessárias à sua concretização.

De facto, o acordo de princípio estabelece aumentos médios de 1350 escudos (menos 50 escudos do que a proposta inicial da CSN) e diuturnidades de 300 escudos até ao fim do ano corrente, passando depois a 400 escudos. Mas mantém-se o litígio no que se refere à vigência do acordo e retroactivos, além de outros pontos importantes do clausulado.

As negociações do Acordo Colectivo de Trabalho dos ferroviários desenvolvem-se desde há cerca de um ano, com diversas posições por parte do Governo face às propostas dos trabalhadores. Assim, a semelhança do que aconteceu com outras empresas públicas, chegou a ser publicado um despacho ministerial, proibindo aumentos salariais na CP, sem que tal se reflectisse no clausulado, com diminuição das regalias adquiridas.

Quanto aos pontos ainda em litígio, os trabalhadores pretendem uma vigência de um ano e retroactivos desde 1 de Junho, enquanto a gerência da CP pretende impor 18 meses de vigência e retroactivos desde 20 de Agosto.

SOLIDARIEDADE E PROTESTO

Duas importantes moções foram ainda aprovadas no plenário. Uma delas refere-se ao desconto de meio dia de salário dos ferroviários, a efectuar pela empresa, para prestar auxílio a sindicatos de menores recursos financeiros e que de frontam dificuldades na defesa dos trabalhadores seus associados.

Tal é o caso de, por exemplo, os sindicatos dos trabalhadores agrícolas do Norte e Centro do País, sindicatos da Madeira que se opõem, e por tal lutam, ao separatismo, e outras organizações sindicais pequenas «e com poucos recursos», em luta «pela melhoria da vida dos seus associados, contra o desemprego e contra a repressão patronal».

O auxílio aprovado pelos ferroviários será canalizado pela CGTP-Intersindical Nacional.

Uma outra moção aprovada protestava contra a entrada para o Governo do CDS, em representação da CIP e da CAP, manifestando por outro lado, o apoio dos ferroviários à Constituição e à Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional, na defesa dos direitos dos trabalhadores e das liberdades.

VALFAR

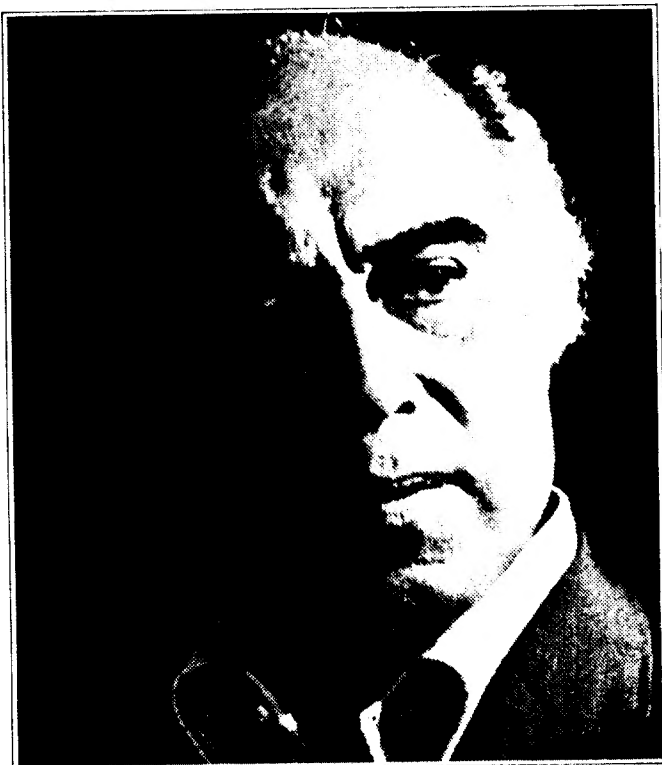
Ameaças a delegados

Em comunicado distribuído ontem, o Sindicato dos Têxteis do Porto e Aveiro afirma que na «Valfar», empresa multinacional têxtil instalada em Vila do Conde, «a administração começa a ameaçar alguns delegados sindicais e tenta impedir a actividade sindical na empresa».

O sindicato têxtil acrescenta tratar-se de tentativas para dividir os trabalhadores, e recorda a unidade destes já demonstrada em ocasiões anteriores e ainda esta semana quando recusaram aprovar um contrato de viabilização que a administração preparava sem que tivessem tido conhecimento do teor concreto das propostas nele contidas.

No mesmo comunicado de hoje o sindicato afirma que a administração, quanto ao contrato de viabilização, «não precisa de qualquer votação dos trabalhadores, mas deve-os informar do que pretende» com esse mesmo contrato em vez de tentar «levar os trabalhadores a aceitarem condições que desconheciam».

**Comemorando o 40.º aniversário da actividade literária
de FERNANDO NAMORA,
o Círculo de Leitores orgulha-se de oferecer aos seus Sócios
uma das mais importantes obras deste autor**



DEUSES E DEMÓNIOS DA MEDICINA

o romance maravilhoso da medicina

22 biografias romanceadas que representam simultaneamente uma panorâmica de várias épocas da História.

Em dois volumes luxuosamente encadernados e com centenas de ilustrações a cores, constituindo uma edição de beleza gráfica excepcional, que enriquecerá a biblioteca dos Sócios do Círculo de Leitores.

O AUTOR

A crítica tem repartido a obra de Fernando Namora em diversos ciclos demarcados por uma grande riqueza de ambientes e tipos humanos contrastantes, o que em grande parte justifica que internacionalmente essa obra seja considerada, como disse o escritor grego André Kedros, "uma das mais significativas do nosso tempo". Com efeito, Fernando Namora é hoje reconhecido como o escritor português vivo de maior projecção — "um dos maiores escritores internacionais dos nossos dias", como se lê na revista *Selection* —, com livros traduzidos em quase todos os Países da Europa e da América, alguns deles adaptados ao cinema, à rádio e à TV, tanto em Portugal como no estrangeiro. É ainda detentor de vários prémios literários e algumas das suas novelas foram incluídas em antologias da literatura mundial publicadas em Itália, Holanda, Alemanha, Suécia, etc., sendo ainda de assinalar que algumas traduções dos seus livros foram inseridas em colecções de excepional prestígio, como é o caso da

Universal Bibliothek, da Feux Croisés, da Galeria Literária e, proximamente, da Clássicos do século XX. Tendo publicado em 1938 o seu primeiro romance, *As Sete Partidas do Mundo*, que logo obteve o Prémio Almeida Garrett, e em 1977 o seu último livro, *Cavalcada Cinzenta*, tido como paradigma da simbiose da literatura de ficção com a literatura de viagens, a presente edição de *Deuses e Demónios da Medicina* coincide, assim, com uma data relevante: o 40.º aniversário da actividade literária do Autor, de quem Jorge Amado escreveu ser "um mestre do romance".

A OBRA

Se com *Diálogo em Setembro* Fernando Namora iniciou um género literário híbrido de características acentuadamente originais, que surpreendeu a crítica, não é menos de salientar que *Deuses e Demónios da Medicina* representa, do mesmo modo, uma obra singular (porventura única na bibliografia mundial), quanto à hábil convivência de géneros tradicionalmente diferenciados, como é o caso da biografia, da história, da ficção e do registo de matéria científica em termos acessíveis e divulgadores, sem prejuízo, todavia, do seu rigor. Ora, em *Deuses e Demónios da Medicina* tudo isso está

presente, num caldeamento de tal modo sagaz e talentoso, que a obra, sendo basicamente uma colectânea de biografias de algumas das figuras mais representativas da Medicina, desde a Antiguidade Clássica até aos nossos dias, é simultaneamente uma história da arte médica enquadrada nos eventos sociais que a influenciaram, narrada como uma empolgante galeria de heróis romanescos, em que o drama, o génio, o pitoresco, a tenacidade e a fé ilustram a complexa gama dos sentimentos humanos e dos lances que os fazem sobressair. Fernando Namora refundiu e ampliou *Deuses e Demónios da Medicina* expressamente para esta cuidada edição de Círculo de Leitores, que assim constitui, em muitos dos seus capítulos, quase uma obra original, sem, porém, nada ter perdido do seu fascínio literário e da sua rara e comunicativa emotividade. O leitor nela encontrará não só um vasto repositório de conhecimentos científicos como, também, um friso muito matizado de personagens vivíssimas e de acontecimentos que repercutiram na odisseia da medicina, indissolivelmente ligada à odisseia humana. É, aliás, essa peculiaridade de *Deuses e Demónios da Medicina* que explica que tanto o leitor erudito como o leitor comum se mostrem igualmente seduzidos, o que poderia justificar para este livro a legenda de "o romance maravilhoso da medicina".

Círculo de Leitores

Rua Engenheiro Paulo de Barros, 22 Lisboa-4 — Telefone 70 92 21

**Atenção Sócio do Círculo de Leitores, adquira esta magnífica obra
e aproveite as grandes vantagens se fizer o seu pedido**

até 28 de Fevereiro. Amanhã último dia

"Rabo de tufão" assolou a Caparica

Um «rabo de tufão, acompanhado por granizo», segundo as palavras do comandante dos bombeiros de Cacilhas, varreu toda a zona da Costa da Caparica, obrigando o mar a galgar os paredões existentes junto à praia e destruindo sete casas de veraneantes. Cabos eléctricos foram cortados e o restaurante «Dragão Vermelho» ficou completamente destelhado.

«Nunca me lembro de ter visto uma coisa assim», «diria um velho pescador», enquanto outro se referiria ao temporal como «uma onda ciclónica que veio do mar e agarrou tudo por onde passava».

Na zona de Lisboa e arredores as fortes chuvadas e o vento ciclónico obrigaram as diferentes corporações de bombeiros a um trabalho extenuante, ao acorrerem sobretudo a inundações nas ruas de S. Bento e do Arco do Carvalhão e na Costa do Castelo. Na capital registar-se-ia ontem, pelas 16, uma rajada de vento de 100 km/hora. As cheias atingiram a zona da linha do Estoril e também a região da Amadora. Na zona do Mónaco o trânsito estaria interrompido, ontem à tarde, durante várias horas, o mesmo acontecendo em diversos pontos entre Caxias e o Guincho.



As destruições registadas na Costa da Caparica com a passagem do «rabo de tufão».

Cheia no Ribatejo é uma das maiores dos últimos anos

SANTARÉM, 27 — «Uma das maiores cheias dos últimos anos» — assim definiu para o «DL» um porta-voz da Hidráulica do Tejo, a situação que neste momento se vive em todo o Ribatejo, onde povoações como Alpiarça, Chamusca e Vila Nova da Barquinha se encontram parcialmente inundadas. Segundo a mesma fonte, são elevados os pre-

juízos para as culturas, principalmente de cereais, tendo ainda as inundações provocado derrube de árvores.

Devido ao corte pelas águas do Dique dos Vinhos, entre a Golegã e Chamusca, ficou interrompido o trânsito durante várias horas, o mesmo acontecendo na estrada nacional n.º 368, entre Tapada e Alpiarça.

Um operário morto em Sines

A fúria das vagas, bem patente durante todo o dia de ontem e na tarde de sábado, em Sines, para além de avultados prejuízos materiais provocaria a morte de um operário que foi arrastado para o mar, quando se encontrava a soldar no extremo do molhe do porto desta vila.

Devido ao facto de as ligações telefónicas com Sines se encontrarem cortadas até

amanhã, não nos foi possível obter a identidade da vítima, da qual apenas se sabe ter nascido em Matosinhos.

Segundo a ANOP conseguiu, entretanto, apurar o temporal teria originado inúmeras fendas na muralha, facto que irá provocar considerável atraso na construção do Porto de Sines.

PPM prepara "livro negro" das centrais nucleares

O Partido Popular Monárquico, ao tomar conhecimento de que irá publicar-se um «Livro branco das centrais nucleares» para servir de base à discussão do assunto na Assembleia da República, requereu a esta mesma Assembleia que seja votada a atribuição de idêntica verba àquele Partido

com vista à edição de um «Livro negro das centrais nucleares».

O fundamento invocado pelo PPM é o de o referido «Livro branco» não conter colaboração da «esmagadora maioria das personalidades que põem objecções à implantação de tais centrais no nosso País».

NA COSTA NOVA (AVEIRO)

Bairro inundado, casas destruídas

AVEIRO, 27 — Só a evacuação oportuna de moradores da praia da Costa Nova, a 8 km desta cidade, impediu a consumação de uma tragédia de efeitos imprevisíveis quando o mar em fúria abriu uma frecha no topo de uma muralha de protecção ali existente, levando na sua esteira dezenas de casas construídas junto à praia.

A protecção era constituída por um amontoado de pedras soltas e, como o bairro dos pescadores se encontra situado na parte baixa, as águas facilmente o invadiram. De acordo com as autoridades locais, a população, contrariando as instruções recebidas, abriu uma grande vala entre o lago artificial formado pela cheia e a Ria de Aveiro, pensando conseguir assim o escoamento das águas.

«Este procedimento foi errado, já que agora existe o perigo de o mar se ligar à ria e formar-se aqui uma outra barra», afirmou-nos esta ma-

nhã o comandante do Porto de Aveiro, que acrescentou «já ter passado o perigo maior se, entretanto, não houver um agravamento das condições atmosféricas».

A assistência imediata às populações afectadas tem sido prestada pelo Batalhão de Infantaria de Aveiro, que já forneceu mais de 300 refeições aos sinistrados.

No local mantinham-se ainda esta manhã as corporações de bombeiros de Aveiro e um destacamento da Junta Autónoma de Estradas.

COIMBRA, 27 — Neste distrito o incidente mais significativa-

tivo em consequência do mau estado do tempo registado durante o último fim-de-semana teria lugar na região da Lousã, onde um violento tomado arrancou árvores e telhados que projectou em todas as direcções. Uma das árvores tombou, na madrugada de sábado, sobre o apeadeiro da linha Lousã-Coimbra, interrompendo o trânsito por algumas horas.

«EXPRESSO-TER» DESCARRILADO

ABRANTES, 27 — Devido ao arranque de um sobreiro pro-

vocado pelo temporal, verificou-se, cerca das 16 horas de ontem, entre esta cidade e Bemposta, o descarrilamento do «Expresso-Ter», tendo ficado feridos os dois maquinistas (um português e outro espanhol), os quais tiveram de receber tratamento no Hospital de Abrantes.

A circulação seria restabelecida algumas horas mais tarde com a chegada de um comboio-socorro vindo do Entrocamento que recolheu os feridos e a composição sinistrada, deixando igualmente no local uma brigada de trabalhadores encarregados de removerem a árvore da via.

Deve ser impossível salvar cargueiro alemão encalhado

ERICEIRA, 27 — Tendo perdido praticamente as esperanças de salvar o cargueiro alemão «Alchemist Emden»,

encalhado nas rochas a cerca de duzentos metros da praia, desde o passado dia 15, os técnicos holandeses contratados pela companhia concessionária aguardam que o mar acalme para iniciarem a transferência para terra dos materiais explosivos (acetona e varsol40) que se encontram a bordo.

Esta operação será feita a coberto de um seguro contra todos os riscos tendo sido já

isolada a zona da costa patrulhada por forças conjuntas de fuzileiros navais e GNR.

A notícia de que se iria tentar salvar ontem o navio atraía a esta vila milhares de curiosos que se espalharam pela praia, indiferentes aos muitos avisos de perigo e «zonas interditas», afixados pelas autoridades da Delegação Marítima da Ericeira em toda a área vizinha ao local onde se encontra imobilizado o «Alchemist».

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente n.º 48 391 para «SISTEMA SUSPENSO PARA O AMORTECIMENTO DOS EFEITOS SISMICOS NOS EDIFICIOS».

Trata-se de
Clarke, Modet & C.ª L.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.º
LISBOA-1

MOBÍLIAS

MODERNAS OU DE ESTILO
COMPRE NO FABRICANTE

FABRICA DE MÓVEIS SUPERCONFORTO
Rua Maria Andrade, 64 (Porto Igreja dos Anjos)

A TORTURA NO MUNDO

FLAGELO DE SEMPRE: O HOMEM VÍTIMA DO HOMEM

Um livro que relata o sofrimento humano desde Roma aos nossos dias. Um capítulo dedicado ao TARRAFAL onde se prova que nem todos os «heróis» o foram.

O mais completo relatório sobre o Campo da Morte Lenta.



Distribuição: CENTRO DO LIVRO-BRASILEIRO

POSSÍVEL AINDA UM ACORDO?

Greve nacional dos professores deverá ser marcada amanhã

A não ser que sejam revistas, à última hora, as posições defendidas pelo MEC e pelos quatro sindicatos dos professores, estes anunciarão amanhã, em conferência de imprensa, a data da projectada paralisação e as outras formas de luta que se propõem encetar em todo o país, contra «uma política autoritária (a do MEC), segundo a qual se tem legislado unilateralmente contra os interesses dos professores e do ensino».

A greve foi decidida durante a reunião dos sindicatos do Norte, Centro, Grande Lisboa e Sul, ontem ocorrida na capital, e reafirma a tomada de posição já assumida na reunião do passado dia 19. O comunicado ontem distribuído aos órgãos de informação contesta o processo utilizado pelo ministro Cardia ao marcar nova audiência para o dia 2 de Março. Não só a data marcada excede o prazo de uma semana indicado pelos sindicatos, como os termos utilizados pelo ministro provariam o seu objectivo de prosseguir uma via de autoritarismo «contra os interesses dos professores e do ensino». Efectivamente, o responsável pelo MEC atribui à audiência a finalidade de serem expostas ao Governo as actuais posições dos sindicatos, de modo a habilitar o Governo a tomar as decisões que entender mais convenientes e oportunas.

Os sindicatos repudiam ainda o facto de o ministro «ter

decidido legislar sobre o congelamento e regulamentação das fases, quando este é um dos pontos principais cuja negociação se exige». Aliás — ainda segundo o comunicado dos professores o pouco que se conhece do diploma legal na força «não corresponde, de forma alguma, aos anseios dos professores, expressos na proposta apresentada em Dezembro pelos sindicatos». Consideram estes que «toda esta actuação do MEC tem um sentido claro: dar a ideia de que pretende «dialogar», sem ceder no fundamental, isto é, abrindo negociações. Pretende enfim o MEC dividir e desmobilizar os professores. Os professores, porém não se deixaram confundir».

Na reunião de ontem, realizada na sala de alunos da Faculdade de Medicina, os representantes dos professores da Grande Lisboa, pronunciaram-se pela greve, ainda que uma ou outra direcção sindical pretenda desconvocar a paralisação. Esta terá lugar, em princípio, num dos dias da semana de 6 a 12 de Março. «A resposta sindical tem que ser clara e determinada. As formas de luta a desencadear nesta fase têm que preparar os professores para uma sequência de luta mais dura», afirma a direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa.

NOTA OFICIAL E «RESPOSTA»

Entretanto, em nota oficial ontem publicada, o MEC, refe-

re que, «apesar de ameaças e pressões, os contactos entre o Ministério e representantes de sindicatos dos professores prosseguem no dia 2 de Março». A nota relata a actividade do então MEIC durante o I Governo Constitucional e os contactos estabelecidos com os dirigentes sindicais: «45 reuniões». Afirma depois que foi acolhido grande parte do projecto sindical e procura justificar as repetidas negativas a reivindicações que os professores têm defendido. Na parte final da nota oficial incluem-se considerações cujo teor foi já repudiado na própria resposta dada pelo Sindicato da Zona da Grande Lisboa. Diz a nota que o MEC «reafirma a convicção de que a grande maioria dos professores sabe comportar-se com a habitual dignidade e frustrar tentativas de manipulação alheias quer aos problemas do ensino quer à situação profissional de quem ensina».

Na sua resposta, a direcção do Sindicato da Grande Lisboa começa por classificar o documento oficial «de intolerável intromissão e pressão». Os termos da nota são aliás refutados ponto por ponto. O tom duro da resposta, na qual se afirma designadamente que «o sr. ministro vem confundir a opinião pública, acusando de irresponsabilidade os sindicatos, ao passo que responde negativamente a todas as suas propostas», indica que não haverá «concertação» de última

hora, antes pelo contrário. A nota oficial é acusada três vezes de falsa, em outros tantos parágrafos.

A mais viva crítica constante da nota do MEC incide na exigência dos sindicatos no sentido de ser estabelecido um protocolo de acordo em que os vários pontos a negociar seriam agendados num calendário que prevê a Páscoa como data limite. Este é de facto um dos motivos que poderão levar à greve nacional, se os sindicatos não virem atendida a sua pretensão. A este respeito diz a resposta sindical: «ao criticar a exigência sindical de abertura das negociações com o estabelecimento de um protocolo de acordo sobre agenda e calendário das mesmas, o MEC demonstra que, ao falar de democracia ignora que esta, sem negociação, não passa de uma aparência que esconde o autoritarismo. Tem sido esse o resultado das audiências havidas durante a vigência do I Governo Constitucional. É a continuação dessa situação que recusamos frontalmente e não a audiência marcada para o dia 2, a que compareceremos, com as restantes direcções sindicais».

Emigrantes em Mainz exigem apoio escolar

Numa exposição enviada ao «DL», os representantes dos cerca de 600 emigrantes portugueses de Mainz (Alemanha Federal) manifestam «inteiro desagrado» pelo «desinteresse» das entidades responsáveis de Lisboa, relativamente à situação escolar dos seus filhos, em número aproximado de uma centena.

Sublinhando declarações recentes do Presidente da República, general Ramalho Eanes, acerca da importância da actividade dos emigrantes para a superação da crise económica aqueles nossos compatriotas de Mainz — região de Frankfurt repudiam ser considerados meros «instrumentos de divisas» e exigem melhores condições de ensino para os seus descendentes.

«Como podem os nossos filhos vir a desempenhar activi-

dade útil para o País se não lhes derem professores competentes e em número suficiente?» — perguntam ainda os emigrantes que manifestam, igualmente, espanto pelas alegadas dificuldades em arranjar professores quando se sabe que em Portugal há milhares de docentes desempregados.

Descrevendo depois o que se passa em Mainz (uma professora está adoentada e já chegou tarde e outra, brasileira, ameaça ir-se embora definitivamente) aqueles compatriotas referem o encontro efectuado em 10 de Maio de 1977 em Mainz entre os pais das crianças e o coordenador-geral do Ensino na Alemanha para portugueses, dr. Olívio Caetano, que instado acerca dos problemas escolares dos filhos dos emigrantes teria respondido: «é preciso ter calma isto leva tempo...».

Cursos nocturnos na António Sérgio

Reabrem na próxima segunda-feira as aulas do período nocturno da Escola Preparatória António Sérgio, no Calem, encerradas desde o dia 9 do corrente mês.

A resolução foi tomada, uma vez que a Guarda Nacional Republicana se comprometeu a assegurar a vigilância durante aquele período de laboração do estabelecimento de ensino.

Recorde-se que a suspensão das aulas, ocorrida imediata-

mente após as férias do Carnaval, se deveu a uma resolução colectiva de professores, alunos e pais, por ter sido assassinado o vigilante António Andrade Moreira.

Embora a Polícia Judiciária continue a investigar e se julgue tenha já algumas pistas para descobrir o autor do atentado, não se sabe, por enquanto, nada de concreto sobre a sua identidade.

COM SEIS MESES DE ANO LECTIVO

Bolsas de estudo ainda por pagar

Os estudantes bolseiros e residentes da Academia de Lisboa vão reunir-se em plenário geral no dia 7 de Março para estudarem formas de luta mais eficazes no sentido de resolverem a situação em que se encontram.

Em conferência de imprensa efectuada esta manhã, a Comissão de Luta daqueles estudantes revelou que ainda não foram pagas as bolsas, embora nesta altura decorra já o sexto mês do ano lectivo, enquanto se põem ou se tentam pôr em prática medidas que os estudantes consideram lesivas dos seus interesses e que são os aumentos de 133 por cento nas residências e de 50 por cento nas refeições, conjugados com o que afirmam ser um critério de apoio económico assustante que não acompanha os referidos aumentos.

Disseram ainda que reforçaram por três vezes o pedido de audiência com os responsáveis do Ministério da Educação e Cultura para, no diálogo, se resolver a questão, aguardando agora esta semana uma resposta da Secção de Estado da Juventude e Desportos, departamento que passa a superintender neste sector dos Serviços Sociais.

Por outro lado os estudantes decidiram deixar de tomar o pequeno-almoço nas residências, após uma diminuição quantitativa e qualitativa daquelas refeições, alteração esta que não aceitam.

A agravar a situação — afirmaram — surge o facto de estarem cortados os adiantamentos por conta das bolsas a receber, alegando-se que não há verba no Ministério.

A Comissão de Luta acen-

tou que os bolseiros e residentes estão prontos a discutir estes problemas em diálogo com os responsáveis pelo Ministério, sublinhando no entanto a incongruência de se estar a meio do ano lectivo e os estudantes ainda não terem recebido as bolsas.

Ciências (Porto) para a esquerda

PORTO, 27 — As eleições para a Associação de Estudantes da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto foram ganhas por uma lista unitária de esquerda, que obteve o apoio expresso de 196 estudantes. A afluência às urnas foi de 28,3 por cento, tendo-se verificado 66 abstenções e 21 votos nulos.

LIQUIDAÇÃO TOTAL

DE TODA A NOSSA EXISTÊNCIA

POR MOTIVO DE OBRAS

ARMAZÉNS BRASIL

Rua do Loreto, 6-8 (ao Camões) — LISBOA

APROVEITE JÁ OS N/PREÇOS

- MILHARES DE CAMISETES P.ª SENHORA a 149\$00
- MILHARES DE PEÇAS DE MALHA desde 75\$00
- CALÇAS TERYLENE E TREVIRA/HOMEM a 299\$00
- CALÇAS DE BOMBAZINE UNISEXO a 399\$00
- CALÇAS INDIGO PRÉ-LAVADO a 225\$00
- CALÇAS BRANCO, CRÚ, CINZA e VERDE (grande moda) 199\$00
- SAIAS FAZENDA e GANGA (diversos) a 180\$00
- SAIAS VELUDO a 399\$00
- MILHARES CAMISEIROS P.ª CRIANÇAS a 95\$00
- CALÇAS DE BOMBAZINE P.ª CRIANÇA (todos os tamanhos) 298\$00

TUDO A MENOS DE METADE DO SEU VALOR

BARREIRO

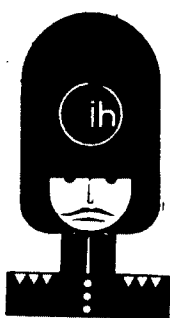
ABERTURA DE AULAS DE

ALEMÃO

EM PRINCÍPIOS DE MARÇO

CENTRAL SCHOOL OF LANGUAGES
INTERNATIONAL HOUSE

AVENIDA ALFREDO DA SILVA, 57 — TELEFONE 2073672



Grave tensão Espanha-OUA por causa das ilhas Canárias

Madrid acusou a Organização de Unidade Africana (OUA) de «ingerir de forma intolerável» nas questões internas de Espanha ao declarar o seu apoio ao Movimento para a Autodeterminação e Independência do Arquipélago das Canárias (MPAIAC).

O Conselho de Ministros da OUA, reunido em sessão em Trípoli, a capital líbia, aprovou no sábado, uma recomendação da sua Comissão de Libertação para se auxiliar guerrilheiros separatistas das Canárias.

Um comunicado emitido on-

tem pelo Ministério espanhol dos Negócios Estrangeiros, dizia que a Espanha protestará firme e energicamente junto de todos os Estados membros da OUA que votaram a favor da recomendação.

Dizia ainda que a Espanha tomaria medidas para impedir que a decisão do Conselho seja ratificada na primeira de chefes de Estado da OUA, em Cartum, em Junho próximo.

Não foram revelados detalhes dessas medidas. Contudo, o ministro da Defesa, tenen-

te-general Manuel Gutiérrez Mellado, afirmou na quinta-feira que a Espanha defenderia as Canárias «seja o que for dito e o que acontecer».

O ministro dos Negócios Estrangeiros, Marcelino Oreja Aguirre, revelou que chamaria ao seu gabinete os embaixadores em Madrid de países membros da OUA para fazer um protesto vigoroso sobre a decisão de sábado.

Oreja Aguirre disse ainda que embaixadores espanhóis nos países da OUA que votaram a favor da decisão do conselho tinham também recebido instruções para apresentarem protestos firmes e energéticos. Oreja não considera as Canárias como «questão africana».

Fontes bem informadas notaram que as relações diplomáticas entre a Espanha e certos países da OUA nomeadamente a Argélia e a Líbia, poderiam ser prejudicadas severamente se os chefes de Estado daquela Organização ratificarem a decisão do Conselho de Ministros.

Funcionários espanhóis acusaram hoje a Argélia de «instigar a decisão da OUA e declararam que era improvável que o embaixador espanhol, chamado de Argel a Madrid para consultas, em Dezembro último, regressasse ao seu posto.

O relatório do Comité de Libertação da OUA, adoptado em Trípoli, que continua a ser confidencial, contém os seguintes pontos, segundo fontes próximas do Conselho: O secretário-geral da OUA pedirá ao grupo africano das Nações Unidas que submeta o problema das ilhas Canárias ao Comité dos Vinte e Quatro (Comité de Descolonização), com vista a inscrevê-las na lista dos territórios não autónomos, etome todas as medidas apropriadas necessárias no seio da ONU; a OUA concederá uma assistência especial ao «Movimento para a Autodeterminação e a Independência do Arquipélago das Canárias» (MPAIAC), até ao seu reconhecimento oficial pela organização; o conselho convida os Estados membros da OUA vizinhos das ilhas Canárias a tomarem em consideração os pedidos do MPAIAC e a concederem facilidades de trânsito aos seus combatentes que se dirijam para as ilhas ou delas provenham, bem como qualquer outra forma de assistência possível.

Recomenda ainda o relatório da OUA: os Estados membros devem esforçar-se individualmente por obter mais informações acerca das ilhas Canárias. Os membros da OUA que têm relações diplomáticas com a Espanha, devem empregar esforços para levar o Governo espanhol a prestar a sua cooperação: o presidente em exercício, da OUA, o presidente do Comité de Libertação da Organização, e o secretário-geral da OUA, devem actuar junto do Governo espanhol para o levar a reconsiderar a sua posição e encerrar a possibilidade de exame da questão com os chefes de missão africanos em Madrid.

KUO-FENG AO CONGRESSO

“China na primeira linha até ao final do século”

O primeiro-ministro chinês Hua Kuo-feng declarou no seu relatório à sessão inaugural do primeiro Parlamento da China em três anos, que o país pretende chegar à primeira linha das potências mundiais até ao fim do século. Insistiu, contudo, que a China «nunca procurará a hegemonia ou aspirará a ser uma superpotência, nem hoje nem no futuro, quando se tiver transformado num moderno e poderoso país socialista».

Ao mesmo tempo, o presidente do Partido Comunista exortou o Exército a efectuar todos os preparativos necessários para «libertar a Fomosa».

O seu discurso de três horas embeia ao Parlamento — o quinto desde que os comunistas ascenderam ao poder na China, em 1949 — não continha surpresas, segundo fundamentalmente a linha de uma série de alocuções proferidas desde o 11.º congresso do partido, em Agosto do ano passado.

Numa nota de optimismo, Hua afirmou aos 3.456 deputados presentes à sessão, realizada no grande Palácio do Povo de Pequim, que «as coisas vão melhor do que se esperava».

O Parlamento — Quinto

Congresso Nacional Popular, como é chamado aqui — reuniu sob o sentimento geral de que a China está a avançar, depois de mais de uma década de turbulência política e económica.

Os deputados — entre os quais a parlamentar mais idosa do mundo, a senhora Jan Ta-ku, de 105 anos, que chefiava uma delegação da província de Kiangsi do Sul — examinaram igualmente um plano de desenvolvimento económico de dez anos e um novo hino nacional.

Hua declarou que o «Banco dos Quatro» radicais, chefiado pela viúva do presidente Mao Tse-tung, Chiang Ching, «foi finalmente esmagado após repetidas e intensivas provas de força». Todavia, advertiu que «a tarefa primordial do povo continuava a ser a denúncia e a crítica do Bando dos Quatro», para garantir a unidade e a estabilidade.

Voltando-se depois para o desenvolvimento do país, apontou como sectores prioritários a agricultura, a indústria básica, o comércio e as trocas externas, a inovação técnica, o planeamento unificado e a melhoria do nível de vida do povo.

“Ricos” podem anular dívida do Terceiro Mundo

A Grã-Bretanha e outros países ocidentais, tencionam anular as dívidas contraídas por países do Terceiro Mundo, no quadro da «ajuda ao desenvolvimento», indica hoje o «Financial Times».

Esta proposta dos Governos britânico, norte-americano, oeste-alemão e japonês, seria feita, provavelmente, segundo o jornal, durante a reunião mi-

nisterial da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e Desenvolvimento (CNUCED) em Genebra, em 6 de Março.

O montante global da dívida externa dos países em vias de desenvolvimento é avaliado em mais de 200 mil milhões de dólares (oito mil bilhões de con-

Produção de petróleo atinge novo recorde

A produção mundial de petróleo atingiu um novo recorde em 1977, mas o seu aumento foi menor que no ano anterior — informou a revista especializada «The Oil and Gas Journal».

A revista revelou que a produção mundial aumentou em 1977 cerca de 4,4 por cento, comparada com o aumento de 7,8 por cento registado em 1976. A média de produção

diária foi de 59,8 milhões de barris.

A revista refere ainda que as áreas não comunistas aumentaram a sua produção 4,1 por cento, enquanto a percentagem em 1976 foi de 18,4.

Por sua vez, a produção dos países comunistas, tendo à frente a União Soviética, aumentou 5,4 por cento — acrescenta «The Oil and Gas Journal».

Noticiário em colaboração com as agências ANOP, France Presse, Inter Press Service, Novosti, Prensa Latina e Reuter

PÁSCOA

Algarve (Torralta)
23a 26/3 - 1.850\$00

Madeira
21a 25/3 - 3.120\$00
22a 26/3 - 3.120\$00

Madeira e Açores
18a 26/3 - 6.400\$00

Açores
(S. Miguel-Terceira)
21a 26/3 - 5.300\$00

Palma de Maiorca
18a 25/3 - 4.950\$00
23a 26/3 - 4.950\$00

Barcelona e Andorra
23a 27/3 - 8.600\$00

Grande Circuito de Israel
19a 26/3 - 20.500\$00

CONSULTE

BUISSON

VIAGENS - TURISMO

RUA BRAAMCAMP, 15 - D

Telex: 404 59 - 404 68 - 55 68 23

Teleg.: BUISTOUR - Telex: 12762

UMA AGÊNCIA MODERNA COM MAIS DE 50 ANOS DE EXPERIÊNCIA.

MÉDIO ORIENTE

Israel recusará hoje novas propostas de paz

Israel deverá dar hoje a sua resposta às últimas propostas de paz no Médio Oriente, formuladas pelo Egipto, e tudo indica que será desfavorável.

A despeito das expectativas de que poderia a suspensão da criação de novos colonatos judaicos em territórios árabes ocupados, o Gabinete sionista decidiu ontem manter a sua política actual.

A questão dos aldeamentos tem sido um dos obstáculos principais nas diligências israelo-egípcias para redigir uma «declaração de princípios para paz compreensiva no Médio Oriente».

A mais recente opinião do Cairo acerca da declaração foi transmitida, no sábado, a Jerusalém pelo subsecretário norte-americano de Estado, Alfred Atherton, que deverá encontrar-se hoje com o primeiro-ministro Menahem Begin e o ministro dos Negócios Estrangeiros, Moshe Dayan, a fim de saber a resposta de Israel.

Dayan, discursando ontem, num banquete em honra do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros, David Owen, observou que o Egipto precisaria de mais sete anos para se preparar para outra guerra no Médio Oriente.

«Aconteça o que acontecer,

não há lugar para outra guerra...», observou.

SÍRIA NÃO QUIS RECEBER ATHERTON

Entretanto, os dirigentes sírios recusaram-se a receber o secretário de Estado adjunto americano, Alfred Atherton por ocasião da sua nova missão no Médio Oriente, considerando que os seus esforços «não servem a causa de uma paz justa e duradoura e não dizem respeito, portanto, à Síria», segundo revela hoje o quotidiano «Techrine».

O jornal acrescenta que é a segunda vez que a Síria rejeita uma proposta da Administração americana tendo em vista um encontro sírio-americano ao mais alto nível.

«Techrine» escreve: «A Síria considera que a política seguida por Washington não favorece a paz na região. A posição da Síria, que preconiza a retirada completa de Israel dos territórios ocupados e a restauração dos direitos nacionais dos palestinos, é irrevogável».

CHIPRE: RAPTORES EM TRIBUNAL

Por outro lado, um carro prisional fechado, escoltado por quatro jipes cheios de polícia

fortemente armada, trouxe hoje a tribunal os dois árabes que provocaram a sangrenta batalha do aeroporto de Larnaca, em Nicócia, capital de Chipre.

Samir Mohamed Khader, de 28 anos, e Zayef Husseln Ahmed El Ali, de 26, compareceram perante um tribunal distrital cipriota grego para uma audição preliminar sob a acusação de assassinio. São acusados de matar o redactor-chefe do jornal egípcio «Al Ahram» Yusef El-Sebai, numa acção que levou à batalha de Larnaca, há oito dias, em que morreram quinze «comandos» egípcios. O incidente levou ao corte de relações entre o Egipto e Chipre.

Em Chipre, o assassinio premeditado pode significar a pena de morte. Porém, Kiprianou, na qualidade de chefe de Estado, pode exercer a misericórdia.

As implicações diplomáticas do julgamento fizeram com que Kiprianou conferenciasse ontem, por telefone, com o secretário de Estado americano, Cyrus Vance. Vance explicou que uma mensagem de Carter, exprimindo «admiração e apoio a Sadat pelo envio da força de «comandos» para Larnaca, «não pretendia atribuir culpas nem ao Egipto nem a Chipre» pelo incidente no aeroporto

Eleições regionais na Índia dão grande vitória a Indira

O novo partido político de Indira Gandhi obteve uma vitória esmagadora nas eleições regionais de sábado o que lhe permite controlar o Estado de Karnataka e manter vivas as suas esperanças políticas.

Completada a contagem dos votos, o «Congresso de Indira» conseguiu 152 lugares, ou seja, mais de dois terços dos 224 que estavam em jogo e mais do que os seus próprios adeptos previam.

O partido Janata, actualmente no Governo, conseguiu 58 lugares e o Partido do Congresso, ao qual Indira Gandhi pertencia anteriormente, apenas dois.

Entretanto, o presidente deste Partido Brahmananda Reddy, afirmou que «assumia a responsabilidade pela derrota do Congresso em Karnataka» e demitiu-se sem esperar sequer pelos resultados dos quatro outros estados e um território onde se realizaram eleições.

Dos restantes lugares em jogo no Estado de Karnataka, o Partido Comunista da Índia, conseguiu obter três e os restantes nove foram para outros partidos e candidatos independentes.

Os resultados das eleições nos Estados de Andhra Pradesh, Maharashtra, Assam, Meghalaya e no território de Arunachal Pradesh deverão ser conhecidos ao fim do dia de hoje.

COLÓMBIA

Ao mesmo tempo, o Partido Liberal continua maioritário na Colômbia, apresentando esta madrugada 1.108.878 votos, o que representava uma vantagem de 163.659 sufrágios sobre os conservadores.

O partido Liberal do ex-chanceler Julio Cesar Turbay Ayala, vencia o ex-presidente Carlos Lleras Restrepo por uma ampla margem. O grande derrotado, entretanto, foi o senador Carlos Holmes Trujillo que não mereceu grande fervor do eleitorado.

A eleição serve para o preenchimento dos 311 lugares no Senado e Câmara dos Representantes dos Conselhos Municipais e ainda para a es-

colha do candidato do Partido Liberal para as Eleições presidenciais de 4 de Junho, que conforme os resultados, poderá ser Ayala.

De acordo com informações oficiais foi muito grande a abstenção nessas eleições, atingindo possivelmente os 60 por cento.

SENEGAL

Por sua vez Leopold Sedar Senghor, será reeleito presidente da República do Senegal e o Partido Socialista de que é secretário-geral, conseguirá a maior parte dos 100 lugares da Assembleia Nacional.

Os resultados conhecidos das eleições de ontem e as estimativas que deles se extraem, atribuem entre 15 e 30 por cento dos votos ao Partido Democrático Senegalês, principal partido legal de oposição e, na eleição presidencial, a mesma percentagem para o seu secretário-geral, Abdoulaye Wade.

Morreu

Robert Sobukwe

O dirigente nacionalista negro Robert Sobukwe, que se encontrava sob medidas restritas, morreu a noite passada no hospital de Kimberley na África do Sul, após uma longa enfermidade, anunciou hoje a sua família.

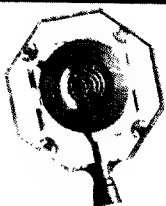
Sobukwe, de 53 anos, era ex-presidente do Congresso Pan-Africano (PAC), uma ala dissidente do Congresso Nacional Africano (ANC). Ambas as organizações foram proibidas em Abril de 1960.

No mesmo ano, Sobukwe foi condenado a três anos de prisão por dirigir uma campanha de negros contra a «Lei do Passe» que restringiu os seus movimentos.

Depois disso esteve detido mais seis anos sem julgamento na prisão de Robben Island ao abrigo das «leis de segurança» da África do Sul.

PROGRAMA 3

Manuel de Azevedo



Horas de Lisboa

Ora bem!

Lisboa, como todas as cidades, tem as suas horas de silêncio, de trabalho frenético, de ruído insuportável, de cansaço que descaia para um novo silêncio.

Lisboa tem as suas horas de alegria e de tragédia, de violência e de solidariedade, de grandeza e de miséria, de crueldade e de compreensão humana, de drama e de comédia.

Lisboa é burguesa, é proletária, é marginal, a um tempo abarracada e monumental, bela ao longe mas suja e desorganizada ao perto. Ao lado dos seus super-mercados e centros comerciais tão europeus e civilizados, vemos os mercados árabes dos passeios, das vielas e esquinas, além dos ambulantes a fugir da polícia.

Lisboa também tem os seus dias heróicos, como foi o 25 de Abril, ou de euforia popular, como foi o 1.º de Maio de 1974.

Tivemos agora, no passado sábado, uma Lisboa demonstrando a sua grandeza cívica, homenageando em nome do País, com dor, orgulho e esperança, os homens que morreram no Campo de Concentração do Tarrafal. Heróis que não mataram. Heróis que morreram por defenderem a liberdade e o povo, a justiça e a independência nacional.

Sob uma chuva insistente, o povo de Lisboa deu à cerimónia a grandeza nacional que os heróis e mártires mereciam. Uma fita negra de quilómetros de povo de guarda-chuva e vastas manchas coloridas de muitos mi-

lhares de flores envolviam de emoção e determinação as urnas desses portugueses cuja morte é um ferrete indelével do regime de terror e violência que o País suportou durante quase meio século.

Esses portugueses são também um exemplo de coragem na resistência à opressão e de esperança no futuro deste País. Por isso alguma coisa há a lamentar nesta reparação organizada pelos sobreviventes do Tarrafal aos que ali morreram, o não terem sido nacionais as cerimónias, isto é, não terem sido oficiais.

Eu bem sei que os Jerónimos só servem para os funerais dos Salazes, a Assembleia da República só serve de tribuna para os deputados proferirem discursos, o Instituto Superior Técnico só serve para os futuros engenheiros terem aulas, etc. etc. De maneira que a câmara ardente teve de ser improvisada na Sociedade de Belas Artes, que também, (além de ser uma entidade particular), só devia servir para expor quadros, esculturas, automóveis e outras peças artísticas.

Vistas bem as coisas a verdadeira câmara ardente foi a grande catedral constituída por muitos milhares de corações de portugueses que sentiram aquelas horas de Lisboa como das mais emocionantes vividas nesta cidade e neste País. (22/2/78)

«Programa 3» é a reprodução, em exclusivo, de crónicas lidas às quartas-feiras no microfone da RDP («Diário Positivo»), na data indicada no final.



Mais um apelo ao público

Não é a primeira vez que me dirijo especialmente aos leitores do «DL» e não é a primeira vez que o faço por causa do Teatro da Cornucópia.

Coincidências. O caso é o seguinte: o Teatro da Cornucópia tem em cena, aliás, em reposição, um espectáculo que se chama «Ah Q» (leia-se Ah Kiu). De qualquer ângulo que o olhemos, trata-se de um dos mais importantes espectáculos do teatro feito em Portugal nos últimos 25 anos. Não há nenhuma razão para que o público

diga NÃO a um espectáculo como este: só ver trabalhar Jorge Silva Melo compensará o tempo gasto, quanto mais o resto. O meu apelo é, pois, o seguinte: o leitor deste jornal é com certeza um espectador para este espectáculo. Ver este espectáculo é acreditar no teatro e nas nossas possibilidades em fazê-lo à altura das nossas mais altas exigências. Quem está aí que não queira aceitar o meu desafio?

CARLOS PORTO

"A Navalha na Carne" de novo no cartaz

A OTC Oficina de Teatro e Comunicação inicia no dia 1 de Março uma temporada popular com a peça «A Navalha na Carne» de Plínio Marcos, na sala do Centro Cultural dos Trabalhadores da Carris (junto ao elevador da Bica, na Calçada do Combro) em colaboração com a União dos Sindicatos de Lisboa. Esta temporada popular foi programada em função do êxito que o espectáculo alcançou junto do público trabalhador, nomeadamente devido aos debates realizados após as sessões, que possibilitaram um levantamento bastante positivo sobre

os problemas do desemprego e consequente marginalismo que é cada vez mais crescente nas sociedades de exploração capitalista.

Entretanto, após ter sido estreado no dia 11, continua em cena com êxito o espectáculo infantil da OTC «O Mãe Deixa-me ir ver o Ai! Ai! Minha Machadinha» criação colectiva da Cooperativa, baseada em canções populares infantis. O espectáculo continuará em cena todos os sábados e domingos na sala do TNT à Praça José Fontana, 12 e, durante a semana, está a ser apresentado em colectividades e escolas.



Um momento de «A Navalha na Carne»

CINEMA CAPITÓLIO
HOJE
AS 15-17-19-21-23 H
variações sobre o amor!

no calor de Júlia
DANS LA CHALEUR DE JULIE

LAURE COTEREAU
YVES COLLIGNON

INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
ESTE FILME CONTEM CENAS EVENTUALMENTE CHOCANTES

EASTMANCOLOR

CHUVA DE ESTRELAS
COLISEU DOS RECREIOS

HOJE, AS 21.30 H.

Com a colaboração graciosa dos artistas
HERMÍNIA SILVA ☆ IVONE SILVA
JOSÉ VIANA ☆ CIDÁLIA MOREIRA

O MISTERIOSO PROF. KARMA
2 FAMOSAS PARELHAS PALHAÇOS INTERNACIONAIS
CHARLES & PÓPÓ e TONINO & TÓTÓ CAMPOS
AINDA GRANDES ATRAÇÕES INTERNACIONAIS DO VERDADEIRO BILLY SMART CIRCUS INGLÊS

ATENÇÃO

TODA A RECEITA DESTES ESPECTÁCULO REVERTE EM FAVOR DA ARTISTA MARIA GABRIELA MONTEIRO (GABY) NETA DO ANTIGO EMPRESÁRIO DO CIRCO MARIANO QUE BREVEMENTE SERÁ SUBMETIDA A UMA RIGOROSA OPERAÇÃO NOS EST. UNIDOS DA AMÉRICA

CIRCO SOBRE GÊLO
Apresenta: A sua nova Produção circense 1978

O CIRCO DAS MIL E UMA NOITES

UM ESPECTÁCULO ÚNICO NO MUNDO !!
ADMIRADO E APLAUDIDO POR MAIS DE 100.000.000 DE ESPECTADORES EM OS CINCO CONTINENTES

COM MAIS DE 200 ARTISTAS DOS MELHORES CIRCOS DO MUNDO!
CAMPEÕES OLÍMPICOS SOBRE GÊLO!
120 BELAS PATINADORAS!
OS FEROSOS LEÕES DE ANGEL CRISTO
O MELHOR DOMADOR DO MUNDO (Medalha de Ouro do Festival Mundial de Circo de Moscovo)
OS MELHORES PALHAÇOS INTERNACIONAIS!
GRUPO DE CAVALOS EM LIBERDADE!
ELEFANTES INDOSTANICOS!
FONTES LUMINOSAS!

FINALMENTE ESTREIA 6.ª FEIRA
Todos os dias «matrões» às 16
Noites às 21.45 Sábados e Domingos «matrões» às 14.30 e 17.30 (para todos)
INSTALADO NO NORTE DO PARQUE EDUARDO VII, JUNTO À RUA MARQUÊS DA FRONTEIRA.

TEMPORADA POPULAR a partir de 1/3/78

OTC OFICINA DE TEATRO E COMUNICAÇÃO
A NAVALHA NA CARNE

Na Sala do C. Cultural dos Trab. da Carris (ao fundo do elevador da Bica)
às 21.30h

TEATRO ABERTO

ZUMBIencenação de **AUGUSTO BOAL**

Metro Palhavã - Telef. 770969

AS GARGALHADAS MAIS BARATAS DE LISBOA E... ARREDORES!

ADOQUE teatro

Tel. 874476

APRESENTA

Ora vê lá tu!...

UMA REVISTA POPULAR NO CASARÃO DO MARTIM MONIZ

TODOS OS DIAS DUAS SESSÕES — às 20.30 e 22.30 • MATINÉES AOS DOMINGOS — às 16 horas

Folgas às Quartas — Não acons. a menores 18 anos

... E NO SÁBADO (ÀS 16 HORAS) LEVE O SEU FILHO A VER A FESTA DA MALTA

Hoje



Eunice Muñoz, numa cena de «Ajax»

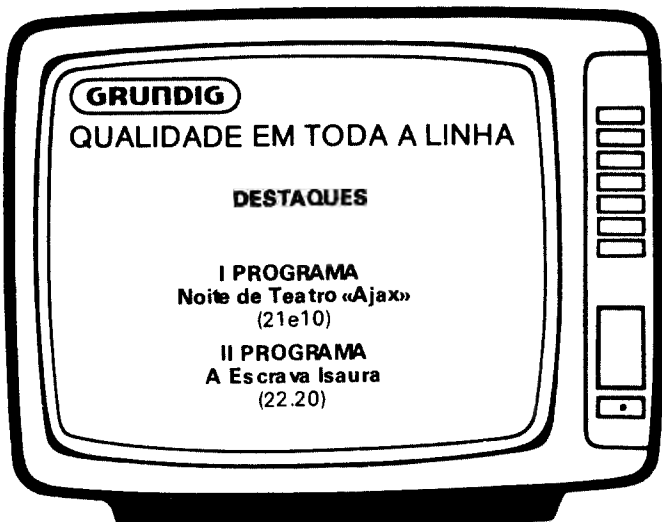
I PROGRAMA

- 18.07 Telejornal — 2.ª edição
- 18.12 Infantil
- 18.35 Inglês a sorrir (Iniciação)
- 19.05 «Marés vivas do sonho» — No centenário do nascimento do Professor Francisco Gentil
- 19.40 Telejornal regional
- 20.00 Telejornal 3.ª edição
- 20.25 O Casarão — Comportamentos, conflitos e problemas de cinco gerações da mesma família. Episódio n.º 41 da Telenovela de Lauro César Muniz. Realização de Daniel Filho. Produção da Central Globo de Televisão.
- 21.05 Boletim meteorológico
- 21.10 Noite de teatro — «Arquivo» — «Ajax» — De Sófocles. Texto português, de Carlos Wallenstein. Com: Eunice Muñoz, João Perry, Lia Gama, Costa Ferreira, Eduardo Jacques, Jorge Sousa Costa, Norberto Barroca, Carlos Cabral, José Tavares, José Braz, etc. Cenografia: Moniz Pereira. Produção: Figueiredo de Barros. Realização: H. Peyroteo.
- 23.25 Telejornal — 4.ª edição
- 23.40 Fecho

TUDOR
BATERIAS · PILHAS

II PROGRAMA

- 19.00 Ano Propedêutico
- 22.00 Telejornal
- 22.20 Escrava Isaura (repetição do 4.º episódio)
- 23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

09.15 Ano Propedêutico Hora do almoço, 12.10 Música para o almoço, 12.40 A Escrava Isaura-7.º episódio, 13.15 Telejornal-1.ª edição, 13.30 Ciclo Preparatório TV, 18.07 Telejornal-2.ª edição, 18.12 Infantil, 18.35 Jardins Zoológicos do Mundo, 19.10A Arqueologia e a sociedade, 19.40 Telejornal regional, 20.00 Telejornal-3.ª edição, 20.25 O Casarão-episódio n.º 42, 21.00 Boletim Meteorológico, 21.10 Baretta-Série policial, 22.05 Primeiro plano, 23.09 Telejornal-4.ª edição, 23.15 Fecho

II PROGRAMA

19.00 Ano Propedêutico, 22.00 Telejornal, 22.20 A Escrava Isaura (Repetição do 5.º episódio), 22.55 Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU **TV**
SOS-CLÍNICA DE TELEVISÃO
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
DESLOCAÇÃO E ORÇAMENTO GRÁTIS — SERVIÇO PERMANENTE

Telefs. 88 27 86 - 89 98 26

Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Múcau, 8

Canal da Crítica

JOÃO NÚNCIO, O MÁRTIR

MÁRIO CASTRIM

As pianistas Noémia Brederode e Helena Matos trouxeram-nos música portuguesa de Jorge Croner de Vasconcelos, Luís Costa e Vítor Macedo Pinto. Alguns minutos de tranquilidade depois daquele turbilhão do «Homem Rico, Homem Pobre».

Já chamei repetidas vezes a atenção para este folhetim. Considero-o de extrema importância para o nosso enriquecimento cultural, para o conhecimento de uma sociedade para a qual, no nosso País, nos querem novamente arrastar. Evidentemente seria preferível organizar tele-romances, espetáculos, reportagens com perfeita integração na vida portuguesa. Todos os dias se ouve a torto e a direito proclamar que a situação é grave que está em jogo a sobrevivência da Pátria, que é urgente a mobilização. Ora, por muito estranho que pareça a televisão portuguesa encontra-se totalmente afastada desse projecto. É um corpo estranho na vida portuguesa, a reflectir o jogo de forças existentes e os estranhos compromissos. Fundador do CDS, seu actual dirigente, Korth Brandão pertencia ainda não há muito ao conselho de administração da RTP. A signi-

ficar que, se o casamento PS-CDS se legalizou agora, amancebia já vinha de longe.

Mais do que nunca (talvez mesmo tomando em linha de conta toda a sua existência) a televisão encontra-se lançada no caminho do anticomunismo que é, como se sabe, a antecâmara da antidemocracia. São as omissões graves, são as calúnias, é o aproveitamento grosseiro para o anti-socialismo, no plano internacional, é a lavagem ao cérebro, numa escalada nunca dantes conhecida, do Carter, do Begin, dos dirigentes da África do Sul, da Rodésia, etc.

RECORDEMOS UM POUCO

No plano interno, os «esquecimentos», o atraso das notícias, o privilégio ao nível da provocação, a ausência de tratamento adequado a acontecimentos realmente significativos, a preferência pelo encheurramento para dar às pessoas a impressão de que estão a ser bem informadas, etc.

Recordemos a infância que foi a reportagem do regresso dos mártires do Tarrafal — nem ao menos pararam a

câmara alguns segundos na legenda inscrita no monumento Sem falar na cobertura prévia que se ficou, da maneira mais formal, pela entrevista a dois sobreviventes, na **Página sete**, a despachar como quem faz um frete ou pede desculpa ao respeitável público. Recordemos a cortina de silêncio caída sobre a grande reunião dos pequenos agricultores e rendeiros do Centro e Norte do País, projectada para Coimbra. Recordemos a breve reportagem muda (mudíssima!) da Assembleia de Camponeses do Alentejo, a propósito do lançamento das sementeiras da Primavera. Está em causa o pãozinho da boca, mas isso parece não ter grande importância lá para os lados do Lumiar.

A crónica desta sujeita nunca mais acaba. Sendo certo que o seu mau porte se está a transformar num escândalo nacional.

UM LIGEIRÍSSIMO SUJÍSSIMO

A título meramente exemplificativo, repare-se naquele pequeno pormenor de **Ligeiríssimo** — uma rubrica que, sem ninguém saber porquê, se viu

guindada ao horário de ouro da programação.

Primeiro, foi aquela mínima entrevista com o grupo musical **Area**. As respostas, dadas em italiano, não mereceram sequer tradução. Já se sabia que somos um País de analfabetos, faltava-nos saber que somos um País de políglotas.

Mas depois. Ah, depois. Depois é que foi o grande momento. Nem mais, nem menos a homenagem ao cavaleiro João Nuncio. Relações existentes entre o cavaleiro e a música ligeira, ninguém conhece. A música dele era outra e pertencia ao género latifundista, de que nenhum democrata melomano guarda saudade.

Na televisão portuguesa, parece que guardam. Até a despropósito da música ligeira glorificam o seu nome. Assim, **Ligeiríssimo** serve-se para isso do alibi de um mau fado e de um mau fadista. Este nem sequer tivera tempo de decorar a letra, pois utilizava a estante. Tratava-se, pelos vistos, de uma homenagem urgente.

O fado, em tom meloso, cantava as virtudes, a saudade e as desgraças do latifundista Nuncio.

Foi mais um homem diferente que o mundo crucificou

Como se vê, Nuncio foi mais um mártir. Talvez haja quem pense já na beatificação do amigo de Salazar e suporte montado do fascismo. Tere-mos, para breve, mais um santo na folhinha, como dizia o fadista Hilário, um santo patrocinado pela Televisão portuguesa?

Tudo leva a crer. No elogio a Nuncio, chora-se a sua desgraça: **foi senhor e foi mendigo** (horrorrrr) e também foi **Califa em Portugal**. Mas depois, ah, depois sopraram os ventos da desgraça e João Nuncio conheceu o seu calvário. Mais ainda, amigos e incrédulos leitores, Nuncio, o mártir.

Como Jesus no Golgota Mestre Nuncio foi profeta...
Tudo isto seria ridículo se a intenção fascista não fosse demasiado visível. Para que alguns amigos mais ingenuos saibam no que dão certos casamentos.

SECRETARIA NOTARIAL

DAS CALDAS DA RAINHA

Primeiro Cartório

CERTIFICO, para efeitos de publicação, que por escritura de 13 de Fevereiro de 1978, lavrada de folhas oitenta e um verso a oitenta e três, do livro de notas n.º D-7, deste Cartório, a cargo da notária, licenciada Ermelinda dos Santos Pereira Xavier, foi constituída uma associação de denominada «ARCO CLUBE DAS CALDAS», com sede provisória na Praça 5 de Outubro, n.º 12-A, 1.º, em Caldas da Rainha, tendo por fim a prática do tiro com arco, a sua propaganda e dinamização, sobretudo nas camadas mais jovens, sem prejuízo de quaisquer outras actividades desportivas, culturais ou recreativas que possa vir a praticar, podendo ser sócios da associação todas as pessoas que o requeiram através de uma inscrição devidamente preenchida e assinada, a qual durará por tempo indeterminado.

No omissio regerá o Regulamento Interno.

Está conforme o original e declara-se que na parte omitida nada há em contrário ou além do que vai transcrito.

Caldas da Rainha, aos dezasseis de Fevereiro de mil novecentos e setenta e oito.

O Ajudante da Secretaria Notarial (António José de Sá)

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente n.º 52 064 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE POLÍMEROS E COPOLÍMEROS CONTENDO SUBSTÂNCIAS DO TIPO DO CAUCHÚ».

Trata:

Clarke, Modet & C.ª L.

Patentes e Marcas

Rua Castilho, 201-3.º Esq. - LISBOA-I

Diário de Lisboa

vende-se na
TABACARIA FERREIRA
R Manuel Maria Vieira, 7
Em ALVERCA

Pub

ESPECTÁCULO DE BENEFICIÊNCIA NO COLISEU DOS RECREIOS

Hoje, segunda-feira, dia 27, realiza-se no Coliseu dos Recreios, às 21 e 30, um grandioso espectáculo de beneficência, em favor da artista Maria Gabriela Monteiro

(Gaby), neta do conhecido e antigo empresário do Circo Mariano e que brevemente vai ser submetida a uma melindrosa operação cirúrgica, nos Estados Unidos.

Nesse espectáculo, além de conhecidos artistas de circo, como os palhaços internacionais Carlos e Popó e Tonino e Totó Campos, assim como algumas das grandes atracções internacionais da companhia inglesa de Billy Smart Circus, participaram ainda o discutido e espectacular prof. Karma, com os seus números de mentalismo, e as vedetas do fado e do teatro de revista Hermínia Silva, Ivone Silva, José Viana, Cidália Moreira, Vítor Mendes e outros artistas que não quiseram deixar de prestar a sua colaboração a este autêntico «show» de beneficência.

um caminho para a felicidade

viver a dois

a sexualidade no casamento

(LIVING TOGETHER)

Barbara Klinger
Hans Hass Jun.

um filme de F. J. GOTTLIEB

NÃO ACONSELHÁVEL A MENORES DE 13 ANOS
EASTMANCOLOR
TALMA FILMES

ESTREIA AMANHÃ

estúdio 444

"NACIONAIS" DE FUTEBOL

Sporting mais longe da Europa

Benfica e FC do Porto continuam no comando do «Nacional» maior, com a diferença de um ponto favorável aos lisboetas. Nos únicos antecipados da jornada, os vanguardistas, a contas com a Europa do futebol depois de amanhã, desenharam-se sem grandes dificuldades dos seus competidores, respectivamente o Vitória de Guimarães e o Marítimo.

A ronda, para além do portemoner acima referido, do zero-a-zero de Coimbra (Académico-Belenenses) e da derrota do Sporting em Braga, ficou assinalada pelo mau tempo que fustigou o território de Norte a Sul. Como corolário, o Espinho-Boavista viria a ser interrompido aos 66 minutos (Nemésio Castro, como relata Fernando Alberto na sua crónica sobre o encontro e as suas lagunares peripécias, viu tarde a questão). Pelas mesmas razões, três embates da II Divisão, e quatro do escalão imediatamente inferior, foram também adiados.

Pois «encarnados» e «azuis e brancos», como se sublinha nas apreciações dos nossos camaradas João Ferreira e A. Ferreira, que estiveram na Luz e Antas, respectivamente, produziram tarefas que ficaram aquém do seu real valor, e que (sobretudo), a repetirem-se, na quarta-feira, perante dois «Monstros» do actual futebol europeu, detariam portento das as esperanças lusas nas duas mais importantes provas ufeiras. E plausível admitir, no entanto, e particularmente no caso da equipa de Pedroto, que se tratou de um ensaio mais voltado para a poupança, que de um afinamento para o encontro com Anderlecht. O Benfica, por seu turno, não logrou uma coisa nem outra como ensaio, a actuação foi medíocre; como tentativa de afinamento, resultou num espantoso quase inconsequente.

No «1.º de Maio», em Braga, os locais dirimiram forças com o Sporting (golos de Chico Gordo, o primeiro de grande penalidade) e avançaram para um lugar no concerto europeu da Taça UEFA, lado a lado com o Belenenses. Os bracarense, ainda com hipóteses para a Taça das Taças, estiveram em grande, como conta o nosso camarada Neves de Sousa na sua crónica, no «pântano» da «Cidade dos Arcebispos».

Relativamente ao encontro de Coimbra, diga-se (Manuel Teixeira refere-o na sua apreciação) que o Académico dominou bastante mais, mas a defesa do Belenenses a segunda menos batida do Campeonato, voltou a evidenciar uma organização impecável, aumentando o interesse pelo jogo que Braga e «Azuis» disputarão na próxima jornada (12 de Março) no Restelo.

O Portimonense recebeu e derrotou o Varzim por 1-0 (golo de Fernando, ao terminar a primeira parte), deixando o último lugar ao Marítimo, e igualando o Riopole, além de ter ultrapassado o Feirense na luta emo-

cionante que está a ser travada pela fuga à descida de Divisão.

O jogo Estoril-Feirense ficou assinalado pela expulsão do defesa local, Amílcar. Mas houve por outro lado, a satisfação de um triunfo igualmente importante para a luta dos «afritos». O resultado foi de 2-1, mas o Feirense esteve a ganhar por 1-0, com um golo de Henrique. Na segunda parte, porém Zuledo e Abrantes marcaram dois tentos e garantiram a vitória à sua equipa.

O Vitória de Setúbal, que tem vindo a atravessar uma fase menos boa, parece ter reencontrado o trilha do êxito ao «golear» o Riopole por 4-0 golos de Palhares, Vítor Madeira, dois e Cabumba, pelo que os visitantes ficaram, também, mais directamente envolvidos no drama dos que lutam pela sobrevivência.

Tabela pontual: Benfica 31 pontos; FC Porto 30; Belenenses 25; Sp. Braga 23; Sporting 21; V. Guimarães 21; V. Setúbal 18; Varzim 16; Boavista 15; Espinho 15; Académico 15; Estoril 13; Portimonense 11; Riopole 11; Feirense 10 e Marítimo 9.

A prova sofrerá, agora, uma interrupção de quinze dias, reatando-se no dia 12 de Março, já que no próximo domingo terá lugar mais uma eliminatória da Taça de Portugal, «apimentada» com o eterno «derby» Sporting-Benfica.

MARCADORES

Chico Gordo ultrapassou Rui Jordão na lista dos melhores marcadores do Campeonato Nacional da primeira divisão

ACADÉMICO, 0-BELENENSES, 0
"Serenata à chuva"

MANUEL TEIXEIRA

Sob uma chuva persistente e, em certos trechos do jogo, verdadeiramente diluviana, disputou-se no «Municipal» de Coimbra um dos encontros mais importantes da jornada que opôs um debilitado Académico (Joaquim Rocha, Rogério e Costa ficaram à lareira) ao sensacional Belenenses (também Hertz ficou pelas bandas do Tejo) até este momento o 3.º classificado do «Nacional» maior.

E foi isto e assim: Hélder terá feito duas ou três defesas ao longo de 90 minutos; Rui Paulino ainda teve que fazer uma boa dúzia delas. No meio esteve a virtude, ou seja: foi pelo meio-campo que a balança pendeu para os homens de Coimbra.

Com Gervásio na sua bitola normal (portanto, sem igual do lado «azul»: apenas Esmoriz, pela sua aplicação, evitou maior desequilíbrio), o meio-campo de Coimbra pôde ainda contar com Camilo a recuperar a sua grande forma, Freitas (sempre irrequieto) e a dar muito trabalho ao lateral Sambinha, e, principalmente Vala, que encheu o campo com a sua classe. Foi ele o maestro dessa bela orquestra que é o Académico, nomeadamente durante os primeiros 45 minutos, já que no 2.º tempo o campo ficou pouco menos que impraticável.

Com terreno para operar, o centro-campista de Coimbra pôde (e soube sempre) municiar excelentemente o seu ataque, com lançamentos de mais de 30 metros que criavam grandes problemas aos centrais de Belém (Luís Horta inexecutível em força e colocação, e Alinho com o comando total do

após a jornada de ontem e sábado.

Chico Gordo, que marcou dois golos ao Sporting, tem agora, 16 contra 15 de Jordão, o qual se encontra afastado dos campos de futebol devido a uma lesão sofrida há duas semanas, no jogo com o Benfica.

A seguir figuram (na lista) Duda (do FC do Porto) com 12 golos, Serginho do Feirense, e Gomes e Oliveira, ambos do FC do Porto, todos com 11 golos, e Joaquim Rocha, do Académico e Mané, do Vitória de Guimarães, ambos com 10.

DIVISÃO 2

ZONANORTE: Sanjoanense-Aliaidos, (a); Famalicão-U. Lamas, 3-1; Régua-G. Vicente, 2-1; Rio Ave-Chaves, 0-0; Fafe-Vila Real, 1-0; Vianense-Leixões, 1-1; Penafiel-Lousã, 2-1; P. Ferreira-P. Brandão, 3-0. (a) Interrompido ao intervalo devido ao mau tempo com o resultado em 0-0.

	V	E	D	G	P
Famalicão.....	13	3	1	46-11	30
Fafe.....	9	5	4	25-13	23
Aliaidos (a).....	10	8	4	30-14	22
P. Ferreira.....	8	5	7	15-22	19
Rio Ave.....	9	4	8	19-14	19
Régua.....	8	8	8	29-29	18
Chaves.....	5	8	5	17-18	18
Penafiel.....	6	6	6	25-27	18
Vianense.....	6	6	6	18-24	18
P. Brandão (b).....	6	3	8	20-24	15
Leixões.....	5	7	21	21-15	15
U. Lamas.....	4	6	8	19-26	14
Gil Vicente.....	4	6	8	14-22	14
Sanjoanense (b).....	4	5	8	9-14	13
Vila Real.....	4	5	9	17-25	13
Lousã.....	4	5	8	24-26	13

(a) Têm menos dois jogos
(b) Têm menos um jogo

ZONA CENTRO: E. Portalegre-Ac. Viseu, 2-0; U. Leiria-Sintrense, 0-1; Beira-Mar-Marinhense, 2-0; Covilhã-U. Coimbra, 1-0; Peniche-Águeda, (a); U. Santa-

rém-Marrazes, 2-0; U. Tomar-Portalegrense, 2-1; Mangualde-Cartaxo, 1-0 (a) Adiado.

	V	E	D	G	P
Beira Mar.....	13	3	2	32-8	29
U. Viseu (a).....	10	4	3	32-16	24
U. Tomar.....	9	5	4	20-11	23
Portalegrense.....	8	7	5	24-16	23
E. Portalegre.....	9	2	7	28-19	20
Marinhense.....	7	4	7	23-24	18
Peniche (a).....	5	7	5	21-22	17
U. Leiria (a).....	6	5	6	18-21	17
U. Santarém.....	6	5	7	18-18	17
Covilhã.....	7	3	8	18-20	17
U. Coimbra.....	5	6	7	15-20	16
Mangualde.....	4	8	6	15-20	16
Águeda (a).....	3	7	7	12-16	13
Cartaxo.....	5	3	11	15-29	12
Sintrense.....	4	3	11	16-28	11
Marrazes.....	3	5	10	13-30	11

(a) Têm menos um jogo

ZONA SUL: V. Gama-Barreirense, 1-2; Olhanense-Juventude, 0-0; Odivelas-Almada, (a); Atlético-Amora, 2-0; C. Piedade-Sesimbra, 1-0; Nacional-Feirense, 0-0; Lusitano-CUF, 0-0; Luso-Montijo, 0-3.

(a) Adiado.

	V	E	D	G	P
Barreirense.....	12	3	3	33-15	27
Juventude.....	9	6	3	37-18	24
Atlético.....	10	3	3	29-20	23
CUF (a).....	7	6	4	23-16	20
Olhanense.....	9	2	7	21-15	20
Montijo.....	7	6	5	27-25	20
Amora.....	6	7	5	26-25	19
Parosense.....	6	7	5	26-19	19
Almada (a).....	6	5	6	17-28	17
C. Piedade.....	5	7	6	19-27	17
Odivelas (a).....	5	3	7	15-27	15
Lusitano.....	3	8	7	17-21	14
V. Gama.....	6	2	10	24-32	14
Nacional (a).....	4	5	8	18-25	13
Sesimbra.....	3	6	9	12-20	12
Luso.....	3	4	11	10-28	10

(a) Têm um jogo a menos

DIVISÃO 3

SÉRIE A: M. Caval.-Tirsense, 1-2; Joane-Limianos, 1-1; Mondim-Tadim, 0-1; Cabeceir.-M. Font, 2-0; Vizela-Prado, 0-0; Monção-Braganç., 1-0; Rib. Pena-Mirand., 1-6; Desp. Aves-Valdevez, 5-1; Guia Desportivo das Aves, 30 pontos.

SÉRIE B: Salgueiro-Avintes, 1-0; Paredes-Oliveir., 2-0; Valecamb.-Perosinho, 1-0; Samped.-Leveren., 0-1; Amaran-te-Lamego, 2-0; Cucujães-Fream., 2-0; Bustelo-Infesta, 1-1; Vilanov.-Arrifan., 0-0. Guia Paredes, 28 pontos.

SÉRIE C: Alba-Naval, 0-1; Gonçal.-Molelos, 1-3; O. Bairro-Marial, 4-0; Tocha-Cov. Benf., 5-0; Ançã-Anadia, 2-0; Febrés-Guarda, 1-0; Tondela-Gouveia, 1-1; V. Benfca-Carap., 4-0. Guia Oliveira do Bairro, 27 pontos.

SÉRIE D: D. Cast. Bran.-Amien., 0-0; Nazaren.-T. Novas, 2-0; Torrien.-Caldas, 2-1; Batalha-Condest., (a); Eléct.-Almeirim, 4-0; Lousan.-Alcobaça, 3-1; Alcanenen-Benf. C. Bran., 6-0; Bombarral-Matrena, 1-0.

(a) Adiado.

Guia Caldas, 29 pontos.

SÉRIE E: Elvas-D. Olivais, 2-0; Bucelen.-Sousel, (a); Campom.-Benavente, 1-0; Sacav.-Alverca, (a); Borben.-Casa Pia, 0-2; Vitória Lx.-Loures, 4-2; P. Pinheiro-Elven, 3-2; S.L. Oliv.-Orient., 0-0.

(a) Adiado.

Guia Elvas, 30 pontos.

SÉRIE F: C. Capar.-A. Regueng., 1-0; Quarter.-Alcochet., 1-0; U. Montem.-Sarihén. (a); Seixal-Paio Pires, 0-0; Rosaren.-Esperan., 3-0; Aljustrel-M. Olhanen., 2-0; Serpa-Silves, 2-2; U. Sant. Cãm.-D. Beja, 0-0.

(a) Adiado.

Guia Sarihense, 23 pontos.

ACADÉMICO: NOVIDADES

Vala assinou contrato com o Beira-Mar (duração de um ano), por quantia não revelada, mas que será bastante superior aos 14 contos que auferia em Coimbra.

Rogério tem vários clubes interessados: mas, além de já estar assente que não continua em Coimbra, deve também optar pelo Beira-Mar.

José Freixo hesita entre ficar em Coimbra ou ir até ao Norte, mais concretamente Vila do Conde (Rio Ave) e Famali-



Estoril: muito sofrimento, num lapaçal pegado (Foto de António Capela)

ção, que foram os clubes que até ao momento lhe ofereciam propostas concretas.

Juca tem uma proposta do Académico para continuar, tem outra da Federação para ficar à frente das Selecções Nacionais (em regime de «full-time»), mas que não lhe agrada pois é bastante baixa e, ao que julga saber-se, tem outra do Sporting (de Lisboa).

Rui Rodrigues deve ir para Pavidém, onde tem a sua farmácia e, portanto, se continuar a jogar futebol (e é muito possível que o faça) deve optar por um dos clubes dessa zona. (No último ano, uma das cláusulas do contrato que o Riopole lhe oferecia era o fornecimento de todos os medicamentos para o pessoal da Fábrica Riopole).

LIVERPOOL VENCE

Sob os olhares de Mortimore (espião do Benfica) o Liverpool bateu o Manchester United, por 3-1.

PERU COM PSICÓLOGO

A selecção peruana de futebol contratou um psicólogo, o dr. Daniel Guillen. Não é a primeira vez que o dr. Guillen presta colaboração à selecção peruana de futebol, já que foi o psicólogo que acompanhou a selecção do seu país ao «Mundial»-70, que se disputou no México.

Guillen trabalhou, também, com os jogadores, na fase eliminatória do Campeonato do Mundo de 1978.

Figuras e números

V SETÚBAL, 4 - RIOPELE, 0

Árbitro: Lopes Martins (Lisboa).
V. Setúbal: Jorge, Rebelo, Martin, José Mendes e Caíca; Quim, Narciso e Rachão; Cabumba, Vítor Madeira e Palhares.
Riopole: Padrão; Joca, Ederson, Vítorino e Teixeira; Jó, Luís Pereira e Garcês; Fonseca, Jesus e António.
Golos: Palhares, Vítor Madeira (2) e Cabumba.

PORTIMONENSE, 1 - VARZIM, 0

Árbitro: Inácio de Almeida (Setúbal).
Portimonense: Jorge, César, João Cardoso, Juvenal e Soares; Sora (Diamantino), Fernando e Tião; Nelson, Jailson (Valter) e Arnaldo.
Varzim: Tibi; Cacheira, Lima Pereira, Albino e Guedes; Eli seu (Marques), Festas e Montóia; Júlio, Marco Aurélio e Jarbas.
O golo foi marcado por Fernando.

ESTORIL, 2 - FEIRENSE, 1

Árbitro: Santos Luís (Coimbra).
Estoril: Ruas; Vieira, Fernando, Amílcar e Peixoto (Zuledo) Óscar, Santinho e Quim; Abrantes, Salvado e Capeda.
Feirense: Pinto; Babalito, Cândido, Brito e Sobral; Ezequiel, Zequilha e Henrique; José Domingos, Serginho e Cipó.
Golos: Henrique, Zuledo e Abrantes.



PRÉMIO
Black & Decker
O HOMEM DO DIA NO JOGO DO DIA

Lito (Braga)

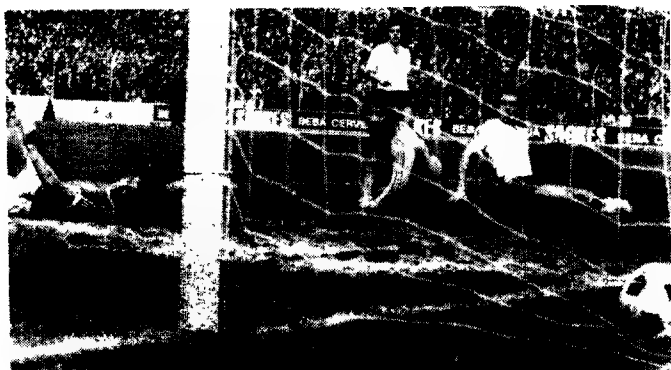
O «Black and Decker» desta semana, merecia-o toda a equipa do Sporting de Braga: mas, havendo que escolher o «homem do dia» ele é (forçosamente) Lito, jogador franzino, estatura «imprópria» para um campo daqueles (o «1.º de Maio») a exigir esforço extra. Lito foi o grande animador do ataque bracarense, o homem que destróçou a defensiva leonina, o atleta a quem o emblema que envergava ficou devendo muito da magnífica vitória obtida, quicá do primeiro visto no passaporte para o futebol europeu.



No termo do campeonato, em reunião de convívio, todos os distinguidos pela «Black and Decker» vão receber os seus prémios.

TOTOBOLA
A chave

Esposinho-Boavista.....	X
Portimonense-Varzim.....	1
Benfica-V. Guimarães.....	1
Académico-Belenenses.....	X
Sp. Braga-Sporting.....	1
V. Setúbal-Riopole.....	1
Estoril-Feirense.....	1
Sanjoanense-Aliaidos.....	X
Régua-Gil Vicente.....	1
U. Tomar-Portalegrense.....	1
V. Gama-Barreirense.....	2
Olhanense-Juventude.....	X
Lusitano-Cuf.....	X



Nenê: a oportunidade no golo n.º 2 (Foto de António Capela)

BENFICA, 2-GUIMARÃES, 0 A César o que é de César

JOÃO FERREIRA

Já há muito tempo não víamos uma exibição tão má, ao Benfica. Porque, depois de amanhã pesa sobre a equipa a grande responsabilidade de derrotar o Liverpool, porque, o Vitória de Guimarães é, realmente, uma equipa de grande categoria, porque, Mortimore estava ausente, os «encarnados» não jogaram ao nível a que nos habituaram na presente época. Um largo sector do público chegou, mesmo, a assobiar a sua equipa, tão desastrosa ela esteve, a ponto de inclusivamente falhar um «penalti» (Pietra atirou ao poste) e ter passado alguns maus bocados, sobretudo por duas ocasiões em que Mário Ventura e Tito, respectivamente, falharam golos certos.

O Benfica não conseguia penetrar na grande área vimarense, não largava a bola ao primeiro toque, não tinha meio-campo capaz de entregar a bola ao ataque e, a defesa mostrava-se intranquila sempre que o adversário lhe aparecia pela frente. Foi Toni (aos 45 minutos) quem salvou a equipa e, provavelmente, o resultado, obtendo o primeiro golo, com um pontapé feito de fora da grande área que os vimaranenses ficaram a ver (incluindo Melo, fiado de mais no seu golpe de vista).

Depois do intervalo com a vantagem de golo e, sobretudo, com a entrada de Pereirinha para defesa direita (permitindo a Pietra ocupar o lugar de médio) o Benfica melhorou, acabando em plano aceitável e justificando os dois pontos alcançados.

A pior exibição do rectângulo, porém, seria a do árbitro (César Correia), um juiz credenciado e experiente que, por isso mesmo, ainda merece maior censura. Mal auxiliado pelos «bandeirinhas», que erraram demasiadas vezes na apreciação do fora de jogo, ele próprio deixou passar em claro

Árbitro: César Correia (Faro).

BENFICA: Bento; Bastos Lopes, Humberto, Eurico e Pietra; Toni, Chalana (Pereirinha) e Shéu; Nenê, Vítor Baptista e Cavungi.

V. GUIMARÃES: Melo; Ramalho (Pedrinho), Celton (Torres), Soares e Alfredo; Ferreira da Costa, Abreu e Romeu; Almiro, Tito e Mário Ventura.

Golos: 1-0, por Toni; 2-0 por Nenê. Cartão amarelo a Melo.

ESPINHO, 1-BOAVISTA, 1 (68 MINUTOS)

O mar galgou a terra

FERNANDO ALBERTO

Nemésio de Castro, o árbitro de Lisboa que dirigiu o encontro entre espinhenses e boavistenses, demorou nada mais nada menos do que 68 minutos para tomar uma decisão que, logo à partida, não oferecia outra alternativa. Mesmo tendo em conta todos os problemas resultantes de um adiamento, Nemésio de Castro tinha por obrigação de impedir que o «pelado» de Espinho fosse palco de um (triste) espectáculo, cujas semelhanças com o futebol seriam pura coincidência. Porém, assim não o entendeu o juiz lisboeta, apesar dos protestos unânimes de ambas as partes interessadas, pois decidiu-se pela realização do desporto.

Dada a proximidade do mar, o Campo da Avenida está sujeito a «entupim», transformando a breve trecho o «pelado» numa qualquer ilha rodeada de água por todos os lados. Felizmente, que não se chegou a esse ponto, sobretudo porque o futuro presidente do Boavista, Valentim Loureiro se fartou de berrar e não só para dentro do rectângulo de jogo, tentando desse modo chamar a atenção do árbitro e dos seus auxiliares para a realidade que eles não queriam enxergar durante mais de metade da partida.

A partir do momento em que os espinhenses se colocaram em vencedores (12 minutos), pois é evidente que já não seria tão fácil tomar tal decisão. Quis o destino, no entanto, que os «axadrezados» empatassem no dealbar do segundo tempo (52), para assim se fazer luz na mente do trio lisboeta que acabou por dar por findo um encontro sem história ou com uma história que nos recusamos a contar.

A terminar, refira-se (a título de curiosidade) que a suspensão do desafio foi aceite com agrado pelos intervenientes na contenda, apesar de surgir bastante tarde, quando as forças já começavam a chegar ao fim, depois de um trabalho inglório.

As equipas:

Espinho: Gaspar; Coelho, Pereirinha, Raule Amaral (Carvalho aos 63 m.); João Carlos, Manuel José e Acácio; Moia, Reis e Canavarro.

Boavista: Matos; Trindade, Carolino, Artur e Alberto; Francisco Mário, Barbosa e Jorge Gomes (Vitor Pereira na 2.ª parte); Albertino, José Manuel (Salvador, na 2.ª parte) e Moinhos.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Reis (12 m.) e Carolino (52 m.).



Espinho: uma espécie de polo aquático

Jimmy Hagan e o Boavista

Ontem, ao fim da tarde, Jimmy Hagan firmou contrato com o Boavista.

Entretanto, Taí volta ao Boavista. Com efeito, o lateral es-

querdo do FC do Porto assinou pela equipa do Bessa no fim do encontro de sábado, rubricando ante os insulares uma exibição pautada pelo a certo.



Quarenta mil reza ram por Oliveira (Foto de Bruno Neves)

FC DO PORTO, 3-MARÍTIMO, 0 Jogou-se só para um lado

A. FERREIRA

A partida entre o FC do Porto e o Marítimo não teve história. Jogou-se só para um lado — ataque insistente dos portistas — o que tornou o encontro naturalmente monótono, de jogadas sempre repetidas para o mesmo lado, insípido (por ausência de lances de bom apuro técnico) e, num e outro trechos, quezimento por algumas entradas menos «académicas» dos visitantes. O guarda Quim, mal batido em dois golos, ajudou a facilitar o que já era fácil e proporcionou num deles um «chapéu» de fora da área por Oliveira (1.º golo) em que todo o talento do excelente jogador portista esteve patente.

Todo o mundo esteve muito mais preocupado com possíveis lesões que pudessem acontecer aos portistas (Oliveira pôs 40 mil almas de credo na boca ao ser tocado e assistido para reentrar quatro minutos volvidos) do que interessado na luta. Sabia-se que mais tarde ou mais cedo viria ao de cima (como veio) a supremacia dos locais, sem que para isso os «azuis-e-brancos» tivessem que se «esfarrapa».

Fisicamente, os jogadores portistas estiveram no campo. Em pensamento, não. O jogo com o Anderlecht está à porta, e para aí é que se desviaram as atenções. O FC do Porto, fez a sua obrigação: vencer. O Marítimo comportou-se à «altura» da debilidade do seu conjunto. Não houve (naquele terreno) lesões, uma das finalidades dos portistas depois do principal objectivo que era a vitória.

A turma do Marítimo viveu quase completamente sobre a defensiva e numerosas tentativas de ataque foram «cortadas» logo que entravam no campo portista, em que os defensores da casa puseram constantemente fora de jogo um, e de quando em vez dois,

os avançados visitantes, há que fazer uma referência, porém, a um golo anulado ao Marítimo: após um castigo, a bola foi de corpo de Fonseca ao poste, regressou ao jogo e a recarga de Tininho parcou-nos limpa, isto é sem que o avançado tocasse as mãos do guarda. Mas não juramos que tivesse acontecido segundo a nossa objectiva.

A arbitragem foi, de resto, de um caseirismo censurável, punindo os visitantes em lances semelhantes aos que perdou aos locais.

Árbitro: José Luis Tavares, de Setúbal.

F.C. Porto: Fonseca; Murça, Teixeira, Simões e Tai; Rodolfo, Ademir e Oliveira (Celso, aos 66 m), Seninho (Duda aos 66 m), Vital e Gomes.



Gomes a querer passar, José Luis Tavares a ver (Foto de Bruno Neves)

Marítimo: Quim; Olavo, Noémio, Bira e Fernando; Canon (Peter, aos 64 m), Ângelo e Eduardinho; Eduardo Luis, Tininho e Djair.

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Oliveira (31 e 64 m) e Ademir (59 m).

Cartão amarelo para Bira por jogo violento.

MODALIDADES EM DESFILE

ATLETISMO

A atleta benfiquista Nora Araújo logrou, nos campeonatos de Espanha (em pista coberta) um pulo de 5,95 m em comprimento, marca que fica a constituir novo máximo nacional, ultrapassando o salto de 5,92 m que pertencia à sportinguista Conceição Alves. Nora Araújo venceu a competição desenhada em Madrid.

Outros dois benfiquistas com saliência especial, também nos campeonatos espanhóis: Vítor Mano (6,99) e José Silva (7,1), nos 60 metros, ambos a constituir as melhores marcas de sempre obtidas por portugueses na distância.

«ASES» EM DESTAQUE

O «Ases das Avenidas» voltou a estar em evidência nos regionais lisboetas de curta-matado para infantis e iniciados que, decorreram no Jamor.

Classificações em infantis (masculinos) — 2.000 metros — terminaram 163 concorrentes: 1.º Luís Silva (Santa Iria), 6,39,5; 2.º José Reis (Ases), 6,43,5; 3.º João Bernardes (Sarge), 6,44,9; 4.º Jorge Marítimo (Ases), 6,45,5; 5.º Mário Marcelino (Ases), M.T. Por equipas: 1.º Ases das Avenidas, 24 pontos; 2.º Benfica, 72; 3.º Olivais Sul, 114.

Infantis (femininos) — 2.000 metros — terminaram 63 concorrentes: 1.º Ana Cardoso (Ases), 7,29,3; 2.º Paula Tomé (Olivais-Sul), 7,44,5; 3.º Ana Machado (Ases), 7,47,4; 4.º Maria Júlio (Ases), 7,47,4; 5.º Paula Romão (Ases), 7,48,6. Por equipas: 1.º Ases das Avenidas, 21 pontos; 2.º Sarge, 132; 3.º CUF, 132.

Iniciados (masculinos) — 3.000 metros — terminaram 88 concorrentes: 1.º José Almeida (Benfenses), 9,55; 2.º Belarmino Cardoso (Ases), 9,57; 3.º Eduard Vigoroso (Mucifalense), 9,57,9; 4.º Luís Miguel (Esirela Azul), 9,58,9; 5.º João Carvalho (Benfica), 10,6,4. Por

equipas: 1.º Ases das Avenidas, 62 pontos; 2.º Benfica, 66; 3.º CUF, 121.

Iniciados (femininos), 2.500 metros — terminaram 46 concorrentes: 1.º Ana Mendonça (Ases), 9,40,3; 2.º Ana Cristina Santos (Sporting), 9,48,7; 3.º Ana Paula Peres (Benfenses), 9,51,1; 4.º Teresa Leite (Sporting), 9,52,8; 5.º Ana Ferrão (Olivais-Sul), 10,2,6.

BASQUETEBOL

Prosseguiu o nacional de basquetebol, do escalão maior. Els os resultados da dupla jornada: G. Figueirense-Sangalhos, 81-83; CDUP-Benfica, 74-76; Olivais-Académico, 63-84; Queluz-Sporting, 59-114; Alges-Barreirense, 53-79; FC Porto-Atlético, adiado (sábado); e Queluz-Barreirense, 57-114; Olivais-Sangalhos, 49-90; G. Figueirense-Académico, 126-80; CDUP-Atlético, 80-110; Alges-Sporting, 82-115; e FC Porto-Benfica, 74-84 (ontem).

A classificação é a seguinte: 1.º Sporting, 32 pontos; 2.º Sangalhos, 31; 3.º G. Figueirense, 29; 4.º Benfica, 29; 5.º Barreirense, 29.

ANDEBOL

Novo passo do nacional de andebol. Desfechos na Zona Norte: Académico-Vilanova, 26-17; DPóvoa-Gaia, 18-13; FC Porto-AcS.Mamede, 19-9; D. Portugal-Maia, 17-15; F. Holanda-Braga, 21-18; S. Bernardo-B. Mar, adiado. Classificação: 1.º FC Porto, 52 pontos; 2.º S. Bernardo, Vilanova e Académico, 38; 5.º S. Mamede, 36; 6.º D Póvoa, 35; 7.º Maia, 34; 8.º B. Mar, 33; 9.º Gaia, 31; 10.º D Portugal, 30; 11.º F Holanda, 27; e 12.º Braga, 24 pontos. De salientar que S. Bernardo e S. Mamede têm menos dois jogos, enquanto Académico, B. Mar, D Póvoa e F Holanda têm menos um.

Zona Sul: BC Branco-Caramão, 9-19; C Ourique-Sporting, 27-37; Benfenses-Encar-

nação, 32-8; Oriental-Almada, 19-9; P Manuel-Benfica, 22-16; e V Setúbal-CDUL, adiado. Classificação: 1.º Sporting, 54 pontos; 2.º Benfenses, 50; 3.º Benfica, 46; 4.º P Manuel, 40; 5.º Caramão e Bf C Branco, 36; 7.º V Setúbal, 34; 8.º Almada, 30; 9.º Encarnação, 27; 10.º CDUL e Oriental, 26; e 12.º C. Ourique, 23 pontos. O V Setúbal e o CDUL têm um jogo a menos.

BILHAR

António Vinagre averbou um empate, frente ao italiano António Oddo, na 8.ª jornada do campeonato da Europa de bilhar às três tabelas, que decorre em Copenhaga. Está em 11.º lugar da tabela pontual.

HÓQUEI PATINADO

Esta noite há hóquei em patins (nacional da Divisão): Zona Norte: Candal-Carvalhos, Espinho-Valongo, Ribad'Ave-Infante de Sagres, Invicta-Oliveirense e FC Porto-San-

joanense. Zona Sul: Paço de Arcos-Benfica, Oeiras-Sporting, Cascais-CUF, C. Ourique-Amadora e Salesiana-Pareda, às 22 nos rinques dos primeiros.

NATAÇÃO

Destaque grande para o jovem Paulo Frischknecht (Algés e Dafundo) nas provas deste fim-de-semana, organizadas pela Associação de Lisboa: bateu o recorde absoluto e de seniores dos 400 metros livres com 4-10,90, obtendo os seguintes tempos de passagem: 100 metros — 59,2; 200, 2-28,0; 300, 3-07,50; 400, 4-10,90. Bateria-se mais cinco recordes regionais: Liliana Santos, dos 400 metros livres com 4-57,30; Alexandre Pinto, em infantis, dos 200 metros brucos com 2-58,10, equipa do Benfica, nos 4x100 metros estilos com 5-23,30, em seniores; Benfica, em juniores, com 5-21,60; e pelo Algés, em juvenis, com 5-21,70.

BRAGA, 2-SPORTING, 0

O exército e a legião

Fracasso do futebol de Alvalade, neste campeonato que parecia marcado pela luta directa do «leão» em busca do título, tornou-se lugar comum. Em 18 jogos, três empates e seis derrotas: 50 por cento de espectáculos onde o sinal positivo esteve arredado das soluções.

E, embora o poderio atacante (Jordão e Manuel Fernandes) tivesse disfarçado atenta análise, a verdade é que os verde-brancos estão com a oitava defesa do campeonato (23 golos consentidos) o que nada abona um sector que conta com figuras como Artur e Laranjeira, Botelho e Manaca ou Inácio, todos eles considerados de primeiro plano no futebol cá da terra, três recrutados a peso de ouro para esta temporada, quatro com apelos já cumpridos à alta internacionalização ainda envolvidos nos negócios presentes da selecção deste burgo, o que reflecte (individualmente) um valor indesmentível e insofismável. Então (perguntará algum leitor) o azar é vê-los juntos?

Nada disso: o problema é de um Sporting que, globalmente, jornada a jornada mais vem divulgando uma crise que é visível mesmo a olhos de absolutos leigos, com a tal defesa a viver intranquilidade sobre brasas, com um amálgama de médios qual deles mais indisciplinado na manobra e na acção de pensar, com uma frente de ataque que, escalpelada da presença de Jordão, se tornou (apenas e só) um sinal de inconformismo para Manuel Fernandes e um tormento para Keita, mais dado aos idealistas pensamentos da sua fé que à tarefa de bem encharcar a camisola na hora de trabalho duro para justificar o «cachet».

Ontem, em Braga, num pano de lama lavrado por pitons, com o vento a fustigar os troncos e a desabalada tempestade a enregelar os ossos, o Sporting foi uma imagem feita de palidez e tristeza, face a um Braga cheio de força física e anímica, com o conta-quilómetros a zero perante os lisboetas da carripana a ir-se abaixo a cada pisadela de acelerador. E foi isso (não apenas a tarde fulgorante de Lito e seus pares de dianteira, mais Ronaldo e Conhê) que provocou novo colapso da muito desbaratada hoste que está acéfala de comando e, também, desprovida de qualquer outra preparação que não seja o constante anúncio de que tem grandes prémios no ponto de mira, mas tarda em arrecadar coisa que se veja, dados os inéxitos que marcam a rota

de um «onze» que parecia (à luz do dinheiro dispendido em aquisições) com belas possibilidades de bater o pé pelo troco e, hoje, já precisa do milagre que não chega para conseguir uma entradinha na Europa.

Vimos, com estes dois no avião que conduzia a equipa para Lisboa, o prof. Rodrigues Dias (a quem a saída de Paulo Emilio poderia ter dado a «chance» maior de uma modesta mas honesta carreira) ficar sozinho, cá para a cauda, ao lado de dois sujeitos que não deveriam saber da luta íntima que se trava no cérebro de um homem, decididamente talhado para funcionar exclusivamente como subalterno dos grandes generais. Depois, quando os futebolistas do Sporting se encaminhavam, em grupos, para os táxis, rumo a

COMENTÁRIO POR NEVES DE SOUSA

casa, toda a gente continuou alheada de Rodrigues Dias que, de bonezinho enterrado até as orelhas, era uma imagem perdida no meio da estrada. Esse desconforto de carinho, esse alheamento das vedetas pelo que deveria ser seu comandante autêntico, o anonimato a que se deixa resvalar Rodrigues Dias, por conhecer até onde podem ir as suas sufficiências, é o retrato exacto do Sporting de hoje, onde (do a quem doer a conclusão) ninguém acredita que, sem um treinador de gabarito e personalidade, a reviravolta bata à porta, mesmo que, domingo próximo, uma benesse celestial permita arredar o Benfica da estrada da «Taça».

O Sporting, realmente, viaja há dois meses com uma solução adiada: e, ou é masoquista ou apático, pois desdobra os dias à espera que João Rocha diga sim ou não à continuidade, daí fazendo depender todo o seu futuro, esquecendo que não poderá ser sobre os ombros de um só homem (ainda por cima acompanhado por quem Deus sabe...) que terá de estar o peso inteiro de uma colectividade de muitos e muitos milhares.

E, o que na análise de muitos sportinguistas serenos e conscientes mais fere a retina, é que esse Sporting dos elevados pergaminhos a defender, tem cíclicos períodos de redução ao zero, quando despe da porta fora os treinadores que triunfam na conquista de títulos ou melhor se amoldam às precárias condições de trabalho num clube enorme mas sem estrutura no departamento futebolístico, quando pontapeia (como inutilidades) futebolistas na flor da idade que mais tarde corre, apressadamente e a todo o vapor, a reaver por largos milhões, quando se deixa adormecer no canto da sereia e assiste, impotente e gelado, ao desmoronar de um edifício que custou milhões e, neste momento, está pelo preço da uva mijona.

Esta, a nossa óptica dos factos, constatados dia-a-dia, não apenas na observação do comportamento em campo dos continuadores de uma herança que é preciso defender mas, sobretudo, pelo que vemos das suas desafiantes declarações públicas, cada uma mais acirrada que a anterior, qual delas mais virada contra companheiros e chefes, como se os ratos principiasses a abandonar um navio que já nem a balões de soro encontra rumo para bom porto.

FÍSICO SÃO, ESPÍRITO FIRME

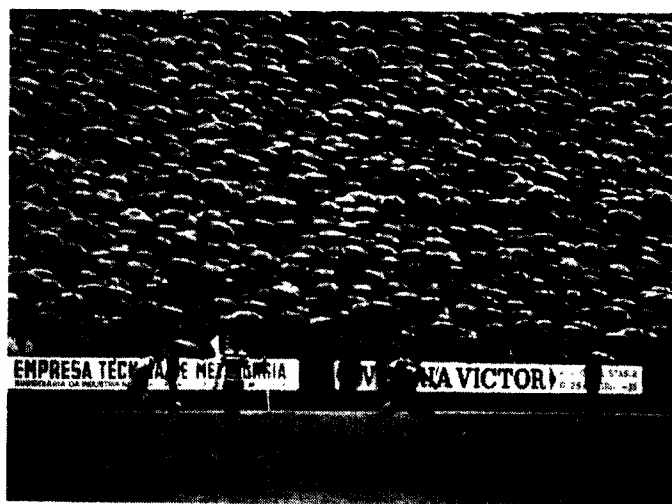
Todavia, não é apenas porque o Sporting (de Lisboa) navega em mar proceloso e batido pelo temporal que o Sporting (de Braga) construiu o seu bonito êxito, tão esperado e palpitado que poucos totobolistas foram ludibriados e a anónima massa de Povo é, digam o que disserem, o juiz mais calmo das realidades. É que o Braga, para além de possuir um homem experiente na

sua vanguarda (o argentino Mário Imbelloni, que pelo seu passado como jogador setonou respeitado e escutado), possui um apoiante ao nível de Hilário (passo a passo marcando um caminho que deseja seguro e sem precipitações) e, ainda, um «plante» que, muito mais restrito que o dos lisboetas, está (porém) imbuido de espelante espírito de equipa, tacticamente arrumado, tecnicamente apurado, com um arcaboço feito de boa e correcta preparação física, com os pulmões cheios do ar puro das montanhas, talvez porque na cidade maior a voragem de motivações diferentes da qualificação e apuro profissional esteja a reduzir a cisco um mundo de boas intenções.

SEM FORÇA, NULA RESISTÊNCIA

Tacticamente, o Sporting andou 45 minutos sem saber como deveria, em Braga, encarar o estado do tempo e verga-lo. A bola ficava sempre presa aos pés ou no pântano, os passes eram dobrados ou telegrafados, aquele terceiro de meio-campo era uma desgraça pegada, especialmente porque Fraguito parece que desaprendeu, em meia dúzia de penadas, toda a subtilidade da classe que o tomou quase ímpar e, nem o jovem Barão nem essa raposa velha do Mali que está em Portugal na fase última de uma carreira cheia de fulguranças, são homens para na (má) condição física que patenteiam, resolver a mínima questão colocada no tabuleiro. Desprovidos da capacidade impulsional de Baltasar, atirado da Costa para a incógnita e Ailton para a prateleira, resta ao meio-campo sportinguista viver de Manaca, ontem (e sozinho) o resistente em todo o primeiro período do jogo, o único que dava a bola de primeira e pelo ar, que pontapeava o esférico com genica e eficiência no corte ou no ataque. No resto, foi um pandemónio, uma constante calcadela de Lito e Nelinho, de Chico Faria e Chico Gordo, qual deles a mais incomodar Inácio ou o pobre Meneses, o primeiro sem saber se deveria dobrar os erros do fortuito parceiro ou defender as próprias barbas, o brasileiro sem um único lance de brilho ou categoria justificativas de alinhar num «team» como o Sporting.

Não admirou que, depois do intervalo, em certos períodos Artur e Laranjeira acompanhassem Manaca e se tornassem fulcros da luta defensiva do aterrorizado grupinho de Alvalade mas, era tarde para resgatar as renúncias de Keita, a descrença volumétrica de Freire, os deslumbamentos feitos de nada (mas sublinhados com risadas) de cada vez Isaias tentava entrar num lance. A frente de ataque sportinguista, que tinha ficado desfalcada de Manuais, era um passarinho na rede, que esvoaçava muito mas batia sempre com as asas no arame. E, embora Conhê tivesse sido chamado a três ou quatro estiradas de bom nível, de-



O negro mar dos guarda-chuvas, como pano de fundo (Foto de Bruno Neves)

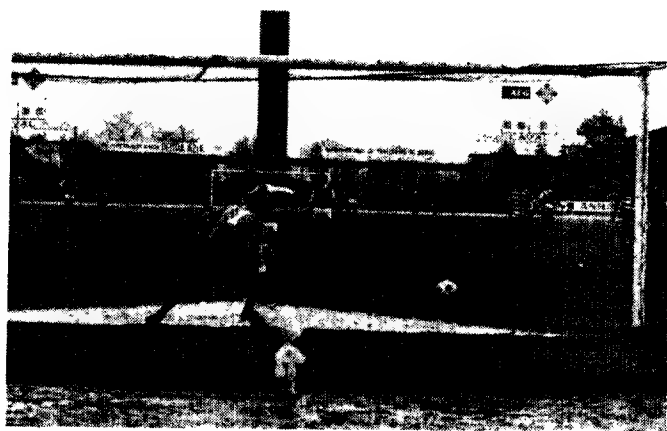
rivadas da necessidade de bloquear «tiros» despedidos de longe, nunca esteve em dúvida o sucesso minhoto, mormente a partir da implantação dos seus mosqueteiros no palácio contrário, dominando escadas e salões, varrendo tudo, da cozinha à varanda. Lito (pequeno prodígio de habilidade e doação ao esforço), Nelinho (mais a sua gigantesca aplicação ao trabalho), Chico Faria e Chico Gordo a continuarem na dianteira o exemplo vibrante de Ronaldo e Fernando, Artur e Cardoso, Garcia e Rodrigo, valiam por um todo, enquanto a embaixada lisboeta, despedida do palanque com palmas de tango, era como que um «muleta negra» varrido da catedral do toureiro por insuficiência de meios e competência para ali se estabelecer.

Inegável que foi triste mais esta amostra de como vão as coisas por Alvalade, a precisarem do tal milagrezinho ou de uma valentíssima sacudidela em toda a mobília. Mas, o facto do Sporting ser hoje presa fácil para qualquer ave de voo aberto e garras afinadas, não invalida que tenhamos de tirar o chapéu a um Braga que é no relvado ou no comportamento-extra de cada trabalhador, a imagem reflectida de um presidente como Lito Gomes de Almeida todo ele juventude e alegria, todo ele resplandecente e força física e contagiante euforia, certo de que as derrotas são para atirar para as costas mas não para esquecer, pelas lições que facultam mesmo a

quem não as quer decifrar em toda a extensão.

Abúlico, pardacento, sem qualquer elo de ligação entre si, o grupo (ou grupos...) de jogadores sportinguistas arrastam a vida à espera de dias melhores ou de uma chuva de mágicas poções idealizadas por algum druida que consiga dar nervo e tórax, energia e confiança, a quem anda com toda a borda da nau por debaixo de água. Tarda a chegada do comandante, demora a estruturação de um departamento que é feito de boas-vontades mas também muito de insipiências ou fanatismos.

Em contrapartida, parabéns ao Braga, ontem desfalcado de Marinho, Paulo Rocha, Bessa e Pinto. Está certo de que é para a frente que se viram os pés. Sabe que a Europa ficará consigo, se tentar a batalha da conquista fora de outras coordenadas que não sejam as da sua própria vontade. Com meia dúzia de homens que não serviam para os grandes emblemas do futebol desta área, fez uma omeleta de sabor e cor. Com outra meia dúzia, que os mesmos grandes deixaram fugir por entre os dedos, vai cimentando prestígio, ganhando e dando dinheiro a ganhar. Se não estamos em erro, é para isso que andamos cá todos, neste vale de lágrimas para o Sporting, neste recanto do céu em que poisam os sonhos mais agradáveis de indomáveis minhos de adopção ou nascimento, um querer único sob a bandeira de um exército. Ontem, a destroçaram completamente a legião invasora.



«Penaltie», por falta nítida de Laranjeira: a conversão (por Chico Gordo) deixou Botelho siderado (Foto de Bruno Neves)



O 2-0, também obra de Chico Gordo: o disparo (feito longe de Laranjeira) engana a estirada de Botelho (Foto de Bruno Neves)



João Rocha e Lito Gomes de Almeida: que conversa?



Manaca e Marinho: que segredos? (Fotos de Bruno Neves)

Braga: Conhê, Artur, Fernando, Ronaldo e Cardoso (Mendes); Garcia, Rodrigo e Chico Faria; Nelinho, Chico Gordo e Lito.

Sporting: Botelho, Artur, Laranjeira, Meneses e Inácio; Manaca, Fraguito e Barão; Manoel (Isaias), Manuel Fernandes (Freire) e Keita.

Arbitragem excelente do leiriense António Espinho, apoiado por António Fortunato e Adalberto Pereira. Golos de Chico Gordo, na concretização de grande penalidade (aos 17 minutos) e após um lance criado por Nelinho e endossado por Chico Faria.

FAÇA COMO 1 MILHÃO DE PORTUGUESES
FAÇA VOCÊ MESMO com **Black & Decker**

Peru vai às urnas

Continuação da pág. 3

respeito disto, que é mais fácil obter assinaturas de apoio para alguns partidos tradicionais que para aqueles reputadamente de esquerda, como o PC ou os grupos de extrema-esquerda, pelo temor de alguns quanto à possibilidade de virem eventualmente a aparecer vinculados a um movimento que poderia ser declarado subversivo ou fora da lei, no caso de as coisas mudarem.

A esquerda fracassou nas suas intenções de unificar-se numa frente. Além do mais é desnecessário, porque o sistema é proporcional ao número de votos. A divisão dá-se pelo anti-sovietismo dos grupos maoístas e trotskistas, repelidos irreconciliavelmente do PC denomina-

do «unidade» (em alusão ao nome do diário oficial do Partido Comunista).

No campo da direita a incógnita está representada pelo papel que jogará o APRA na Constituinte.

Nos seus últimos trinta anos o APRA alinhava-se cada vez mais às posições conservadoras, mas mais recentemente mostrou vontade de mudar a sua imagem: quereria ser considerado como o partido «social-democrata» do Peru, ainda que alguns o considerem fascista pelos métodos de agressão dos seus quadros de choque, a sua tradicional intolerância e o seu visceral anticomunismo.

Segundo diversos analistas, o APRA estaria disposta a assumir qualquer compromisso necessário com os militares para que o processo de transferência se não interrompa. Por agora declara que votará a favor da incorporação das reformas estruturais na nova Constituição.

Recentemente o seu líder, Haya de la Torre, emitiu a sua opinião em relação à restituição dos diários aos ex-proprietários privados, posição que constitui um teste interessante, porque neste ponto coincidem todos os demais partidos de direita em condenar a experiência da reforma da imprensa que Velasco Alvarado iniciou.

Serviço Nacional de Saúde arranca em Beja

O distrito de Beja, conjuntamente com os da Guarda e de Vila Real, passará em breve a funcionar como «zona-piloto» para aplicação do projecto do Serviço Nacional de Saúde — revelou, ontem, naquela cidade, o ministro dos Assuntos Sociais, que inesperadamente visitou, acompanhado pelo secretário de Estado da Saúde, diversas instalações hospitalares do distrito.

O ministro António Arnaut afirmou, nomeadamente, que o «SNS é um projecto colectivo que interessa a todos os portugueses e não um projecto de um ministro ou de um Governo. Trata-se de um projecto nacional, patriótico, que é necessário realizar para bem do povo português».

Os dois membros do Governo estiveram também em Évora. Um grupo de médicos teve aqui ocasião de lhes manifestar as suas preocupações perante o não funcionamento da Escola de Enfermagem local, a falta de enfermeiros, a paragem na construção do Hospital do Patrocínio e as carências do Centro de Saúde Mental. Arnaut tomou nota e prometeu soluções.

Francisco Gentil nasceu há 100 anos

Nasceu faz hoje um século, em Alcácer do Sal, o professor de Medicina, cirurgião e grande impulsor da luta contra o cancro em Portugal Francisco Gentil, nome recentemente atribuído ao antigo Instituto Português de Oncologia, por acto de homenagem àquele que mais contribuiu para a sua fundação.

Francisco Gentil defendeu tese em 1900 e, passados poucos anos, passou a dirigir o Teatro Anatómico da Escola Médico-Cirúrgica, hoje Faculdade de Medicina. Em 1906 foi nomeado professor de Cirurgia

da mesma escola. A sua longa carreira hospitalar, iniciada no Banco do Hospital de S. José, levou-o a passar pelo Isolamento de Arroios, Maternidade de Santa Bárbara e Hospital de Santa Marta, do qual foi director.

Daqui transitou para o Instituto Português de Oncologia, que ajudou a fundar em 1927 e que passou a orientar durante longo tempo, mesmo depois de atingido pelo limite de idade, em 1948. Pioneiro do combate ao cancro no nosso país, Francisco Gentil conseguiu, ainda no Hospital de Santa

Marta, criar um Centro de Diagnóstico e Tratamento, verdadeiro embrião do futuro Instituto.

As comemorações do centenário começaram hoje com uma missa na capela do Instituto. A RTP tem programada para logo à noite uma rubrica sobre a vida e obra do eminente vulto da Medicina portuguesa. Outros actos públicos de homenagem estão projectados: dentre eles uma sessão solene no Instituto Francisco Gentil, no próximo dia 29, com a presença do ministro da Educação e Cultura.

Alguns milhares de retornados vão ficar sem alojamento

De acordo com um comunicado emitido pelo Comissariado para os Desalojados, cessará a partir de 20 de Março a responsabilidade destes serviços em relação a um grupo de sete mil a oito mil desalojados, num total de cerca de 15 mil que actualmente se encontram alojados por conta do Estado.

De acordo com um comunicado emitido pelo referido organismo estatal, a quase totalidade destes 7 mil ou 8 mil desalojados encontra-se instalada em unidades hoteleiras, há mais de dois anos, tendo custado já ao povo português 1 milhão e duzentos mil contos à média de 286 escudos em 1976 e 205 escudos em 1977.

No sentido de se reduzirem estes custos, foram seleccionados alojamentos muito modes-

tos em áreas normalmente afastadas dos grandes centros urbanos ou de zonas turísticas verificando-se que os desalojados que podem continuar alojados aceitam bem tais soluções.

De acordo ainda com o comunicado, os sete mil desalojados preferirão em 28 de Fevereiro próximo cinco meses de permanência indevida para além dos dois anos já vividos em unidade hoteleiras designadamente nas regiões de Lisboa, Linha do Estoril, Algarve e Figueira da Foz.

Por sua vez o porta-voz dos desalojados, Silva Pereira, dirigiu um convite ao alto comissário no sentido de se processar um debate público na televisão onde estas posições serão debatidas publicamente.

Subsídio para a RDP

Atinge o montante de 164 mil contos o subsídio que o Conselho de Ministros, em reunião no passado dia 15, decidiu conceder à Radiodifusão Portuguesa, a braços com grave crise financeira. Chegou a correr notícia, depois desmentida, sobre eventual demissão do presidente da Comissão Administrativa.

Entretanto, vai ser nomeada uma comissão encarregada de, no prazo de 60 dias, apreciar as propostas de saneamento financeiro da empresa e as bases de um reequilíbrio de exploração a médio prazo, a celebrar com o Estado. A má situação financeira da RDP começou com a própria fusão da ex-EN com o ex-RCP, por muito considerada apressada. Foram por essa altura abolidas as taxas de radiodifusão, de há muito contestadas pelo público.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da patente n.º 60 708 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE DERIVADOS DE FENILGUANIDINICO, APLICAÇÃO DOS MESMOS PARA A PREPARAÇÃO DE COMPOSIÇÕES FARMACÉUTICAS COM EFEITO ANTELMINTICO E APLICAÇÃO DESTAS COMPOSIÇÕES PARA O TRATAMENTO DE DOENÇAS PROVOCADAS POR HELMINTOS».

Trata:

Clarke, Modet & C.ª L.ª
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º Esq.º
LISBOA-1

À CLASSE MÉDICA

Somos especializados em BATAS profissionais

TINTURARIA GUANABARA

DEPART. DE CONFECÇÕES

Av. João XXI 5-D - R. Infância 16, 55-C - LISBOA

Situação do tempo 09.00 H.

O céu estava muito nublado e caíam aguaceiros em alguns locais.

TEMPERATURAS DO AR

VIANA DO CASTELO	10º
BRAGANÇA	5º
VILA REAL	5º
PORTO	8º
P. DOURADAS	2º
COIMBRA	10º
PORTALEGRE	8º
LISBOA	11º
ÉVORA	12º
BEJA	12º
SAGRES	14º
FARO	13º
P. DELGADA	14º
FUNCHAL	14º

TEMPERATURAS EXTREMAS

RÉGUA	Máxima	17,5º
GUARDA	Mínima	3,6º

MAIRES DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
5.38 3,9 m	11.25 1,0 m
17.59 3,8 m	23.43 1,1 m
DIA 8	
6.17 3,8 m	12.08 1,1 m
18.41 3,7 m	

DIA 1			
7.04	3,6 m	0.31	1,2 m
19.35	3,5 m	13.00	1,3 m

O TEMPO ATÉ ÀS 24 HORAS DE AMANHÃ

Céu muito nublado, vento moderado de Oeste, soprando por vezes com rajadas fortes. Períodos de chuva ou aguaceiros. Possibilidade de trovoadas.



1.º Programa

18.00 Noticiário - Música portuguesa; 19.00 «Perspectiva» - música variada; 20.00 «Jornal da noite»; 20.30 Instrumentistas; 21.00 «Episódio do folhetim «Uma Família Inglesa», de Júlio Dinis, numa adaptação de Odet de Saint-Maurice»; 21.20 «Contraponto»; 24.00 Último jornal.

2.º Programa

18.00 Música sinfónica - O Carnaval Romano op. 9 (Hector Berlioz) - Poema sinfónico «Moldávia» (Béla Bartók) - «Abertura» da Ópera «Eugene Onegin» (Tchaikovsky) - Poema sinfónico «As Travessuras de Till Eulenspiegel»; 19.00 Animação cultural, por José Atalaya c/a colaboração da Orq.ª Sinf. do Porto; 19.30 Música de Câmara - Sonata para violoncelo e piano em lá maior (Boccherini) - Quinteto op. 43; 20.00 Doze danças alemãs, de Mozart, K. 585 (Mozart); 20.30 Solos de piano; 21.00 O canto e os seus intérpretes, por M.ª Helena de Freitas; 22.00 Obras de César Franck - Préludio, Coral e Fuga; Sinfonia em ré menor; 23.00 Intercâmbio musical - festival internacional de música contemporânea em Royan, 1977

3.º Programa - Nacional Regional (290 m)

18.00 «Vertical»; 18.20 Prevenção e saúde, pelo dr. José Matilde; 18.40 «Mulher, agora e aqui», pela Comissão da Condição Feminina; 18.50 Temperaturas do ar; 19.05 Teatro trágico, pelos Parodiantes de Lisboa; 19.40 «Disco... rendo», por Mário Martins; 20.15 A lei em que vivemos, pelo dr. Ruy Moura Guedes; 20.30 «Quando o Telefone Toca»; 22.00 «Suplemento» - Hóquei em patins - relato, em cadeia, dos jogos Espinho-Valongo e Oeiras-Sporting; 23.30 Hora Literária; 24.00 «Suplemento»

3.º Programa (197,5 m)

16.00 «Convite»; 18.00 «Compasso»; 18.15 Sal e Pimenta (repetição); 19.45 Ronda desportiva; 20.40 Serviço de Agenda; 21.00 Fecho.

4.º Programa - Emissão Total em Este de Onia

16.00 «Gong»; 19.00 «Em órbita»; 20.00 «Forum» - realização de Jorge Lopes; 21.30 O Homem no Tempo (repetição); 22.00 «Auditório» - Música de Jazz - Programa de Paulo Gil e Rui Neves «Prisma» - Realização de Fernando Quinas; 02.00 Fecho.

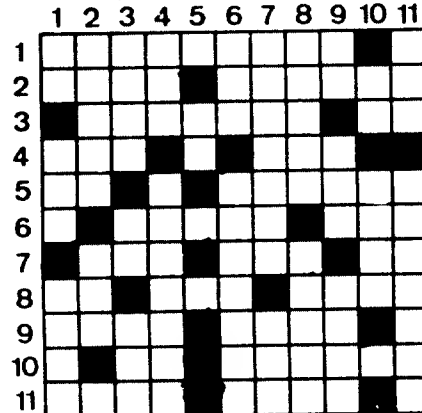
Rádio Renascença

18.08 Apelos; 18.15 Igreja e em Notícia-Palavra do Dia; 18.30 Transmissão do Terço do Externato do Parque; 19.00 Programa da Liga; 20.00 Objectivo; 20.53 Apelos; 21.05 Programa da Liga; 22.00 Quando o telefone toca; 22.30 Temas Vivos; 23.30 Estante Giratória; 23.55 Meditando.

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 11 977

HORIZONTAIS:

- Qualidade do que é anónimo.
- Base de uma montanha. Que actua.
- Da mesma natureza. Artigo definido.
- Costume. Artigo definido. Esteiro.
- Verbo (abr.). Guardar de a rames.
- Deseja ardentemente. Rezo.
- Progenitor. Rio de França. Preposição latina que designa movimento.
- Oferece. Maior. Serra de Portugal.
- Teci. Mamífero americano, da família dos Bovídeos, afim da corça.
- Prata (s.q.). Devasta.
- Líquido que se separa do leite e do sangue depois de coagulados. Sádios.



VERTICAIS:

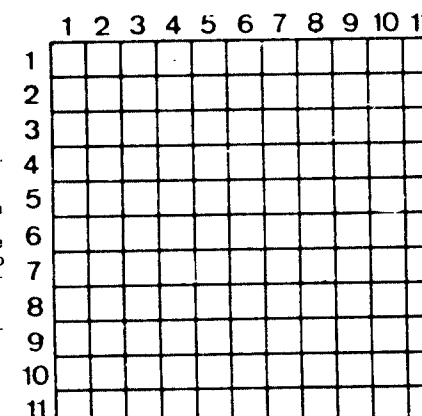
- Campeão. Noms. de fruto. Numa al cardinal (fem).
- Pronome possessivo. Semelhante.
- Suco narcótico obtido de algumas papoilas. Em partes iguais. Oferece.
- Também não. Adversário.
- Satélite de Júpiter. Tempo do verbo ser. Artigo definido.
- Desgraça. Assustas.
- Apanhai. Sufixo que designa abundância.
- Possuiria. Pronome possessivo.
- Ditongo nasal. Patrão. Sádios.
- Basta. Lavras.
- Espaço de trinta dias. Rebolam.

Resolva completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o PROVERBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 8038

HORIZONTAIS:

- Fruto da azeit. Perfeito.
- Nome de mulher. Cura.
- Batráquio. Dá mios. Rente.
- Vesga. (pop). Estacionas.
- Planta vivaz e medicinal. Sacode.
- Adicionas.
- Antes de Cristo. Privar da vista. Artigo definido.
- Revolucionário francês que foi assassinado no banho por Carlota Corday. Levantada.
- Car. Gostar muito de.
- Ramadas. Senhor. Canhamo de Manila.
- Perfume. Bruxas.



VERTICAIS:

- Bromo (s.q.). Basta. Poisa no mar (o avião).
- Enguias. Guardar segredo.
- Prenderas. Família.
- Altos. Substituiam.
- Fundador do Islamismo. Freguesia do concelho de Ponte de Lima.
- Nota musical. Prata (s.q.).
- Aguçai. Abreviatura de Santíssimo.
- Carta de jogar. Abrangera.
- Aparelho de ginástica (pl). Amónio (s.q.).
- Prata. Efemina.
- Capital do Tibete, à beira do Quixu. Curas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11 976

HORIZONTAIS:

- Gramas. Tara.
- Aire. Adur.
- Presumidas.
- Travor.
- Asar. Aba.
- Pégaro. Am.
- Ema. Os. Rata.
- Narra. Datar.
- Ar. O. Seta.
- TEMPO. EC.
- Calar. É. O.

VERTICAIS:

- Gap. Acena.
- Rirás. Marta.
- Am. Apar. El.
- MESTRE. Roma.
- Ur. Goa. Pr.
- Same. AS. Sô.
- Divas. DE.
- TUDO. Orate.
- Arara. Ataco.
- Bata.
- Al. Camarada.

PROVERBIO: O tempo é o mestre de tudo.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8037

HORIZONTAIS:

- Dias. Atoa.
- Ras. Cós. Aie.
- Os. Paços. SS.
- Camarão.
- Anula. Acres.
- Era. Aam.
- Amaço. Árias.
- Miradas.
- Ta. Oásis. Sr.
- Ama. Rio. Ser.
- Selo. Rosa.

VERTICAIS:

- Droga. Altas.
- las. Nem. Ame.
- As. Curam. Al.
- Palácio.
- Cam. Orar.
- Moca. Asir.
- Sora. Adio.
- Sacaras.
- Ta. Oásis. Sô.
- Ois. Ema. Sês.
- Assas. Serra.

Cinemas

Lisboa
TURNO 38
Até às 22 horas

ALVALADE Av. da Igreja, 18-A (Tel. 892070). **ALVES DE CARVALHO** Rua Vale de St.º António, 7-9 (Tel. 840125). **AMOREIRAS** P.º Aguiar Livres, 8-D (Tel. 681515). **BOMSUCESSO** Rua Bartolomeu Dias, 63-A (Tel. 611454). **BOTES** Praça Alegria, 33 (Tel. 321149). **BOA HORA** R. Quatéis, 25-27 (Tel. 637777). **CENTRAL DOS OLIVAS** Rua Alfereis Barreiro Ruas, 7-C (Tel. 51539). **CORTEZ** Rua Lusitana, 50 (Tel. 636794). **CRUZ DE MALTA** L.º Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 866126). **DALVA** Av. Duque de Avila, 125 (Tel. 45225). **CORTEZ** R. São Nicolau, 93 (Tel. 325378). **BARROS GOUVEIA** Rua Vela Formosa, Cima 29-33 (Tel. 382180). **GASPARINHO** Rua Dr. Gama Barros, 54-A (Tel. 890485). **MARLUZ** C.º da Picheleira, 140-B-C (Tel. 720703-728395). **MOTA CAPITÃO** R. S. Felix, 45-A/B (Tel. 660720). **ONILDA** Av. João XXI, 13-A (Tel. 726848). **OURIQUE** Rua Freitas Gazu, 32-B (Tel. 671667). **PRATES E MOTA** R. da Beneficência, 91 (Tel. 773728). **PROGRESSO** Est. da Damaia, 64-C (Tel. 702226). **PROVIDENCIA** Rua D. Filipe de Vilhena 9-C (Tel. 770324). **S. JOSÉ** R. dos Anjos, 41-A (Tel. 570730). **S. TOMÉ** Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704). **SALUS** R. Luciano Cordeiro, 73 (Tel. 42239). **SIMÕES** Calçada do Tojal, 102-A. **SOUZA** Est. Benfca, 429-431 (Tel. 780027-789985). **VALENTIM** Rua Poço dos Negros, 68-90 (Tel. 601453).

PERMANENTE

BARROS GOUVEIA Rua Vela Formosa de Cima, 79-B (Tel. 382180). **GASPARINHO** Rua Dr. Gama Barros 54-A (Tel. 890485). **OURIQUE** Rua Freitas Gazu, 32-B (Tel. 671667). **PRATES E MOTA** Rua da Beneficência, 91 (Tel. 773728). **SALUS** Rua Luciano Cordeiro, 73 (Tel. 42239). **SIMÕES** Calçada do Tojal, 102-A. **VALENTIM** Rua Poço dos Negros, 88-90 (Tel. 601453). **BOA HORA** Rua Quatéis, 25-27 (Tel. 637777). **CRUZ DE MALTA** L.º do Chafariz de Dentro, 36 (Tel. 866126). **S. TOMÉ** Estrada do Desvio, lote 12-C (Tel. 790704).

NOTA As farmácias que não estão de serviço permanente encerram das 13 às 15 horas para almoço

Outra Banda

ALMADA - Cristo Rei, 31-A (Tel. 2766498). **COVA DA PIEDADE** - Rainha Santa Est. das Barrocas, 50-A (Tel. 2494182). **LA RANIEIRO** - A. Amêijo, La Ranieiro de Fora, COSTA DA CAPARICA - Carlos - Av. do Mar, 34-A-Quinta de St.º António, SESIMBRA - Lopes - R. Cândido dos Reis, 21 (Tel. 2233028). **BARREIRO** - Avenida Av. Alfredo da Silva, 88 (Tel. 2073212). **SEXUAL** - Godinho L.º da Igreja, 51 (Tel. 2218580). **MONTUJO** - Diogo - R. Almirante Reis, 50 (Tel. 2310032). **MOTA** - Silva Rocha - P. da República, 16 (Tel. 239029). **ALHOS VEDROS** - Portugal - Av. da Bela Rosa, 8 (Tel. 204250). **ALCOCHETE** - Gama - L.º António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 234100).

Linha de Cascais

ALCÉS - Cabrita - Miraflores (Tel. 2101488). **ALCABIDECHÉ** - Carvalho - Até às 21 horas. **POR-TO SALVO** - Ferreira Bastos - Até às 21 horas. **CARCAVELOS** - Central - Até às 22 horas. **VILAR** - Até às 24 e das 0 às 9 horas. **S. DOMINGOS DE RANA** - Godinho da Silveira - Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085). **Até às 21 horas**. **PAÇO DE ARCOS** - Godinho - Av. Patrão Lopes, 4 (Tel. 2432039). **Até às 22 horas**. **CEIRAS** - Central - R. Conde Ferreira, 29 (Tel. 2430058). **Até às 24 e das 0 às 9 horas**. **NOVA CEIRAS** - Leal - Até às 21 horas. **PAPEDE** - Av. Gago Coutinho B.º das Casas de Previdência (Tel. 2472948). **Até às 24 e das 0 às 9 horas**. **PAPEDE** - Junqueira Mendes - Até às 21 horas. **AMOREIRA** - (Tel. 262313/267314). **Até às 22 horas**. **MONTE ESTORIL** - Estoril - R. de Espinho, 1 (Tel. 260391). **Até às 21 horas**. **CASCAIS** - A. Costa - R. Freitas Reis, 24-C (Tel. 280214). **Até às 21 horas**. **Cordeiro** - Av. Comb. G. Guerra, 40 (Tel. 280170). **Até às 24 e das 0 às 9 horas**.

Linha de Sintra

AMADORA - Dias - Av. Marques de Pombal, Lote 9 (Tel. 934580). **Permanente**. **Carmelo** - R. Elias Garcia, lote 28 (Tel. 933303). **Até às 22 horas**. **DAMIA** - Leal - R. de Goa, 21-A (Tel. 971121). **QUELUZ** - André - Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043). **CAMARATE** - Batalha - R. Avelino S. Oliv.º 6 (Tel. 2518669). **CACÉM** - Garcia - Av. dos Missionários, 2 (Tel. 2942181). **AQUALVA-CACÉM** - Mia-Sintra - PN-Torre, 310 - Até às 20.30 horas. **ALGUEIRO** - Rodrigues Rato - (Tel. 291038). **Permanente**. **MERCES** - Claro Russo - Até às 21 horas. **RIO DE MOURA** - Riomouro - Av. Oscar Mont.º Torres, 8 (Tel. 2960194). **Até às 23 horas**. **SINTRA** - Mairi-córdia - Vila (Tel. 2930391). **Permanente**. **COLARES** - Abreja - (Tel. 299088).

Porto

(De dia e só até às 22 horas)

CONSTITUIÇÃO - Rua da Constituição, 93 (Tel. 490813). **FERREIRA DE CARVALHO** - Rua do Bon-jardim, 354 (Tel. 27640). **RAMOS** - Praça de Exército Libertador, 91 (Tel. 64935). **FIGUEIREDO, Ld.º** - Rua de Cedofeita, 125 (Tel. 21620). **SOUZA SOARES** - Rua de Santa Catarina, 141 (Tel. 22145). **VITÓRIA** - Rua de S. Roque da Lameira, 756 (Tel. 52225).

(De dia e toda a noite)

PARENTE - Rua das Flores, 114 (Tel. 21611). **CANAVARRO** - Rua da Restauração, 53 (Tel. 60754). **PADRÃO** - Rua de Santo Ildefonso, 342 (Tel. 52149). **SANIL** - Rua do Paraíso, 214 (Tel. 23935).

Coimbra

(Das 9 horas às 9 do dia seguinte)

VEGAS E COELHO - Rua de Sofia, 19-21 (Tel. 22089).

Cinemas e programas selecionados

CINE 803055
Centro Comercial de Alvalade
Sala A - Não acons. men. 13 anos
14.15, 16.30, 19.00, 21.30, 23.45
OUTRO HOMEM PARA UMA MULHER
Sala B - Não acons. men. 13 anos
13.00, 15.00, 17.00, 18.45, 21.30, 23.45
NEM GUERRA NEM PAZ

ALVALADE 897480
Av. Roma
15.15, 18.15, 21.30
Não acons. men. 13 anos
ELA DIZ SEMPRE NÃO?
c/ Hayley Mills, Oliver Reed e Noel Harrison

APOLO 763319
Av. Júlio Dinis, 10-A
14.16.30-19 e 21.30 h.
EM BUSCA DA IDENTIDADE
Não acons. men. 18 anos
24.00
O GRANDE CONQUISTADOR
Não acons. a menores de 18 anos

AVIS 547163
Av. Duque D'Ávila, 45
15.30, 18.30, 21.30
A ESPOSA SILENCIOSA
c/ Betty Tang e Chum Hisung
2.ª Semana
No amor, na devoção, no sofrimento
Não acons. a menores de 13 anos

BERNA 776098
Av. Marques de Tomar
Sessões às 14, 16.30, 19 e 21.30
5.ª semana
PRIMEIRO AMOR
um filme de Michel Lang
Eastmancolor
Não acons. a men. 13 anos

CALEIDOSCOPIO 795093
Campo Grande
14, 16.30, 19 e 21.30 h.
em 5.ª semana
PRIMEIRO AMOR
de Michel Lang
n. ac. a m/13 anos

CASTIL 530184
Rua Castilho
15.17.19 e 21.30
5.ª semana
SUÉCIA PARA O PARAÍSO E INFERNO
Int. m. 18 anos
Um documentário audacioso que revela as chocantes verdades de um dos países mais evoluídos do mundo!

CINE CITY
Rua Tomás Ribeiro 34
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30
ADEUS INSPECTOR
c/ Lino Ventura e Patrick Dewae
Não acons. a menores de 18 anos

CINEBOLSO 578407
R. Actor Taborda, 27/B
12.30, 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h.
O CASTELO DO PRAZER
Int. a m/18 anos
24.00
COMANDO ANTIDROGA
Não acons. men. 18 anos

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2
14.16.30, 19 e 21.30
em 2.ª semana
ATENTADO AO PRESIDENTE
Int. a men. 13 anos

DOIS MIL 2100055
Av. Bombeiros Voluntários, Lote 113 - Alges
15.30, 18.00, 21.30
ODISSEIA NO ESPAÇO

EDEN 320768
P. Restauradores, 21
14.16.30-19 e 21.30 h.
MUSCULOS DE AÇO
Não acons. men. 18 anos
Uma impressionante demonstração do poder esmagador de Kung Fu

ESTUDIO 555144/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.30, 18.30, 21.30
Prémio de realizações do Festival de Cannes
Nino Manfredi em
FEIOS, PORCOS E MAUS
Considerado pela Comissão de Classificação dos Espectáculos um filme de qualidade

ESTUDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83
15.30, 18.30 e 21.30
Não acons. men. 18 anos
CORAÇÃO DE FERRO
c/ Claudia Cardinale, Franco Nero, Fabio Testi

EUROPA 661016
R. Almeida e Sousa, 35
15.15 e 21.30
SANGUE FRIO EM ÁGUA QUENTE
Não acons. men. 18 anos

IMPÉRIO 55134/5
Al. Afonso Henriques, 35
15.15 18.30 e 21.30 h
3.ª semana
VÍCIOS PRIVADOS, PÚBLICAS VIRTUDES
de Mikos Jancsó
Int. a men. 18 anos

LONDRES 801313
Av. Roma, 7-A
15.15, 18.30, 21.30
em 6.ª semana
DO OUTRO LADO A MEIA-NOITE
Não acons. men. 18 anos

MONUMENTAL 555131
P. Duque de Saldanha
15.15, 18.15 e 21.30
ROLETA RUSSA
c/ George Segal, Cristina Reines
Int. a men. 13 anos

MUNDIAL 538743
R. Martens Ferrão, 12-A
15.15-18.30 e 21.30
GENTE DE RESPEITO
Int. men. 13 anos
c/ Franco Nero, Jennifer O'Neill, James Mason

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B
14.30, 16.45, 19 e 21.30
FEIOS, PORCOS E MAUS
c/ Nino Manfredi
Int. men. 18 anos
Nota: Projeção do filme, logo no início das sessões

NOVOCINE 840678
Av. General Roçadas, 7
15.15 e 21.15
LABIRINTOS DE AMOR
c/ Kabir Bedi

ODEON 326283/4
R. Condes, 12 a 20
15.15-18.15 e 21.15 h.
Int. a menores de 18 anos
O LUTADOR INVENCÍVEL
c/ Yu Yang e Ken Kazana

OLYMPIA 325309
Rua Condes, 11 a 23
Sessões contínuas a partir das 14.00
CLUBE PRIVADO
Contém cenas eventualmente chocantes
Interdito a menores de 18 anos

PATHE 821933
R. Francisco Sanches, 122
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
9.ª semana
A FORÇA DO DESTINO
c/ Rajesh Khanna, Tajma e Sujit Kumar
n. ac. a m/13 anos

POLITEAMA 326305
Rua Portas de St.º Antão
14.15 16.30 19 e 21.30 h
4.ª semana
DOCES PENETRAÇÕES
C/ Cenas event. chocantes
Int. m/18 anos

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16
SALA 1 14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 23.30
VÍCIOS PRIVADOS PÚBLICAS VIRTUDES
Int. a M/18 anos
SALA 2 14.30, 16.45, 19.00, 21.15, 23.30
INSERTS
Int. M/18 anos
SALA 3 15.00, 17.00, 19.00, 21.00, 23.00
OUTLAW BLUES
Não acons. a menores 18 anos
SALA 4 14.30, 16.45, 19.00, 21.00, 23.00
POR FAVOR NÃO MEXAM NAS VELHINHAS
Não acons. M/18 anos

RESTELO 810375
Av. Torre de Belém
As 21.30
ASBELAS MULHERES DOS OUTROS
Não acons. men. 13 anos

ROMA 887778
Av. Roma, Lote JRB
15-18.15 e 21.15 h.
AMORÉ VIDA
O triunfo do cinema indiano.
Não acons. men. 13 anos
O filme começa a projectar-se no início da sessão

ROXY 548560
Av. Almirante Reis, 20
14.15, 16.30, 18.45 e 21.30
em 2.ª semana
A VIRGEM, O TOURO E O CAPRICÓRNO
Não acons. men. 18 anos

SÃO JORGE 579144
Av. Liberdade, 175
15.15, 18.30 e 21.15
Uma grande história de amor de Claude Lébouch
OUTRO HOMEM PARA UMA MULHER
2.ª semana
James Caan, Geneviève Bujold
Não acons. a men. 13 anos

SATÉLITE 562632
Av. Fontes Pereira de Melo, 61
15-17-19 e 21.30 h.
NEA
Com Sanny Frey e Ann Zacharias
Não acons. men. 18 anos

STAR 804210
Av. Guerra Junqueiro, 14-C
14.30-16.45-19 e 21.30 h.
PRESSA DE VIVER
Não acons. men. 13 anos

TERMINAL (CINE-ESTUDIO) Tel. 371573
Estação do Rossio
11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
5.ª semana
PRIMEIRO AMOR
n. ac. m/13 anos
O filme começa a projectar-se no início das sessões

TIVOLI 570595
Av. Liberdade, 188
15.15, 18.30, 21.30
Para todos
HERBIE NO RALLY DE MONTE CARLO
c/ Dean Jones, Don Knotis

VOX 880808
Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
As 14.15, 16.30, 19 e 21.30
ADEUS, INSPECTOR
Não acons. men. 18 anos
c/ Lino Ventura

D. JOÃO V 971794
Praça Centro Comercial - Damaia
As 21.15
ZARDOZ
Não acons. a menores 18 anos

UNIVERSAL
NÃO RECEBEMOS INFORMAÇÃO

Lisboa

ABC - «Põe-se na Bicha», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

ADOCQUE - «Ora vê lá Tu», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

OUTROS CINEMAS

Lisboa

CAPITÓLIO - «No Calor de Júlia», às 19, 21 e 23 (18 anos)

CINE AUDITÓRIO - «Bullitt», às 21.15 (18 anos)

CINEARTE - «A Viúva Negra», às 21.15 (18 anos)

JARDIM - «A História de Um Crime», às 21.15 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA - Lido - «Os Violentos», às 21.15 (18 anos)

SINTRA - Carlos Manuel - «Chi-na Girl», às 21.15 (13 anos)

AMADORA - Cinestúdio - «Chantage m. Sobre uma Mulher Casada», às 21.30 (18 anos)

Linha de Cascais

ESTORIL - Casino - «A Ocasão faz o Ladrão», às 17.00, 21.15 (18 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «Os Guerreiros», às 21.15 (13 anos)

Porto

JÚLIO DINIS - «Lições Privadas», às 21.30 (18 anos)

ESTUDIO 400 - «Belle de Jour», às 21.30 (18 anos)

CARLOS ALBERTO - «Pasqualino das 7 Beldades», às 21.00 (18 anos)

BATALHA - «Os Violentos», às 21.30 (18 anos)

OLIMPIA - «Uma Virgem na Família», às 21.30 (18 anos)

SÁ DA BANDEIRA - «Saias Actua... Já», às 21.30 (18 anos)

S. JOÃO - «Domingo Negro», às 21.30 (18 anos)

TRINDADE - «A Guerra das Estrelas», às 21.30 (13 anos)

SALA BEBÉ - «Um Momento... uma Vida», às 21.05 (13 anos)

PASSOS MANUEL - «O Casal», às 21.30 (18 anos)

COLSEU - «Herbie no rally de Monte Carlo», às 21.30 (6 anos)

VALE FORMOSO - «Dentista na Cama», às 21.30 (18 anos)

ESTUDIO - «O Triângulo de Ouro», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «Sol Vermelho», às 21.30 (18 anos)

ESTUDIO FOCO - «Primeiro Amor», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «O Grande Restaurant», às 21.30 (6 anos)

ÁGUA DE OURO - «A Força do Destino», às 21.30 (13 anos)

Coimbra

TIVOLI - «O Primeiro Amor», às 21.30 (13 anos)

S. TEOTÔNIO - «A Filha de Ryan», às 21.15 (13 anos)

AVENIDA - «Pascoalino das Sete Beldades», às 21.15 (18 anos)

GIL VICENTE - «Revista Charlob», às 21.15 (10 anos)

Passos Manuel - «O Casal», às 21.30 (18 anos)

COLSEU - «Herbie no rally de Monte Carlo», às 21.30 (6 anos)

VALE FORMOSO - «Dentista na Cama», às 21.30 (18 anos)

ESTUDIO - «O Triângulo de Ouro», às 21.30 (18 anos)

RIVOLI - «Sol Vermelho», às 21.30 (18 anos)

ESTUDIO FOCO - «Primeiro Amor», às 21.30 (13 anos)

CHARLOT - «O Grande Restaurant», às 21.30 (6 anos)

ÁGUA DE OURO - «A Força do Destino», às 21.30 (13 anos)

Coimbra

TIVOLI - «O Primeiro Amor», às 21.30 (13 anos)

S. TEOTÔNIO - «A Filha de Ryan», às 21.15 (13 anos)

AVENIDA - «Pascoalino das Sete Beldades», às 21.15 (18 anos)

GIL VICENTE - «Revista Charlob», às 21.15 (10 anos)

SELF SERVICE **Mania LISBOA**
Rua 1.ª de Dezembro, 47 (Rossio)
MINI PRATO 35.00
*Mini só no preço

PEANUTS
SABES O QUE É MAIS IMPORTANTE QUE O BASEBOL? AMOR!
5-6

CONCORDO! NUNCA DISSE QUE O BASEBOL É MAIS IMPORTANTE QUE O AMOR! NÃO DISSESTE?
5-6

NÃO, NÃO DISSE! VAI-TE EMBORA! DEIXA-ME TREINAR, SIM?
5-6

TALVEZ O BASEBOL SEJA MAIS IMPORTANTE DO QUE O AMOR!
5-6



RÉNASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO: RUA CASTILHO, 118-119
TELEFONES 34531/32/33
REDAÇÃO, PUBLICIDADE E SERVIÇOS
TECHNICS: RUA LUZ SORIANO, 44
TELEFONES 321154/5, 322711/2/3,
322228, 322717/18
SERVIÇO DE NOTAS (DEPOIS DAS 21)
PORTUGAL 321154, PUBLICIDADE 308740
MENSAGENS GRAVADAS 322228
ENDEREÇO TELEGRÁFICO DIBDA, TELEX 12363
LISBOA - PORTUGAL

Mais dois petardos no Funchal

FUNCHAL, 27. Dois petardos de fraca potência deflagraram, cerca das 23.55 de sábado nas traseiras do Palácio da Justiça desta cidade, fazendo estilhaçar todos os vidros do edifício danificando um automóvel que se encontrava estacionado na área e causando prejuízos num «atelier» fotográfico.

As explosões são geralmente atribuídas ao facto de se encontrarem presos no edifício três dos quatro implicados na rede bombista da Madeira, mas não há dúvida de que os responsáveis tiveram o cuidado de evitar que estes fossem atingidos pelos estilhaços ou que sofressem de qualquer forma com o atentado, já que as bombas foram colocadas nas traseiras do edifício, num local muito distante das celas em que eles se encontram.

De acordo com a Brigada de Minas e Armadilhas, os dois engenhos eram foados por velas de dinamite e não deixaram quaisquer vestígios.

Um motociclista que às 16 e 30 de sábado pretendia atravessar a ponte de S. Pedro, em Santa Cruz, deparou com uma caixa que verificou conter um mecanismo em funcionamento, dando conhecimento do facto à Polícia Judiciária. O trânsito foi imediatamente deslocado do local e obrigado a fazer um desvio de cerca de 10 km. Às 20.45, porém, os agentes da Brigada de Minas e Armadilhas que se deslocaram ao local para despoletar o engenho verificaram que não se tratava de uma bomba.

Correia Jesuino vai falar à Francisco Arruda

O dr. Jorge Correia Jesuino, que foi secretário de Estado da Informação num Governo Provisório e é especialista em Psicologia Genética desde a sua licenciatura em Letras, vai amanhã à tarde (18.30) participar num encontro sobre este tema agramado para a Escola Preparatória Francisco Arruda. Entrada livre para todos os professores interessados.



RÚSSIA
VISITANDO A ESCANDINÁVIA
PARTIDAS
19 de Março • 10 de Junho
20 de Agosto • 7 de Setembro
Lugares limitados
INFORMAÇÕES E RESERVAS
Meliá
Rua Rosa Araújo, 2
Tel: 536971 - LISBOA
Praça Gen. Humberto Delgado,
269/r/c Tel: 310034 - PORTO

PARA UMA BOA CAMPANHA DE PRIMAVERA Trabalhadores convidam Governo a assumir responsabilidades

Cerca de 650 representantes das UCP's e Cooperativas Agrícolas da zona de intervenção da Reforma Agrária, reunidos em plenário, no Teatro Garcia de Resende, em Évora, decidiram «levar por diante uma boa campanha de culturas de Primavera».

Tal como foi assinalado no documento final do plenário, manifestaram-se os representantes das UCP's e Cooperativas na disposição de «juntamente com os pequenos e médios agricultores trabalharem para o incremento da produção». Mais uma vez (apelo inúmeras vezes repetido) convidaram o Governo a apoiar, estimular e acarinhar esses objectivos patrióticos. «Os trabalhadores sempre cumpriram o seu dever: chegou, portanto, a hora de o Governo assumir as suas responsabilidades» — sublinha-se no documento. Para que as sementeiras tenham êxito é necessário que o Governo garanta aos trabalhadores a estabilidade que permita a normalidade dos trabalhos

agrícolas. Mas não só: exige-se ainda apoio técnico, fornecimento de sementes seleccionadas, estabelecimento de preços justos, instalação de sequeiros para o arroz e o milho, garantia de escoamento dos produtos e outras medidas que possibilitem uma produção nos termos de que o País precisa.

Debruçou-se, ainda, o plenário sobre a necessidade de melhoria das técnicas de culturas e a utilização racional da terra. Pretendem os trabalhadores aumentar a área de girassol, do grão de bico, do feijão, do chicarro e outras leguminosas, manutenção da área de cartamo, substituição progressiva do milho de sequeiro por outras culturas, nomeadamente o sorgo de sequeiro. Isto no respeitante às culturas de sequeiro, porque, quanto às culturas de regadio, é intenção dos trabalhadores «desenvolver a área de arroz», «manter a área de tomate» e ainda «aumentar a área de tabaco nas zonas próprias».

Estas são as propostas dos

trabalhadores. Que o Governo faça aquilo que lhe compete...

ENCONTRO EM SANTARÉM

Enquanto em Coimbra os agricultores (do Norte e Centro) decidiam criar a Confederação Nacional da Agricultura, decorria em Santarém, uma reunião de pequenos agricultores, rendeiros e seareiros do distrito que, repartidos por cinco secções, discutiram durante o dia de ontem os problemas que os afectam. Problemas semelhantes àqueles com que se debatem os agricultores do Norte.

Tal como em Coimbra reivindicou-se, em Santarém, a revisão do Artigo 30.º da Lei do Arrendamento Rural, apoio técnico e financeiro do Estado à lavoura, abastecimento das taxas de juros do CAE (Crédito Agrícola de Emergência), segurança social e uma Previdência Rural condigna.

POSIÇÃO DO MDP CDS no Governo agravará a crise económica

Violentas críticas à composição do actual Governo, nomeadamente à presença de dirigentes do CDS à frente de Ministérios e Secretarias de Estado, foram feitas por Blasco Hugo Fernandes, do Secretariado Nacional do MDP/CDE, na sessão de encerramento da reunião que a Comissão Distrital de Lisboa daquele movimento realizou este fim-de-semana na sua sede de Belém.

«A presença do CDS no Governo vai agravar a crise económica, financeira e social em que se debate o nosso país resultante da política do

Governo Constitucional tornando ainda mais difícil a situação não só dos trabalhadores como também dos pequenos e médios agricultores», salientou aquele dirigente, acrescentando: «O reforço da unidade destas classes trabalhadoras, vítimas da política de recuperação capitalista do actual Governo, é indispensável para se operarem as transformações políticas necessárias à defesa dos seus interesses».

A reunião estiveram presentes cerca de 80 delegados representando 33 organizações

de base. Foram discutidas as tarefas fundamentais do MDP/CDE para este ano, ao nível dos diversos departamentos, e abrangendo aspectos como organização, autarquias, fundos, ensino e acção cultural.

Foi ainda eleita a nova Comissão Executiva distrital que passará a ser constituída por Fernando Silveira Ramos, Manuel Lemos Peixoto, Amílcar de Oliveira, João Paiva, José Gouveia, Fernando Vassalo e Silva, Eduardo Baptista, Jaime Casimiro e Orlando de Almeida.

Tiroteio num hotel de Lisboa consoma assalto a estação dos CTT

Ainda se encontra no Hospital de S. José, após haver sido submetido a uma intervenção cirúrgica, o terceiro suspeito assaltante da estação dos correios de Vilar (Cadaval). Os ferimentos foram-lhe provocados por disparos da polícia pois resistiu a tiro quando uma brigada o procurou deter num hotel da Rua Castilho, em Lisboa.

O caso vem de há seis dias quando o posto dos CTT em Vilar (Cadaval) foi assaltado à mão armada por três indivíduos que se faziam transportar num automóvel furtado.

Na ocasião foi roubada a quantia de 26 contos em dinheiro e quatro mil escudos em selos de correio.

A Polícia Judiciária informou, hoje, os jornalistas de que tinha detido dois dos suspeitos em escassas 24 horas a seguir ao assalto. «Foi assim possível identificar o terceiro assaltante», diz a nota da P.J.

Este terceiro suspeito Alberto Gil Negrete (que a P.J. considerava, sem mais, assaltante) resistiu à ordem de prisão tendo disparado dois tiros de pistola-metralhadora para os

agentes que o procuravam, antes de se barricar no quarto do hotel. Valeu aos agentes da Judiciária, para além da sua coragem física e da destreza profissional o facto de a pistola metralhadora (uma UZI) que o cidadão espanhol usava se ter encravado. Foi assim atingido a tiro, detido e transportado ao hospital para ser operado de urgência.

Os três indivíduos agora detidos, Rui, Adérito e Alberto, de 21, 23 e 24 anos, respectivamente, vão ser hoje presentes ao juiz de Instrução Criminal.

Álvaro Cunhal na Checoslováquia

Chegou hoje a Praga, ida de Berlim, uma delegação do CC do PCP composta por Álvaro Cunhal, secretário-geral do partido e Joaquim Gomes, membro da Comissão Política e do Secretariado do CC do PCP.

Durante a sua estadia em Praga, terão conversações com uma delegação do Partido Comunista da Checoslováquia dirigida por Gustav Husak, primeiro-secretário do PCC e contactará com vários aspectos da vida política daquele país socialista.

O regresso da delegação está previsto para o dia 1 de Março.

Escritores com António Reis

Uma delegação da Associação Portuguesa de Escritores foi, no sábado à tarde, recebida pelo secretário de Estado da Cultura, dr. António Reis, com o objectivo de expor-lhe os problemas relacionados com a situação do trabalhador intelectual.

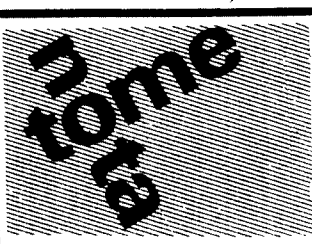
Os dirigentes da APE referiram a necessidade urgente de criar esquemas de assistência social na velhice e na doença, dado que são numerosos os escritores hoje afectados por esta situação. Foi igualmente sugerida que a APE seja dotada de uma função específica, cultural e social, e que lhe sejam atribuídos.

António Reis manifestou a intenção de dar seguimento à pretensão da APE, afirmando

na mesma ocasião o seu interesse em manter um diálogo permanente com a APE e com outras associações representativas dos trabalhadores intelectuais.

PRÉMIO

O prémio «Cidade de Lisboa», no montante de 50 mil escudos, que este ano foi atribuído a Maria Velho da Costa, passará a ser atribuído anualmente às obras de ficção publicadas ao longo do ano, não sendo preciso propor as obras a concurso. Entretanto para o próximo dia 29 estão marcadas as eleições para os corpos gerentes da Associação Portuguesa de Escritores, cessando então a actual direcção presidida por Maria Velho da Costa.



O «FACHO»

José Valle de Figueiredo, que fez parte do gabinete de imprensa criado por Spínola na Guiné e foi mais tarde um dos principais colaboradores da «Voz da Guiné», porta-voz dos «ideais» spinolistas, mais tarde fundador e militante do extinto Partido do Progresso, depois acompanhante de Spínola no exílio e integrante das hostes do MDLP, figurante também no famoso «caso Walraff», era, já quando estudante em Coimbra, bem conhecido pelo seu «ideário» e comportamento fascista.

Pois José Valle de Figueiredo foi um dos «poetas» convidados pelo dr. Francisco António Lucas Pires, o barbado deputado do CDS, para ilustrar o livro de curso de 1965 na página que a ele diz respeito. Por bem sugestivo, transcrevemos do poema: «Dois, e dois em cada momento, os séculos passando pelos séculos, o facho passado de mão em mão, a todos clamando: Estamos presentes e não morremos. Que poesia canta o nosso canto? Braços e laços conduzem o nosso facho».

MANEIRAS DE SUBSIDIAR (II PARTE)

Recentemente, referimo-nos nesta rubrica ao facto do semanário «A Rua» ter

sido subsidiado, sob a forma de um anúncio de página, pela União dos Bancos Portugueses.

Por lapso, esquecemo-nos de acrescentar que também «O Diabo» tinha sido favorecido da mesma maneira na sua edição de 21 do corrente.

Entretanto, podemos já informar que estes subsídios à «imprensa» fascista vão continuar visto que «A Rua» e «O Diabo» se preparam para inserir nas suas colunas em 10 e 16 de Março e em 28 do corrente e 7 do próximo mês, respectivamente, o mesmo tipo de anúncio.

Tal como afirmávamos na altura, continuam as fantasias «fascistas» da banca «nacionalizada», «nossa», onde «eles» parecem continuar a mandar.

APELOS SUBVERSIVOS

A despropósito da detenção de António, a conhecida dirigente da «extrema-direita» Vera Lagoa — ao que a «direita» chegou — escreve no diabolico pasquim: «Em breve voltaremos à Avenida. Em breve estaremos, de novo na rua. Em breve os acusadores serão reus. Em breve a hora será de morrer ou de vencer!»

Efectivamente, no passado dia 1 de Dezembro, morreu um homem e estoiraram bombas e bombitas. Até hoje não foram determinadas a origem dessas «bombas», a responsabilidade dessa morte.

Prometem-nos que voltarão em breve. E desta feita que «a hora será de vencer ou de morrer». Somam já as trombetas da «guerra civil». O Governo não poderá alegar que não estava prevenido.

PJ investiga o mistério da noiva desaparecida

Um caso de certo modo estranho ocorrido, ontem, junto do forte de S. Pedro do Estoril, está a intrigar a Polícia Judiciária que avançou nas investigações para as hipóteses de homicídio ou suicídio sem outros fundamentos que não sejam um testemunho oral e manchas de sangue num automóvel.

Um jovem surgiu, ontem, no quartel dos bombeiros do Estoril, pedindo socorro pois, segundo disse, a sua namorada terá aparecido a boiar, nas ondas revoltas, num momento em que se afastou do carro em que ambos se encontravam.

Simplemente, os bombeiros e a própria PSP alertada para o facto não encontraram outro rasto da suposta afogada (Maria Manuela Santana Saraiva, de 19 anos de idade) do que manchas de sangue no carro onde antes terá estado com o namorado.

A PJ que iniciou as averiguações recusou fornecer outros elementos, inclusive para confirmar ou não o desaparecimento da jovem com a alegação de «não provocar um desnecessário alarme nos familiares». Sabe-se no entanto, que a Maria Manuela tem residência em Lisboa e possui outra casa no Livramento, próximo do Estoril.

Morte na caça

Um acidente de caça vitimou Joaquim Nunes Carrapiço, de 28 anos, quando este caçava pombos na herdade de Ballesteros, próximo de Valência de Alcântara (Espanha). O disparo da arma atingiu o jovem no crânio, ocasionando-lhe a morte imediata.

TIRAGEM MÉDIA DIÁRIA NO MÊS DE JANEIRO
41 930 exemplares
(Hoje 24 páginas)



QUEM CASA QUER COPO «D'ÁGUA»
Se tomar essa feliz decisão poderemos reservar-lhe uma sala especial e prestar-lhe os nossos serviços, a preços muito convidativos. Somos também o local ideal para Baptizados e Confraternizações. Contacte o nosso gerente (Sr. Rodrigues) através do Tel. 32 70 71 ou pessoalmente na Rua 1.ª de Dezembro, 47 (Rossio) Lisboa



jose gomes ferreira



"Éh, parvos!
Então não há ninguém
que queira salvar
o mundo?"

Cá estamos nós, Zé Gomes! Mas vou imaginar que não está cá para dizer que participar nesta simpática sessão — e numa sala, cujo nome nos é muito e muito querido, o da primeira voz que nos leu em voz alta — me levou a reler quase tudo o que até hoje publicou, com a surpresa na verdade espantosa (para falar como o poeta do espanto...) de descobrir novidades no que ingenuamente julgava conhecer de cor. E que isto foi uma desgraça! Para mim, que, das dezenas de observações, confirmações, interrogações que essa releitura me suscitou, só poderei aproveitar aqui duas ou três, e sem tempo infelizmente para as documentar como convinha. E para todos os presentes porque, apesar disso, não conseguirei ser tão breve como eles mereceriam...

A minha leitura de José Gomes Ferreira é pouco pura. O que fará franzir o sobrolho à crítica mais actualizada. Mas não decerto ao poeta que tantas notas põe à margem dos seus poemas (que também são texto, é evidente, mas de certo modo fora dele) e que tanto as acha necessárias que agora, terminada a censura, lhes acrescentou muitas mais. Ao poeta que escreveu uma vez, num texto sobre Garrett: «criticar é complicar».

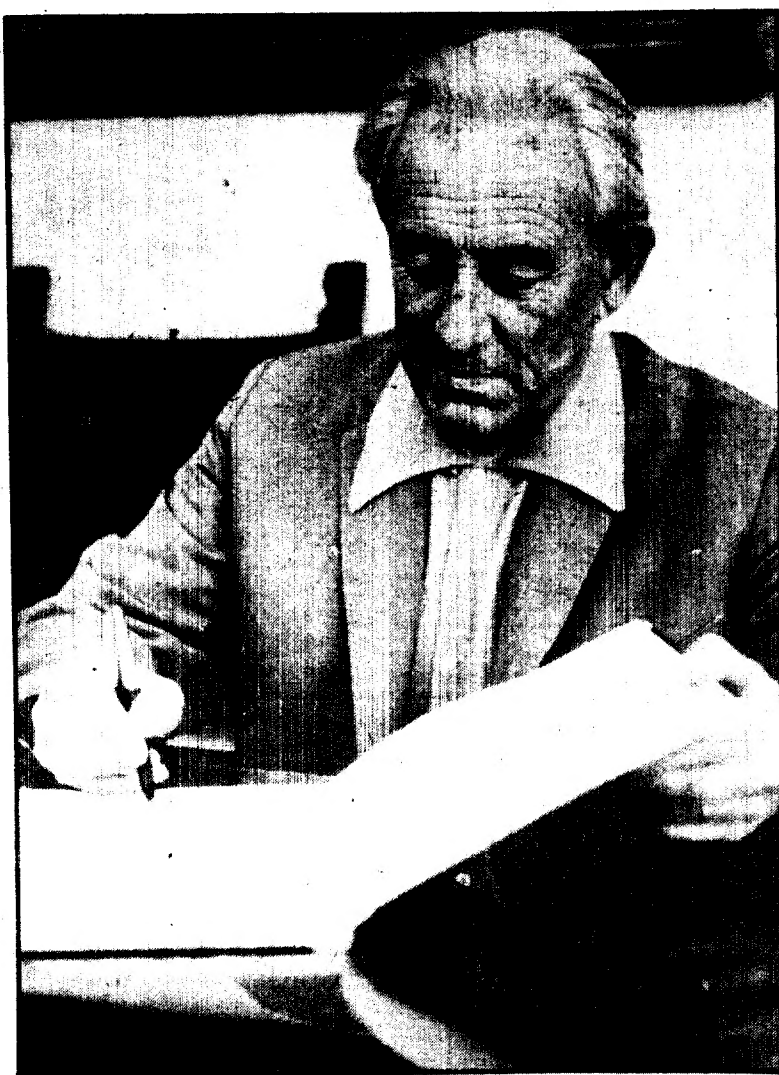
Pois como hei-de ler esta já tão vasta obra — um poema, um só verso —, desligando-a do que sei do autor, do que viveu e vivemos em comum (e não foi tão pouco como isso!), da sua tão citada proclamação «Junto a minha vez ao coro dos poetas mais novos. Recuso-me a ter mais de vinte anos» — caminhava ele para os quarenta e tinha eu precisamente vinte, como um crítico recentemente lembrou? Ou da sua conhecida generosidade, com que escreveu no exemplar de *Poesia-I* que me ofereceu (e voltou a escrever no de *Poesia-VI*) a mentira de monta de chamar-me «o homem que me inventou»? Só por um artiguinho que eu publicara em 1942, quando, esquecidos os seus primeiros livros — os *Lírios do Monte*, a que chama «recolha insossa desse momento desbussolado», e *Longe*, que

sepultou numa «fase decorativa» — o público só dele conhecia um ou outro poema publicado nesta e naquela revista de pequena tiragem, entre eles o «A uma nuvem e a todas as nuvens», que me fez puxar da caneta com um alvoroço de esperança, de que nunca me arrependi. Ou talvez também pela minha insistência (inútil) em querer que publicasse o seu novo primeiro livro na nossa colecção do *Novo Cancioneiro*.

Não vou obviamente apresentar José Gomes Ferreira, seria isso ridículo.

Toda a gente hoje sabe que se trata dum poeta tão rigorosamente inconfundível e insubstituível que, como já uma vez escrevi, uma antologia da nossa poesia contemporânea que o esquecesse resultaria irremediavelmente mutilada. Há poetas notáveis, injustamente esquecidos, por algum ou muito tempo sem que, contudo, o aspecto geral da sua época com isso se altere sensivelmente. Mas, com este, o caso mudaria de figura.

Esquecê-lo apagaria um elo básico que não é só ele, mas uma presença tal que, sem



ra, evidentemente, cabe inteiro na autodenúncia de Pessoa, ele é o contrário do que Pessoa de si mesmo dizia: «o que em mim sente está pensando». Tão autenticamente, para ele, Pessoa, que, lamentando-se de não ser como a «pobre ceifeira» que «canta sem razão», se lamentava sobretudo de não poder

«... ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! (...)»
ou dizia, noutro passo, ter saudades
«De quando, de alma alheada
Eu era não ser assim,
E os versos vinham de nada.

Hoje penso quanto faço,
'Screvo sabendo o que digo...

Em réplica a Pessoa (mesmo na pele de Álvaro de Campos ou de Alberto Caeiro e apesar do «pensar é não compreender» do *Guardador de Rebanhos*), José Gomes Ferreira poderia dizer: o que em mim pensa está sentindo, os versos vêm de nada, escrevo não sabendo o que digo.

E é esse talvez o seu segredo mais secreto: escrever não sabendo o que diz, só o sentindo e só desse sentir sempre imprevisto, mesmo quando se repete — e muitas vezes se repete — conseguir chegar ao que poderá chamar-se pensamento. Aliás, ele próprio escreveu sobre os seus princípios: «lancei-me ao meu gostoso pentear de nuvens, confiado no instinto, o grande guia das aves e dos poetas». Ou: «quando falo de aprendizado poético não aludo (...), como é óbvio, a estudos sistemáticos, mas ao conjunto anárquico, incongruente e passivo de quem recebe sem procurar». Num poema de 38: «E tu, minha voz canta / sem pensares nas raízes» (*Areia*). Noutro, de 1951: «Não te analyses» (*Idílio de Recomeço*). Noutro, de 59 ou 60, em epígrafe: «(Pensar é magoar)».

Como Picasso de si mesmo disse, José Gomes Ferreira não procura, encontra.

Nele, a sensibilidade retrai-se perante a tentação de pensar. Deliberadamente a

O POETA MILITANTE

por Mário Dionísio

ela, a nossa própria realidade não seria apenas rica: seria outra.

E chegou a altura de nos perguntarmos se aquilo que penso (ou pensamos) sobre uma antologia da poesia portuguesa contemporânea não deverá pensar-se sobre uma antologia da poesia portuguesa de todos os tempos. E de saber porquê.

Como Pessoa disse de todos os poetas, José Gomes Ferreira é «um fingidor» (e de que marca!), abrindo-se todo e logo se fechando nos seus labirintos de parênteses enganosamente explicativos, nas suas auto-ironias, nas suas lágrimas limpas à pressa ou então exibindo-se e dissimulando-se em risos de troça so-

bre a sua própria comoção, de que se envergonha ou simula envergonhar-se para a ela constantemente se entregar, expulsando-a aos gritos ou julgando que a expulsa num rompante de certezas definitivas que ele mesmo destrói e vai entretanto alimentando para melhor as destruir ou pôr à prova.

Mas, se José Gomes Ferrei-

Segunda-feira
27 de Fevereiro 1978

"Hoje penso quanto faço,

jose
gomes
ferreira

evita. Tenta exprimir-se directamente («um pássaro qual quer / canta, explica as flores» — o canto é que **explica**) por uma série de construções antitéticas e de metáforas (só aparentemente paradoxais que exigem o pensamento (mas do leitor) para volverem ao que na verdade são: simples e lineares. Onde Pessoa dizia «... sentir/É não se conhecer» poderia José Gomes Ferreira dizer: sentir é conhecer-se, donde o primeiro diz: «Sentir? Sinta quem lê», poderia o segundo dizer: pensar? Pense quem lê.

Se José Gomes Ferreira é um «paradoxo vivo», como Carlos de Oliveira lhe chamou um dia — o que ele logo glosou num curto poema («Cinzas», XXVI), é o menos em si mesmo do que na formulação antitética ou repetitiva por que o seu espanto, a sua indignação, a sua ternura se exprimem. O próprio poeta fala na «pantomima/ dos meus alca-truzes» (*Diário dos dias cruéis*, 4 de Agosto). A espontaneidade, que visivelmente preserva como seu bem supremo, espontaneamente se veste de uma complexidade exterior e voluntária. O seu paradoxo é o da própria vida antes de ser explicada, antes da tentativa disso. A análise, a que, segundo ele próprio, se entrega de cada pequeno facto e que não abandona antes de a ver esgotada, recusa-se a integrá-la num sistema geral e coerente que, além de discutível e falível, como todos os sistemas, poria sobretudo em risco o paradoxo original da sensibilidade a si mesma entregue.

E é essa a tarefa constante deste poeta — que mais que nenhum o é — da sensibilidade do homem comum, quando este, sendo todos, é principalmente cada um. Sem esquecer também que tudo isto foi escrito e publicado sob o fascismo e que muitos dos seus enleios aparentemente paradoxais se deverão a imperativos de circunstância, que muito interessam ao estudo de toda a nossa linguagem literária durante o reino da infâmia, mas que evidentemente não explicam tudo.

Estou mesmo em crer que a razão principal (que muitas outras há) da geral e até entusiástica aceitação da sua poesia vem de ser ela o invés do requinte, do sentimento raro, da subtilidade conceptual que subtilmente se explora. De ser ela a expressão, só oficialmente reelaborada, do que sente, sem saber que o sente, todo e qualquer de uma vasta camada de população, cujo nível cultural, por mais alto que seja, não atingiu (saúdeavelmente) o ponto de ruptura com a singeleza popular ou com o que dela, apesar de tudo, conserva. O tipo dos seus desvios linguísticos não o afastam mais da norma sensível e, portanto, da facilidade de recepção (não tão

imediate, contudo, como enganosamente poderá supor-se) do que a máscara do «palhaço pobre» impede o público de ver o rosto humano por trás do gesto espalhafatoso, das cambalhotas ou da gargalhada.

Palhaço de circo: imagem pobre e muito gasta, que me parece, no entanto, particularmente adequada. A propósito de *Poesia-I*, Carlos de Oliveira falou de «prestidigitador», argumentando vendo no autor «o artista solitário que constrói e destrói a própria solidão, pedindo a cumplicidade da plateia (vem como isto se fabrica) e manejando, o mesmo tempo a imprecação, a metáfora torrencial, os comícios políticos e existenciais, o contraponto do monólogo em voz baixa, os dísticos em prosa para despistar (ou talvez não)».

Como dizê-lo melhor? Mas eu mantenho a imagem do palhaço ou, melhor, preciso de fazê-la coincidir com a do prestidigitador. O prestidigitador fascina, o palhaço emociona. Ao prestidigitador cabem, de facto, muitas das «sortes» deste espectáculo a que em vão queríamos apenas assistir: não aceitamos só o pedido de cumplicidade, somos arrastados para a pista, tomamos parte no espectáculo, que assim deixa de o ser. Quando, sobre este poeta, Carlos de Oliveira fala de «deixar cair de vez em quando uma ou outra máscara accidental e tropeçar para apanhá-la» e acrescenta: «Desgrenhar-se. Gritar, murmurar, trocar o passo. E soluçar se for preciso», é já do palhaço e não só do prestidigitador que manifestamente se trata. Um palhaço-nós-todos, meio de Rouault, meio de Júlio, que aliás na sua face de «O poeta» inspirou a José Gomes Ferreira dois pequenos e dos mais belos poemas de *Idílio de Recomeço* (o VIII e o IX) ou de Chagall, quando este se auto-retrata com seis dedos e faz voar mulheres e violinos sobre as casas, como tantas vezes acontece em José Gomes Ferreira. Ou daquele outro palhaço cujo «Diário», simuladamente encontrado entre os seus imaginários «papeis», Raul Brandão imaginosamente publica: «esgares da prosa raspada de monólogo» numa «espuma de autobiografia», «amalgama de lama e dor». É sob a caracterização do «palhaço pobre» — «com a boca a sorrir por fora / o cue por dentro soluça» — versos de José Gomes Ferreira — que ele pula e grita: «Levanto-me e acuso a lua de não querer a ser redonda» (*Poesia-I*).

«Levanto-me e proíbo as estrelas de fingir que choram por mim!» (*Sonâmbulo*)

ou confessa:

«Solidão é teatro dor que se despenteia e só parece sincera quando a represento diante dos mortos com insónias sentados na plateia» (*Elegia Fria*)

ou assim se representa num dos seus múltiplos auto-retratos:

«(Meu pobre saltimbanco das lágrimas domesticadas!)» (*Idílio de Recomeço*)

II

Poeta Militante, agora publicado com o seu nome autêntico, ajudará a desfazer um equívoco sobre a poesia de José Gomes Ferreira. Vejam a nota de abertura: «**POETA MILITANTE** é a viagem do século XX em mim». O que já explicara claramente na *Memória das Palavras*, ao falar do título com quem em 1947 baptizara os seus Diários em verso: «Não mantive (cheguei a estar im-presso) para evitar que se gerasse qualquer equívoco de restrição provocado pelo termo **militante** por demais ligado à ideia de actividades políticas e religiosas. Quando em boa verdade eu escolhera a expressão **Poeta Militante** (militante da poesia total) exactamente convencido do contrário: de que assim se dilatava a **matéria cantável**. E tornou ainda mais claro, considerando que «o ofício natural» da missão do poeta é «reagir poeticamente diante da vida». Isto é: da vida pura e simples, toda ela. E mais claro ainda se tornou na *Imitação dos Dias*: «os poetas só têm uma missão — se lhes quiserem sacar qualquer missão, do que muitas vezes duvido: cantar».

E possível e perfeitamente aceitável, para quem viveu sob o terror fascista ou o não esqueceu de todo, que nesse receio de equívoco de interpretação tenha entrado também o da censura... O que, a ser verdade, mostrará mais uma vez a vantagem de não se restringir excessivamente o conceito de contexto para a boa compreensão do texto. De qualquer modo, na *Memória das Palavras* o poeta dissera de uma vez por todas que a sua poesia não era o que normalmente se considera poesia política mas a de alguém que, momento a momento, exprime seja o que for que alerte a sua sensibilidade. Tinha servia: a morte duma borboleta, o fuzilamento de Lorca ou de Companys, a Morte-morte, a mulher Amada, a Odiada, a Inventada, o Amor-Amor, a vítima de Hitler a caminho para o ceppo, Deus existe ou não existe?, a queda de Madrid, o pontapé numa pedra, o medo de atravessar o corredor às escuras, a flor pisada (...) e, principalmente, **essa coisa nenhuma**, que é o grande alimento dos poetas vorazes».

José Gomes Ferreira é, pois, um captador invulgarmente sensível — «voraz» — de tudo o que se passa no seu campo magnético — uma guerra, um fuzilamento, um mendigo, uma flor, o pontapé numa pedra, a morte duma borboleta. Tudo isso ele absorve, a tudo isso reage, tudo isso devolve transfigurado ao mundo exterior. Nisto consiste, e só nisto, a sua intervenção e

ele mesmo o declarou recentemente. Como acontece, aliás, com todos os artistas. A diferença entre eles é a da percentagem em que os múltiplos aspectos desse tudo são captados, conforme a inclinação e a sensibilidade das antenas receptivas de cada um, do seu «reflector acústico», da sua «escuta inteligente», como se diz na física dos sons (a que nunca é estranho o grau de consciência da respectiva situação na estrutura social a que pertencem) e, ao mesmo tempo, a das diferenças do comportamento oficial.

Escrevi uma vez que certos poemas de José Gomes Ferreira interessam muito ao estudo das raízes do neo-realismo «mas não chegam talvez para classificar este grande poeta de 'neo-realista', salvo numa aceção excessivamente lata, que, por isso, só dificulta a compreensão do problema. Por estranha que esta opinião se afigure» — palavras minhas de então — as



ligações existentes entre um José Gomes Ferreira e os poetas mais representativos do 'Novo Cancioneiro' são menos directas e, todavia, bem mais profundas que a apressada aplicação dum rótulo poderá fazer crer». O que não sei se na altura terá agradado ao poeta, terá surpreendido os leitores e desagradado a alguns teorizadores literários: aos que neo-realista o consideraram e aos que, ora sim, ora não.

Pensava então e continuo a pensar que nada da convicção sobre a utilidade da poesia no preparar da Revolução em termos de luta de classes (em termo de **luta de classes**, permitam-me que sublinhe) existe na poesia de José Gomes Ferreira, excepto nalguns pontos coincidentes (o que seria inevitável nesse vasto mundo onde tudo cabe), como os de alguns poemas (só alguns) de *Invasão*, de que lembrarei em especial o «A porta está um anjo mecânico» e o «Quem são estes homens/com lavas sombras/ e braços a arder?».

Que na grande variedade temática de José Gomes Ferrei-

ra, há **também**, com um vigor raramente igualado, o tema da injustiça social, do protesto, do incitamento à revolta e que ele em toda a sua obra deste ou doutro modo se insinua, quem seria tão cego que pudesse negá-lo? Folheiam-se os seus livros ao acaso e logo surgem denúncias, invectivas, exortações que não enganam sobre o sentimento socio-político do autor. Sem falar nas poesias de circunstância (como se as outras todas o não fossem...), as «funcionais» como ele diz, rigorosamente «de encomenda», que Lopes Graça musicou e toda a gente cantou numa altura menos baça da nossa vida política passada, em desafio ao fascismo no poder, e continua felizmente (ou infelizmente...) a cantar.

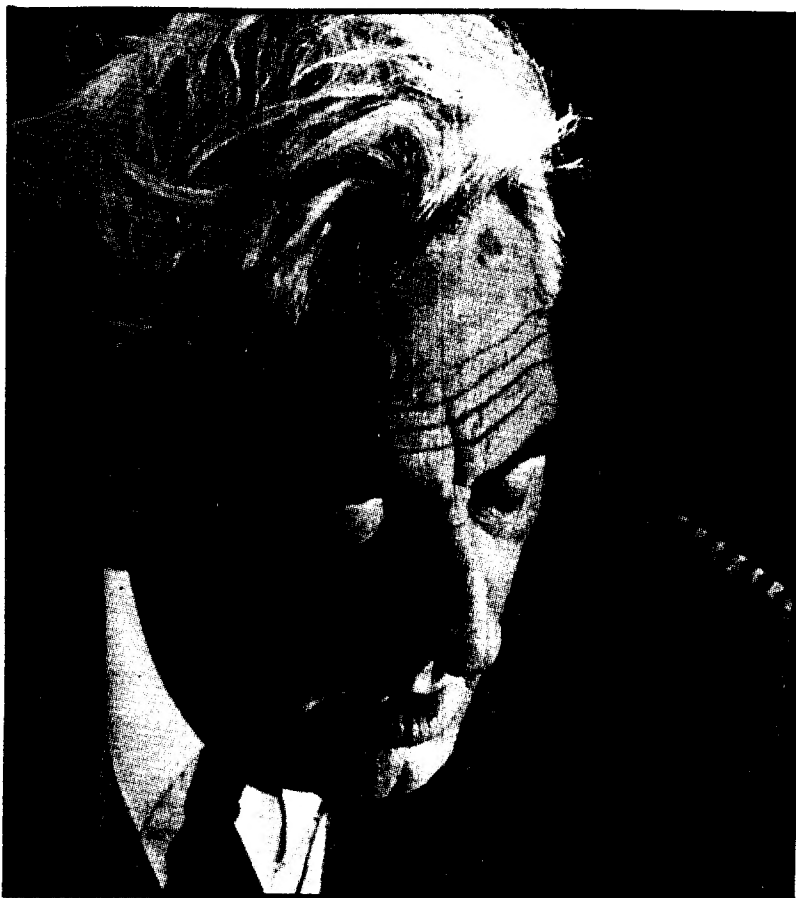
Mas é, para mim, evidente que este aspecto da obra de José Gomes Ferreira, provavelmente a mais conhecida, a mais lembrada, o seu ímpeto de revolta, é dificilmente encaixável numa **expressão estética da visão marxista do mundo**, que suponho a definição mais correcta do projecto neo-realista. Não só esse ímpeto é quase sempre refreado ou mesmo desmentido pela dúvida, o pessimismo, a auto-ironia que irresistivelmente o acompanham (e permitem leituras diferentes a gregos e troianos), como — e sobretudo — é ele alheio a uma perspectiva social (e da luta) que deva, com algum rigor, integrar-se na de Marx.

A obra e a atitude literária e político-literária dos neo-realistas (ou de muitos deles, sobretudo na fase inicial — digo sobretudo) terá sido ingénua e gravemente comprometida por pressupostos ideológicos ou manifesta confusão entre arte e ideologia. Mas correspondeu — eis o ponto fulcral — a uma situação historicamente objectiva e a um anseio de alteração muito precisa de mentalidade ou de **ponto de vista**, se quiserem. Ao propósito de adesão à causa de uma classe, não bem dos pobres, dos humildes, mas de uma classe como tal considerada: o proletariado. Ora a análise atenta da poesia desse combatente de sempre, que se chama José Gomes Ferreira, mostra que não era essa exactamente a sua concepção ou a sua possibilidade. Em qualquer das suas épocas (propositadamente não lhes chamo fases), infiltrados na sua ânsia «de outras mãos de algum dia/suadas de camaradagem do mundo novo», que já vem de 43, persistem sempre (e por isso é ele o grande poeta que sabemos, intransigentemente fiel a si próprio) a dúvida sobre a influência da poesia na

é mes reira

escrevo sabendo o que digo" ...

Segunda-feira
27 de Fevereiro 1978



acção política dos homens e sua transformação, o irremediável sentimento da solidão, o desespero ou a mágoa do sem-sentido daquilo mesmo, em que mais crê ou quereria crer: «Este Remorso Militante / que trago na pele e nos gritos / com a minha arma inútil de combate» (**Panfleto contra a paisagem**), «Oh esta comoção / de me sentir sozinho / no meio da multidão» (**Heroicas**), «a desesperança de Judo» (**Areia**), o «... Tremor-de-Terra da Revolução de Coisa Nenhuma /... / para acender o Nada!» (**Lágrimas trocadas**).

Não ignoro o perigo de se tirarem conclusões gerais de passos isolados — citar é não raro trair — que, muitas vezes, um grito súbito, um parêntese contraditório, uma metáfora inesperada põem em dúvida sobre se a dúvida do leitor terá razão de ser. Mas a verdade é que **Grito Plural**, de 1958, por exemplo termina por «onde os combates continuam e continuarão até à última caveira do Sol»

— só com furor de ecos em busca de lâminas

«as manhãs desistentes»

e o poema XX de **Heroicas**, cuja epígrafe, escrita agora, nos explica ter sido inspirado pela revolta dos marinheiros dos navios ancorados no Tejo, vencidos e enviados para o Tarrafal, tem como tema maior «PARA QUÊ?» (em caixa alta), «tudo inútil». O que pode muito bem corresponder apenas a um momento de desânimo perante o sacrifício repetido e repetidamente em vão, mas muitas vezes me levou a interrogar-me sobre se no próprio título desse livro, **Heróicas**, porventura o mais «político» do autor — o da guerra de Espanha, dos fuzilamentos de Companys e de Lorca, dum combate que o poeta considerava seu («Vamos vencer! Vamos vencer!», «Vamos perder / Vamos perder!») — não haveria, nele também, um fio de magoada ironia. Dessa ironia de mil faces ao próprio poeta dirigida e, através dele, a tudo e todos, e tanto mais pungente e significativa quanto menos declarada.

O neo-realismo, ou não, de José Gomes Ferreira — problema que considero aliás de interesse assaz restrito — reduz-se para mim a esta conclusão bem simples, que em nada o diminui ou afasta da caminhada comum: na área do seu campo magnético não há Revolução nos termos precisos decorrentes da visão de Marx. Há, sim, o sofrimento inconformado e rebelde da «Revolução Inverosímil imanescente» que o deslumbrou em Brandão e o marcou para sempre.

Porque havemos de recu-

sar-nos a ver que o tema fundamental do **Poeta Militante** é sempre, e só, ele próprio, José Gomes Ferreira? Um ele que o poeta diz não ser ele, mas «o ente espectador que vive acachapado em mim à espera da mínima brecha para se salientar»? Um eu-duplo, portanto, de que ele próprio se dá conta: «... gostaria de FALAR com nitidez EM NOME DO MUNDO e não apenas em meu nome exíguo (...). Zé Gomes», — é ele que escreve — «para quando o 'nós' dos dias completos?»

Ora este **nós** é impossível. «Ah! um segundo / como mundo de acordo comigo...», desabafa com desencanto ou desespero num poema (**de Areia**) de 1938, que poderia ser de outro ano qualquer.

Nunca outro poeta terá empregado tantas vezes a palavra «eu». E é para afirmar esse eu, constantemente por ele próprio monizado, censurado ou mesmo ridicularizado, mas sempre dominante.

(«Só vejo esta imagem com quem me assemelho e teve a coragem de sair do espelho») (**Diário dos dias cruéis**)

que tudo José Gomes Ferreira, «voraz», toma como pretexto: os acontecimentos mais graves da vida da humanidade ou os da sua própria vida pessoal, como os mais fúteis ou insignificantes, antes de os ter transfigurado: o voo dum insecto ou uma criança a pedir esmola, a guerra ou o riso dum rapariga que nunca mais se vê, uma viagem de eléctrico ou a prisão dum filho, a morte do pai ou o nascimento doutro filho, a construção dum casa ou as mãos que a constroem, o fascismo ou a revolução, a miséria, o remorso, a injustiça, a revolta, o desânimo, a ternura. Só raramente a alegria — porque a injustiça do «mundo dos outros» (que

é o seu), como ele diria, a «ajuda».

E é próprio o confirma agora definitivamente: «POETA MILITANTE é a viagem do século» («em mim»). Não é ele, José Gomes Ferreira, que viaja, mas qualquer de nós, no século XX, mas o século XX que viaja nele, José Gomes Ferreira. O que poderia dizer-se de qualquer grande poeta, é bem verdade, mas nele assume um carácter diferente e exemplar: o de saber que assim é e, sabendo-o, lutar teimosamente contra isso, com a certeza antecipada de jamais o conseguir, esquecendo embora essa certeza, até porque qualquer certeza (antecipada) seria a morte do tal «instinto, o grande guia das aves e dos poetas».

«Entra realidade, entra com pés de névoa na minha combustão de desalinho...»

Entrem, árvores.
Entrem, pedras.
Entrem, fragas.
Entrem, sóis.

Entrem, entrem neste cadinho de nuvens onde tudo se transforma em alma que recomeça» (**Areia**)

Um eu os espera. Um eu sôfrego, que não consegue sair de si mesmo, mas só pode respirar na companhia do que fora dele existe, disso a que chama «as formas envolventes» (**Memória-IV**):

«Eu em mim, contra mim, alheio, desencontro, primas, longe, perto... — monte de palavras em busca do Instante onde sempre morro incompleto» (**Cidade inexacta**)

Este «incompleto» é porém o completo, que, ao contrário o faz viver:

«A mim cabe-me apenas o sentido mais alto da vida que descobri precisamente hoje de madrugada e vem lá do negro mais fundo das formas envolventes: RESPIRAR. E mais nada» (**Memória-IV**)

III

O completo, ou seja, cada poema. Onde o não procurado se transforma em procurar. O que é dizer que tudo isto o temos de entender em termos de oficina. Uma oficina pobre, como, de outro modo, já notou Pinheiro Torres num livro fundamental sobre o poeta (**Vida e Obra de José Gomes Ferreira**): o que confere à sua obra a sua «extrema importância, e certamente maior no contexto da nossa literatura (...) não serão (...) as ousadas inovações técnicas ou um vanguardismo formal atrevidíssimo». Pois não. Trata-se antes do **registro**, no sentido que Todorov lhe dá, quando diz que «a obra literária (...) não é feita de palavras: é feita de frases e essas frases pertencem a registros diferentes da fala».

Com efeito, o seu léxico predominante, por exemplo, é o da poesia tradicional ou do nível corrente: pássaro, flor, rio, fonte, lua, planta, árvore, pedra, lume, sol, vento, nuvem, bruma, fumo, mãos, cabelos, espelho, silêncio, treva, coração, raiva, dor, espanto, tempestade, ninfa, deusa, mulher («E esta mania que eu tenho de pôr mulheres em tudo?», surpreende-se o poeta). Só muito, mas muito escassamente nesse léxico se encontram elementos típicos da época contemporânea: electricidade, máquina, motor, microscópio, automóvel, aço, termómetro, êmbolos (mas «de fábricas de coisa nenhuma...»), telegráfica (mas para adjectivar «melodia»...)

E é com este vocabulário relativamente reduzido, bastante repetido, acentuadamente tradicional, dir-se-ia gasto, que José Gomes Ferreira cria, na sua oficina aparentemente modesta, uma linguagem pessoal, inconfundível e indiscutivelmente moderna. Com a perícia, a delicia e a demora do artesão experimentado que desmancha e junta peças já usadas, as desarticula e articula em novas combinações, fazendo delas, com o calor da sua mão e o saber do ofício, algo que nunca existira e nos faz perguntar: como é possível?

Ele mesmo responde: aproveitando o automatismo — «a 'fúria' inspirada», no seu comentário irónico —, «norma a princípio subentendida e só lúcida no amadurecer dos anos» e «nunca perdendo de vista o lema de que em literatura não há defeito, desconcerto ou malefício de que, com um pouquinho de atenção, não se possa converter em vir-

tude». E atendendo sobretudo à «técnica da palavra necessária que consiste em descobrir primeiro a palavra indispensável, a palavra-fulcro, a palavra de ouro, para a colocar depois no discurso poético de qualquer maneira, em último caso num sítio despropositado e mesmo contra a corrente gramatical do poema». Técnica levada mais tarde «até ao apuro prévio de duas, três, quatro e até cinco palavras, arrancadas da nebulosidade inicial do poema — o processo serial, em suma», como escreveu.

Assim criou dois ou três recursos estilísticos próprios, que usa, ora parcamente, ora até à saturação, e com as quais põe de pé o seu pessoalíssimo universo, cujo pólo de irresistível atracção é sobretudo a surpresa.

«Com estas palavras tão roídas por toda a gente — como quer que eu faça poesia só minha, de sangue inocente?» (**Memória-II**)

Pergunta falsamente ingénua do artesão experimentado bem ciente de que

«a Poesia não é um dialecto para bocas irreais. Nem o suor concreto das palavras banais. É talvez o sussurro daquele insecto de que ninguém sabe os sinais. Silêncio insurrecto». (**Poesia-V**)

e que os poemas são

«construção de bichos com algemas nosténtaculos vivos

Bichos com luz própria nos olhos das palavras lúcidas» (**Cidade inexacta**)

e que essa luz própria das palavras, essa luz própria, é mesmo nas palavras banais que está, nos tais «montes de palavras» que ele liga, desliga, omite, re-hierarquiza até aos limites do desvio. A adjectivação feita por sintagmas preposicionais, a invenção de nomes por justaposição até ao máximo da incongruência aparente, a colocação das palavras fora do lugar onde seria legítimo esperar encontrá-las ou nelas introduzindo outra dum área linguística diferente, as apóstrofes em profusão, algumas sinestésias, as «imagens aos cachos», de cujo uso se autocritica ou finge autocriticar-se, as epístrofes que fazem ou não fazem parte do poema, que o iluminam ou obscurecem e tanto podem vir antes como depois dele, eis alguns dos processos de que a sua surpresa se tece. E tudo isto — outro lado da surpresa — escrupulosamente obediente às regras do emprego dos

Segunda-feira
27 de Fevereiro 1978

josé gomes ferreira

◀ sinais auxiliares da escrita. Não há uma vírgula, um ponto, um parêntese, aspas ou reticências que não observem com rigor as prescrições do prontuário. O que é uma maneira exigente de recusar a tentação de efeitos fáceis, em que a poesia moderna é fértil, e de tornar respeitável aos olhos de quem passa o delírio esfuziante que lá vai por dentro, o das palavras insubmissas ou que ele obriga a parecer que o são. E que, entretanto, arruma numa constante variedade de ritmos e arranjos estróficos, tão impecavelmente que o leitor menos atento talvez se não dê conta dela e que, segundo ele próprio deverá, por mais que isso nos espante, à leitura atenta de João de Deus.

E um prazer sem igual desmontar este edifício laboriosamente construído, fazer a viagem ao contrário, ir ao encontro dos possíveis pontos de partida, desconfiar dos truques do poeta, repor certas palavras onde elas talvez tenham começado por estar, pôr lá as que faltam, tirar outras cuja presença parece suspeita, reduzir tudo à banalidade inicial. E ver, então, sem possibilidade de refutação, como nada é gratuito nesta poesia excepcional, nada indiferente, nada enfite ou só efeito.

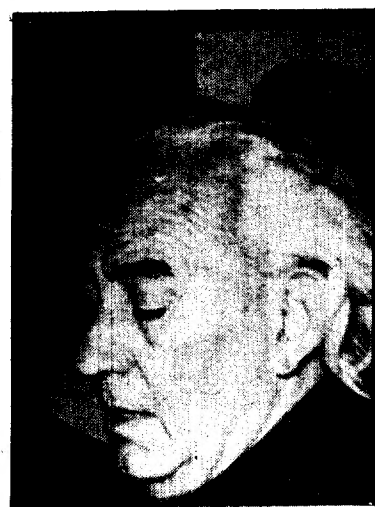
Talvez José Gomes Ferreira ignore que o zumbido dum minúsculo mosquito (ele fala de insecto, «o sussurro daquele insecto») provém duma força produzida pela vibração das suas asas da ordem de um quatrilionésimo de watts. E é talvez ignorá-lo (querer ignorá-lo) e ignorar que a sua capacidade acústico-poética excede ainda esse número espantoso revelador da extrema sensibilidade dos órgãos auditivos na audição normal, que o faz encontrar tantos desenhos milimetricamente precisos, como esse «silêncio insurrecto», que é uma das suas várias e exactas definições de poesia.

IV

Haverá quem pense que José Gomes Ferreira tem mudado (ou «evoluído», como mais erradamente se diria), aderindo a várias gerações. Que ilusão! Ele não adere, não muda, não recomeça. Acompanha e continua. E é certamente será o que sempre foi — um militante da poesia que não pára —, enquanto, de cada geração, a maior parte em breve se desprende por completo, como disse, «das aspirações da juventude» e se agarra «a ansiedades práticas». Entretanto, outra geração surge (1920, 1930, 40, 50...) e ele prossegue a captar e a transformar (a respirar) nas suas «fábricas sonhadas» com máquinas estranhíssimas de fabricar Silêncio, de fabricar

Solidão, de fabricar imagens poéticas, de fabricar Nada». Silêncio, solidão, nada: palavras por ele escritas com maiúscula e que, ambíguas como sempre, podem também significar, como todos sabemos, clamor, fraternidade, tudo.

É sabido que José Gomes Ferreira nasce, entre outros, de Raul Brandão, a que chamou o «seu mestre secreto» e obliquamente de Teixeira de Pascoaes. Digo nasce no sentido com que Malraux observa que «toda a criação é, na origem, a luta de uma forma em potência contra uma forma



imitada: qualquer poeta vai, como Rimbaud do seu *Forgeon* ao *Bateau ivre*, qualquer pintor, como Greco, conquista com o seu veneziano *Cristo expulsando os vendilhões* o seu *Enterro do Conde de Orgaz*. E assim, naturalmente as coisas se passaram — ele mesmo o descreve — com José Gomes Ferreira até chegar à descoberta da sua linguagem pessoal e à necessidade de integrá-la no contexto duma época bem diferente da de Brandão ou de Pascoaes. Mas, diferentemente de Rimbaud ou Greco, nunca José Gomes Ferreira se despegaria totalmente dos seus maiores imediatos. Embora do avesso, como no caso de Pascoaes.

A sua poesia descreve um círculo. E esse círculo, em que progride, é o da «Encruzilhada dos Equívocos», ao que pensa, «tão fecunda e útil aos poetas autênticos».

Através da profusão de temas, subtemas, variações de toda a sua obra, as suas obsessões mantêm-se. Na *Memória-III*, de 1962-63, gritando embora «abaixo a química da memória», volta aos motivos iniciais — a infância, o pai, o 5 de Outubro, o Batalhão Académico, o assalto a Monsanto —, até a um verso de Longe, livro que enjeitou mas não se apagou de todo, como poderá parecer, em vários passos da sua obra posterior. E o 25 de Abril fá-lo prosseguir, em três páginas e meia de aparentemente-prosa e nos últimos poemas, na sua

eterna e grande ilusão desiludida, sempre a mesma, de «destruir / esta maldita teia», confiadamente transferida para um dia.

Circular, a sua poesia não avança — ideologicamente falando —, aprofunda. E, quanto mais fundo vai chegando, mais desvenda o rosto mutilado dum homem preso nas algemas que ele próprio forja e que resiste, delas tentando libertar-se. Que o poeta tenta ajudar a resistir e a libertar-se, sendo ele próprio esse rosto, as algemas e a ânsia de liberdade.

E é aí, precisamente aí, que se radicam as ligações «bem mais profundas» de que um dia falei e podem traduzir-se, em banal linguagem filosófica ou sociopolítica, por luta persistente contra a alienação. Um rosto mutilado que não é só da rapariga que vai «morrer com a saia rota», o dos presos que atravessam a bruma das paredes, o das crianças que pedem esmola, o das prostitutas que «abrem as portas das sarjetas», o do mundo humilhado (eu direi: explorado) mas o do próprio banqueiro, cuja «verdadeira imagem ficou em casa a sorrir para o filho» (*Lágrimas trocadas*).

«Poeta o que é?
Um homem que leva
o facho da treva
no fundo da mina
— mas apenas vê
o que não ilumina»
(*Eléctrico*)

Eis a chave da porta principal do labirinto. «Apenas vê / o que não ilumina» quer realmente dizer: vê já para lá do que se vê e assim o ilumina. No que ainda não se vê, o poeta desmonta, desmascara, denuncia, fabrica luz e sonho, dá esperança, reencontra um rosto perdido, desaliena.

Neste «facho da treva», levado pelo Poeta («um homem») «no fundo da mina» está toda a significação mais profunda da poesia de José Gomes Ferreira, a sua «perspectiva subjacente», como diria Lukács.

O eu «exíguo» que o poeta se julga é o meu e o vosso, é um eu de milhões.

Mário Dionísio

Texto lido
pelo autor
a 15 de Fevereiro
na «Sala Manuela
Porto»
(Teatro
da Cornucópia)



UM LIVRO
DE ESPANTOSA
ACTUALIDADE

A ARMADILHA DA DÍVIDA EXTERNA

TUDO SOBRE O QUE É
E COMO ACTUA O
FUNDO MONETÁRIO
INTERNACIONAL

MORÆS
editores



O Delfim

7.ª edição

considerado entre os melhores livros do ano
por:
"Le Monde"
"Le Nouvel Observateur"
"La Quinzaine Littéraire"

outros livros de José Cardoso Pires publicados
pela

MORÆS

O Anjo Acorado
O Render dos Heróis
Cartilha do Marialva
Jogos de Azar
O Hóspede de Job
E Agora, José?

sobre José Cardoso Pires:

Ideologia e Imaginário
em José Cardoso Pires

por
Maria Lúcia Lepecki